

NA PÁGINA CENTRAL: JOSÉ CARDOSO PIRES ESCREVE DE LONDRES

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A RUELLA RAMOS
SEGUNDA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1970 N.º 16 938 ANO 49.º PREÇO 1\$50

ATENÇÃO

A MOSCA

PICA AOS SABADOS

REFORMA COMPLETA

ÚNICA HIPÓTESE DE SOBREVIVÊNCIA DA INDÚSTRIA NACIONAL

«Os anos que restam à indústria nacional, para se estruturar de molde a poder sobreviver face a unidades externas, não permitem pensar em soluções mitigadas, mas antes numa reformulação completa dos esquemas de acesso à actividade e respectivo funcionamento corrente» — afirmou o eng.º Rogério Martins, na sessão inaugural do Colóquio de Política Industrial, que durante duas semanas decorrerá nas instalações da F. I. L., à Junqueira.



O eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria, ao falar na sessão inaugural do Colóquio de Política Industrial

AQUI VÃO CONSTRUIR-SE CASAS DE PEDRA E CAL

Nestes campos comarários vai começar, em breve, a ser edificado um bairro de casas económicas. Os habitantes do Casal do Ourives, nas imediações da Madre de Deus, estão a fazer um esforço-piloto: substituir as suas habitações por casas de pedra e cal. O primeiro passo para a «transformação» do Casal do Ourives foi dado ontem.

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

Presidiu aquele membro do Governo, que estava ladoado, á direita, pelos dr. Sá Viana Rebelo, presidente da Corporação da Indústria; engs. Torres Campos, director do Instituto Nacional de Investigação Industrial, e António Casilho, presidente da Associação Industrial de Angola, e dr. Azeredo Per-

(Continua na 13.ª página)

**HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA**

Rede de TV acusada de financiar uma invasão

LONDRES, 16 — (R.) — O «Daily Telegraph» publica hoje alegações de que uma rede de Televisão dos Estados Unidos financiara uma invasão do Haiti por guerrilheiros.

Segundo fonte, que o jornal lon-

drino não indicava, grupos de revistas obtiveram direitos exclusivos da história de James Earl Ray, pagando-lhe para se confessar culpado no tribunal, de forma a não ter de depor.

(Continua na 11.ª página)



Os finalistas de Medicina curarão muita tristeza logo no «Maria Matos»

«A rançosa catedrático-depressiva apresenta uma correlação significativa com um hábito asténico especialmente marcado em certas estíptes e enquadra-se bem nas entidades nosológicas de etiologia hereditária. Os indivíduos sofrem de uma doença vagarosamente progressiva e fatal. Não há tratamento específico, podendo-se en-

saiar Testosterona, mas geralmente sem resultados palpáveis. A imagem-robot, do rançoso tipo atinge quase a ficção científica: os indivíduos são inteiramente calvos, veias saltando do crânio como raízes, mãos e pés mirrados, dedos pontegudos e unhas tortas (mãos de hábito frankensteiniano), a pele semelhante a pengamínho, sem sobrancelhas nem pestanas, nariz lembrando um bico adunco e pernas como galhos ressequidos — assim é definido o catedrático na recitação dos finalistas de Medicina de Lisboa, a efectuar esta noite no palco do Teatro Maria Matos.

O ensaio geral, levado a efeito esta manhã, pôs em evidência uma graça maliciosa, de sentido crítico, ao longo de dois actos bem ritmados e de um colorido esfuizante. A encenação de Morais e Castro soube sublinhar pequenos apontamentos de muita saciedade, provocadores de bem descontrahidas gargalhadas.

Os internos dos Hospitais Cívicos, as enfermeiras, os lugares cimeiros da hierarquia médica, o alvo de acerada ironia, a qual transcede, por vezes, os limites do bom-humor sadio.

«É tudo brincadeira» — disse-nos um universitário. — Não pretendemos ofender ninguém».

Conselho a um doente: «Úlcera duodenal?»

«Melhor técnica: você obedece e eu curo-o. Comer e deitar (xixi e cama). Papas de linhaça.

Explicação a um interno: «É frequente os indivíduos perdidos na neve sentirem sono e deitarem-se. Normalmente acordam mortos».

Graça em circuito fechado que, no entanto, despertará o riso de uma plateia, exuberantemente jovem.

«AMIGOS DE LISBOA»

A Igreja de Nossa Senhora da Pena, à Calçada de Santana, foi o objecto de uma visita de estudo, dirigida pelo pároco da freguesia, padre Carlos Ribeiro, de alguns elementos do Grupo Amigos de Lisboa. Recentemente restaurado, o templo possui, além de um valioso órgão, quadros e imagens de grande interesse, sendo muito rico em talha. O grupo visitou, também, o edifício das obras sociais da freguesia, atrás da igreja, onde funcionam um posto médico, um infirmário, bibliotecas e salas de convívio e estudo.

A MULHER COLABOROU NA AGRESSÃO

Segundo participou a P. S. P. de Aveiro, o operário fabril Jorge Teixeira, de 26 anos, residente na povoação suburbana de Matadugos, foi agredido pelos ocupantes de um automóvel, que estavam acompanhados de sua mulher Leonor Cardoso de Almeida, moradora na Póvoa do Paço, de quem se encontra separado. Esta, enquanto os indivíduos que iam no carro agrediam o marido com a coronha

de uma pistola, tentava arremessá-lo uma pedra. O caso, pelo que consta na queixa apresentada à

Polícia, deu-se quando Jorge Teixeira, que ficou com ferimentos passava com uma filha, junto da casa da sogra.

ESCUTEIROS DE PORTUGAL

«Ao seguimento da ideia de demarcarmos com a presença, embora em fotografia, na nossa sala de reuniões, do sr. prof. Marcello Caetano, é para provarmos a juventude que vive que um escuteiro que começa a vida a brincar poderá atingir os mais altos cargos na vida dos homens» — afirmou o escuteiro-chefe

Luis Mário Saraiva, depois do descerramento de uma fotografia do Presidente do Conselho, no início das comemorações do jubileu do Grupo 79 dos Escuteiros de Portugal, no Palácio das Necessidades, onde funciona a sede. Foram inaugurados alguns melhoramentos, nomeadamente, no posto de socorros, secretaria e salas de convívio.

OITO FERIDOS NUM ACIDENTE NO PORTO

Um desastre de viação, na Rua da Alegria, no Porto, provocou oito feridos. Quando um automóvel, conduzido pelo sr. José Augusto Ribeiro Soares, de 36 anos, viajante, acompanhado de sua esposa, entrava naquela movimentada artéria, vindo da Rua Latino Coelho,

surgiu um outro automóvel, em direcção Norte-Sul, guiado pelo sr. Giuseppe Di Nunsio, de 23 anos, casado, também viajante, que seguia na companhia do pai, sr. Giuseppe Di Nunsio, de 55, de origem italiana. O segundo veículo foi embateado na retaguarda do primeiro que, sem

governo, galgou o passeio, colhendo quatro pessoas. Ficaram feridos os ocupantes dos automóveis e os peões. Transportados ao Hospital de Santo António, só ali ficou internado o sr. José Castanheira Costa, de 18 anos, solteiro, que sofreu diversas fracturas.



«S. Judas Tadeu» atribuído a José de Ribera

Os onze apóstolos atribuídos a Ribera voltam hoje à praça

Voltam esta tarde à praça as 11 figuras do Apostolado atribuídas ao grande pintor Nolasco, em grande pintura Ribera, um dos lindos representantes da pintura espanhola.

Como se sabe as 11 figuras faziam parte da colecção Nolasco, vendida em leilão há tempos. Como a questão foi para tribunal, o juiz mandou-os vender em almoeada pública e há dias foram à praça. A base de arrematação era de 1100 contos, ou sejam 100 contos por cada quadro, o que de facto, para um Ribera, ou da oficina de Ribera, é preço ínfimo. Mas a praça não foi além de 850 contos e o juiz não concordou com essa verba. Por isso voltou esta tarde a leilão, no Palácio Ficalho, em frente ao «Diário de Lisboa», onde se encontra instalada a firma Soares & Mendonça, encarregada da venda.

Serão de Ribera os quadros? Há quem diga que não e em Espanha agitam-se os museus e os conhecedores

de pintura. Como poderiam ter saído de Espanha, mesmo durante a guerra, 12 figuras monumentais sem que se lhes notasse a falta?

Mas teriam elas saído de Espanha, ou estariam em qualquer casa nobre, em qualquer igreja portuguesa?

O antiquário Nolasco morreu. Ele poderia dizer a quem as tinha comprado e de onde vinham.

Serão de Ribera? E se não forem? O seu valor artístico não é inferior, nem superior, pelo facto de terem esta ou aquela assinatura. E boa pintura são, com certeza, esses quadros. Boa pintura, tão boa que como de Ribera ou da sua oficina têm sido tomados. Sómente o quadro de S. Tomé falta, talvez aquele que teria a assinatura do artista.

Onze apóstolos vão a leilão esta tarde. Quem dá por eles os 1100 contos?

A almoeada efectua-se às 16 horas.



Aspecto do ensaio-geral, esta manhã

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

SETE ANOS APÓS A REFORMA AGRÁRIA

Os camponeses iranianos
ainda não alcançaram a autonomia

TEERÃO — Da aldeia, avista-se o Terraço de Persépolis, as suas colunas que devem ver-se ou muito cedo ou muito tarde, quando o sol rasante ressuscita o vigor dos baixos-relevos. É o Irão de ontem, a Pérsia de Dario. O Irão de hoje é essa aldeia de Shamsabad nas suas muralhas de adobe, com as suas casas cegas e cúbicas e a sua limpeza pobre. Os homens estão ausentes. As mulheres vão ao poço de bilha à cabeça, com um anda; antigo e vestidas de cores cruas. Outras, agachadas, duas a duas, dentro de casa, ocupam-se num trabalho que enche todo o compartimento — tecem esses tapetes lendários que darão o sustento à família nos anos de colheitas más. A dois ou três quilómetros, vê-se a nova aldeia de Shamsabad, o Irão de amanhã, segundo as autoridades.

Aí é tudo novo, funcional, europeu. As ruas abrem-se para os tempos; as janelas são indiscretas, as praças, redondas e múltiplas. Julgar-nos-íamos numa aldeia-exposição, nos subúrbios parisienses: «Viva como iraniano em...» As casas estão ainda desabitadas, porque os habitantes de Shamsabad-Velha manifestam certa repugnância em se instalar no núcleo que, sem dúvida, consideram uma prisão dourada.

No entanto, há visitantes que vão já afluindo à nova aldeia, para verem a sociedade de irrigação agrícola, último rebento das realizações da agricultura iranianas que, estando embora muitas vezes atrasada um século, nem por isso deixa de estar às vezes adiantada de uma ideia.

Mil e trezentos hectares: 600 são irrigados (400 de trigo e 150 de betanabras açucareiras). A produção desta zona deve triplicar dentro em pouco. A sociedade anónima agrícola de Shamsabad é uma realização de vanguarda. Oitenta camponeses cederam-lhe o direito de utilização — mas não a propriedade — das suas terras. Em troca receberam ações, não transmissíveis fora da sociedade, que deveriam garantir-lhes um rendimento anual de 60 000 rials (cerca de 23 400\$00). Trabalharam também para a sociedade, mediante um salário de 70 a 140 rials (cada rial vale 39 centavos) por dia. Os 1300 hectares serão, pois, explorados da melhor maneira possível, com trator e utensilagem moderna, sob a direcção de vários engenheiros e com o concurso de um contabilista e de uma dactilógrafa.

O que não se diz em Shamsabad é que foram precisos vários anos para «convencer» os camponeses a entrarem, a bem ou a mal, na sociedade. O que não se diz também em Shamsabad é que a socialidade equilibra o seu orçamento graças à cultura da papoia dormideira, contudo, para lá das dúvidas que uma rápida visita suscita quanto à solidez de uma tal realização a meio caminho do roliz uma pergunta se impõe: por que teve o Governo iraniano a ideia de fazer enquadrar por sociedades tão omnipotentes o campesinato que a reforma agrária acabara de libertar de milénios de servidão? Estas sociedades deveriam multiplicar-se no futuro, pelo menos nas terras irrigadas. Seria necessário substituir-se o despotismo, ainda «quente», dos proprietários feudais pelo despotismo dirigista burocrático? Responder a esta pergunta equivale a fazer o balanço da reforma agrária iraniana. Sete anos são passados e a reforma só tem conhecido existência.

O boi e o transistor

Os números justificam o optimismo oficial, de rigor,

bre a agricultura são sempre de dar no condicional.

Cooperativas segundo o seu desejo

Outra verificação incita à prudência. Sternberg, sociólogo que passou muitos anos no Irão, formulou assim (2): «O que choca no movimento de reforma agrária é ter sido outorgado. As aldeias não o tinham pedido (...). Tinham assimulado a sua servidão. O proprietário fornecia a terra, a água e, muitas vezes, a parelha e a semente; o camponês, o trabalho (...). As comunidades aldeãs, pouco orientadas para a acção, foram incapazes, depois da reforma, de assumir o papel de gestão do antigo proprietário.»

Em Dousadi, por exemplo, uma aldeia a sudoeste de Teerão, o proprietário era um homem amado. Os camponeses, desorientados, começaram a lamentar a sua partida, resultante da reforma, quando foi substituído por uma equipa da F. A. O., vinda para reorganizar a aldeia, lesada por um tremor de terra. Sem ela, que se teria passado? Dez por cento dos aldeões sabiam ler e escrever. As estradas estavam bloque-

tro retratos do xá, uma secretária umas oito cadeiras e numa estante grandes livros comerciais, com os cantos desfeitos onde estavam inscrites as empréstimos dos sócios. A cooperativa empresta dinheiro, e é essa, com toda a evidência, a sua actividade principal. O que é, o crédito paga-se caro: 6% no primeiro ano, 12%, no segundo, se o dinheiro não tiver sido reembolsado e 24%, no terceiro. Na maioria das aldeias, as condições de crédito são, também, draconianas, o que reduz muito as possibilidades de o pequeno camponês sair do subdesenvolvimento.

Os agricultores de Ghassmahab receberam, também, o reforço de um engenheiro-agrônomo, pago pelo Governo. Recentemente saído da Universidade de Tabriz, não esconde a sua mágoa. Afirma um certo cansaço. Conta nas suas afirmações. Viver em Ghassmahab, nesta planície desértica, inundada na Primavera abrasadora no Verão, é renunciar a Teerão, quando toda a gente corre para lá. É trocar uma vida de funcionário por um trabalho de pioneiro e uma carreira incerta. É o exílio longe das disputas dos Ministérios. Poucos jovens se dispõem a isso. O Governo substituiu-os por militares do exército de desenvolvimento. Mas o problema permanece intacto. Os jovens do Irão preferiam, sem dúvida, de uma fé pouco comum para garantir, num meio indiferente, o florescimento das comunidades aldeãs: «Porque havíamos de ter esse entusiasmo? — explica um deles — Em pleno deserto pouco mais ganhamos que em Teerão...» Mas o dever nacional? O triunfo da revolução iraniana? «Que revolução? Desde que entramos na Universidade ficamos sob constante vigilância policial. Dentro de quatro a cinco anos estaremos integrados no sistema do bakhsh e da corrupção. É a engrenagem.»

É difícil multiplicar este género de conversa no Irão, onde as pessoas — não se trata de uma reputação — são eximias na arte da retórica verbal. Mas o desenganço, mesmo que se confesse apenas no desvio de uma frase, subsiste, o que não deixa de ser inquietante, porque o Governo contava muito com o concurso dos jovens diplomados para melhorar, nos campos, a saída dos proprietários feudais.

Além, em Teerão não se ardem em ilusões. Os cinco ministros e os 11 secretários de Estado, que rivalizam para se ocuparem da agricultura, assimiam unanimemente dois objectivos ao IV Plano. O primeiro, bastante impreciso — a auto-suficiência. A agricultura deve satisfazer as necessidades alimentares do país.

O segundo é mais imperativo — o pleno emprego. Seis milhões em cada 10 vivem ainda no campo e quatro trabalhadores em cada 10 são empregados na agricultura. Actualmente, a população activa agrícola diminui de 1% por ano. Isto se em Teerão

(Continua na 7.ª página)

Nota do dia

NA HORA DA VERDADE

É PRECISO NÃO VICIAR nem de formar os conceitos. Nem circunscrevê-los ao ponto de se estar na aldeia e não ver as casas. Nem tão-pouco, ao contrário, generalizá-los ao ponto de se tomar a árvore pela floresta. Precisamos, por isso, de nos abrigarmos do risco de pensar que a Universidade é necessariamente do que se trata de cada vez que se suscita a ideia de Ensino. E ao leigo que é o comentarista, o qual em relação aos problemas não será capaz de mais que aflorá-los, ficam todas as dúvidas de saber por que ponta é que na verdade se lhes deve pegar, se pelo fim, se pelo começo, que é o do ensino primário, também com muito que se lhe diga.

Mas a actualidade também tem os seus direitos e é isso que traz ao de cima como prioritário o problema da Universidade, que para falar a verdade não se sabe muito bem o que é. Isto quer dizer que não se sabe ao certo no que é que cada um está a pensar, porque naturalmente os pedagogos pensam na reforma dos programas, como naturalmente os políticos pensam na inquietação das massas estudantis, parecendo já difícil estabelecer-se um acordo sobre a medida em que uma coisa depende da outra ou, melhor dizendo, em que medida é que continua a depender. Porque, à partida, talvez tudo parecesse linear, mas o tempo consome-se e some-se, perdendo-se no caminho o rasto dos origens.

O aspecto agudo da crise não se tem digno em considerar que é o dos estudantes. Mas não será isso uma espécie de dor muscular ou uma febre no género daquelas que se pretende curar com uma aspirina? Para além da dor, que até pode ser e neste caso é uma dor de cabeça, que se pode distarçar ou até fazer desaparecer, há males profundos, que são os que precisam de ser atacados, há uma data de coisas pelo caminho, de que às vezes nos chegamos a esquecer e aí é que está o gato. Instalações, salas de aula, salas de trabalho, professores, programas, especialidades que faltam, tudo isso não é matéria de primeiro plano?

As instalações chegam? Sabe-se que não. Escolas como a Faculdade de Letras, com duas dezenas de anos, cujas dimensões à partida pareciam um delírio, não dão hoje para o afluxo da frequência. Pois como remédio, parece, haveria o de tentar os desdobramentos precisos, fazê-las funcionar desde manhã até à noite, por turnos sucessivos, até mais ver. E professores chegam? Também se sabe que não. Mas também se sabe que alguns quadros não estão completos, que nem todos os lugares estão preenchidos, como se estivessem à espera não se sabe de quê nem de quem. O remédio é preenchê-los adequadamente, escolher e pagar, sem o recurso barato e desmoralizante das regências dos segundos-assistentes acabados de formar.

E aqui chegamos a um ponto melindroso. É que a questão universitária será mal entendida por quem julgar de corrida que é apenas uma questão de estudantes. Em que medida é que ela não será também uma questão de professores? Não queremos dizer dos professores que não existem, das vagas por preencher, mas daqueles que existem nos quadros, que estão nomeados e são titulares e que do seu múnus em alguns casos pouco mais fazem que o trampolim para as posições honrosas ou rendosas. É incómodo, desagradável, antipático estar a chamar tudo isto à colação? Não se diz o contrário. Mas na hora da verdade é preciso não esquecer todos os dados. Queremos naturalmente que os estudantes ganhem o sentido da sua própria responsabilidade. Certo. Mas queremos também que não a percam aqueles de quem os estudantes têm de receber lições.



Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

CABELEIREIROS

M. L. ABRANTES — sob direcção de Diamantino Abrantes tem o grato prazer de convidar os seus clientes e amigos a visitar a mais moderna Exposição de Aparelhagem, Mobiliário e artigos de novidade.

IMPORTAÇÕES — REPRESENTAÇÕES
Rua Artilharia Um, 22-r/c, Esq. — Tel. 652511 — LISBOA

ESTA SEMANA NA CINEMATECA

«AMAI-VOS UNS AOS OUTROS»,

de Carl Th. Dreyer

TÍTULO ORIGINAL — «Elsker Hverander».
REALIZAÇÃO — Carl Theodor Dreyer, 1921 (Alemanha).
ARGUMENTO — Carl Th. Dreyer, segundo romance de Aage Madelung.
FOTOGRAFIA — Fridrich

Weinmann; Montagem — Carl Th. Dreyer.
INTERPRETES — Polina Pedrowska, Wladimir Gaidaron, Torleiff Reiss, Richard Boleslavsky, etc.
Sobre este filme, disse Carl Vincent: «Foi em Berlim que Dreyer realizou

«Amai-vos uns aos outros» com um complexo internacional compreendendo polacos, russos emigrados, dinamarqueses, noruegueses, alemães. A característica dominante deste filme é o realismo da descrição dos ambientes hebraicos e eslavos e o verismo dos caracteres. Ao realismo do quadro corresponde um verismo técnico, aliás marcado. Novamente Dreyer faz apelo aos «tipos» ao mesmo tempo que utilizou angulos dos bairros judeus de Berlim.» Por seu turno Michel Delabaye vai mais longe na análise deste quinto filme de fundo da filmografia de Dreyer:

«A história, muito complicada, apresenta em primeiro lugar (na Rússia, onde toda a acção do filme decorre), uma rapariga judia (Hanna) e o seu amigo de infância. Hanna reencontra mais tarde, em S. Petersburgo, o irmão, rico advogado que se converteu ao catolicismo por calculista. Al encontrará também um estudante revolucionário que se introduz no seu meio — no qual se encontra também um provocador. Este, disfarçado de monje, dirige-se à aldeia natal de Hanna para orar contra os judeus e apelar ao pogrom. Hanna, o irmão, o pai, o amigo de infância e o estudante encontram-se todos finalmente na aldeia numa explosão final em que se misturam (em vésperas do movimento de 1905) os sentimentos ancestrais e revolucionários.

(...) O filme é de uma grande riqueza de invenção e de grande concisão. No que se refere a este ultimo ponto, deve frizar-se o extremo e bulhoso rigor da reconstrução.

Em «Amai-vos uns aos outros», Dreyer prossegue o seu caminho de pesquisa que se desenvolve em vários campos e direcções. Tal como em «Páginas do livro de Santana», também em «Amai-vos uns aos outros» existem fortes influências de Griffith, sobretudo na utilização da montagem que impõe um ritmo de narrativa definido e rápido (sobretudo tendo em conta a lentidão — aparente — de grande parte do seu cinema do período de maturidade).

Na próxima quinta-feira prossegue a retrospectiva Carl Theodor Dreyer, exibindo-se «Era uma vez» (1921) e «Mikael» (1924).

L. A.

(ADULTOS)



IVONE

• BREVEMENTE no ABC

JOSÉ MIGUEL Tel. 366745
apresenta a luxuosa super-revista

Pega de Caras

Um elenco de «vedetas»

IVONE • RIBEIRINHO
NICOLAU BREYNER •
FERNANDA BAPTISTA

• 50 FIGURAS EM CENA

• A BILHETEIRA ABRE AMANHÃ AS 13 HORAS •

AR CONDICIONADO
TEATRO
VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

(ADULTOS)

HOJE, DIA DE DESCANSO DA COMPANHIA, OS ACTORES VÃO TODOS PRA CAMINHA CEDO, PORQUE JÁ AMANHÃ TERÃO QUE TRABALHAR ALEGREMENTE, AS 21 E AS 23 HORAS, EM

«O VISON VOADOR»

AS QUINZENAS
DO BOM
CINEMA

anunciam

O AMOR
NO CINEMA

HOJE

— O OBCECADO, de William Wyler, com Terence Stamp, Samantha Egar, etc.

DIA 18:

— UM VERO DE AMOR, de Ingmar Bergman, com May Britt, Nilson, AM Kjellin, etc.

DIA 20:

— LAÇOS ETERNOS, de Andre Delvaux, com Anouk Aimée, Yves Montand, etc.

DIA 23:

— VAMO-NOS AMAR, de George Cukor, com Marilyn Monroe, Yves Montand, etc.

DIA 25:

— MEU, AMOR, MEU AMOR, de Nadine Trintignant, com Jean-Louis Trintignant e Michel Piccoli, etc.

DIA 27:

— CAMINHO PARA DOIS, de Stanley Donen, com Audrey Hepburn e Albert Finney, etc.

Todas as sessões são para adultos
pelas 18.30 h. de 2.ª, 4.ª e 6.ª-feiras

no cinema
MONUMENTAL

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BILHETES À VENDA PARA TODO O MÊS
NO «MARIA MATOS»

Os aplausos do público e as reacções que se têm seguido após cada espectáculo, permitem augurar uma carreira longa e compensadora para «A Relíquia», a segunda peça apresentada no Teatro Maria Matos.

Assim, prevendo-se excepcional afluência de público, foram postos à venda bilhetes para todos os espectáculos até ao fim do mês corrente, o que permitirá aos espectadores garantir com antecedência a sua presença no espectáculo.

Hoje não haverá espectáculo, para descanso da companhia.

CAPITÓLIO

Tel. 320379

AMANHÃ, às 21.45 h.

O CRAVO
ESPANHOL
de ROMEU CORREIA

Um espectáculo baseado nos mais puros valores populares

— Adultos —

HOJE NÃO HÁ ESPECTÁCULO

MARIA
VITÓRIA

• HOJE 2.ª FEIRA,

Não há espectáculo para descanso da companhia.

(ADULTOS)

• AMANHÃ, 3.ª-FEIRA, AS 20.45 e 23 HORAS, PROSSEGUIR A SUA EXCEPCIONAL CARREIRA, EM TRIUNFAL 5.º MÊS, A FAMOSA REVISTA DE GARGALHADA

ESPERTEZA
SALOIA

• Um espectáculo de GIUSEPPE BASTOS • VASCO MORGADO

NO TEATRO
VARIEDADES

HOJE • AMANHÃ
AS 20.45 E 23 HORAS
4.ª-FEIRA: Não há espectáculo. Descanso da companhia

A REVISTA POPULAR QUE É UM ESCÂNDALO DE GARGALHADA!

ÚLTIMAS
REPRESENTAÇÕES

PEÇO

APALAVRA!

COM UMA GRANDE, ALEGRE E POPULAR COMPANHIA:
AIDA BAPTISTA • CARLOS COELHO
ELOINA • SPINA
MAX • ANITA GUERREIRO
VITOR ESPADINHA • M. FRANCO

ANTÓNIO CALVÁRIO no lindo e popular canção «Senhora da Noz»

e a atracção nacional
ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco

Um sensacional «BALLEI» internacional
Uma produção de GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

Novo
CASINO
ESTORIL



SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS



les ballets de
LEON GRIEG



JEAN
COURTIL

original
fantasista
parisiense

THE RENNO'S
MARIA VALEJO

CONJUNTO JUAN DE AIZA
COM TITIKA

FILARMONICA FRAUDE
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos no wonder bar à 1.00h m/21 anos

CAPRICE LENOIRE
só no wonder bar

No CINEMA, às 21.30 horas

NINHO DE ESPÍOES

M/ 12 anos

Teatro Maria Matos

A RELÍQUIA

CAÇA DE QUEIROS

HOJE, DESCANSO DA COMPANHIA

AMANHÃ, AS 21.45 H. (M. 17 anos)

HOJE, AS 21.45 HORAS (com a lotação esgotada) RECITA DOS FINALISTAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE LISBOA

(Maiores de 17 anos)



Annie Girardot «confidencialíssima»

NO CONDES E NO ROMA

CONFIDENCIALÍSSIMO

«Continua em exibição, nos cinemas Condes e Roma, o filme «Confidencialíssimo». Uma obra válida de cinema, com apurada técnica gizada em moldes modernos, servida por magníficos actores e dirigida por um realizador — Gerard Pirés — que soube aproveitar o argumento de Nicole de Buron para construir um mundo de crítica rissonha mas contundente, escaupelizador mas nunca tendencioso picaresco mas jamais inconveniente.

Análise aguda do nosso tempo, conta-nos a história de

«PEGA DE CARAS»

— novo êxito do «ABC»

em perspectiva

Ultimam-se os preparativos para a reabertura do Teatro ABC. É grande a azáfama no palco daquela simpática sala do Parque Mayer, onde uma nova revista vai surgir dentro de mui poucos dias: «Pega de Caras». Uma nova tentativa do empresário José Miguel e dos seus colaboradores para montar um espectáculo divertido e sumptuoso.

O texto é de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha, e a música traz a assinatura dos maestros João Nobre e João de Vasconcelos.

Ivone Silva, Francisco Ribeiro (Ribeirinho), Nicolau Breynier, Oscar Acúrsio, Linda Silva, Charles Belo, Carlos Gonçalves, Maria Eva, Carlos Queirós, Maria Tavares, Fernanda Marco, Lina Santos e Fernanda Baptista são os artistas da nova produção de José Miguel.

Figurinos de grande luxo e uma montagem à maneira parisiense, da autoria de Mário Alberto, além de um bonito guarda-roupa executado nos Ateliers Pava, sob a direcção da mestra Josefina Soares.

O escultural corpo de baile internacional, dirigido por mestre Charles — o autor da coreografia — é formado por trinta figuras das quais se desacam Jacqueline, Truka e Amadeo.

A bilheteira abre amanhã, às 13 horas.

«O DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Lufthansa, «Vozes da Manhã», «Candido dos Reis», e

um casal absorvido pela engrenagem esmagadora do seu «modus vivendi» e da sociedade que o cerca. Intriga que serve de pretexto para a construção de um espectáculo onde determinadas facetas da vida louca dos nossos dias e das figuras que nela se movimentam, são postas em evidência com oportuno sentido de observação.

As duas personagens principais — o marido absorvido por problemas de trabalho e esquecido da amável companhia, a esposa que a todo o custo quer conservar o seu amor às instituições policiais e os seus moralizadores fiscais e, principalmente, a vaga erótica com que a publicidade nos submerge dia-a-dia — são o alvo de flechas acerbas, mordazes mas espirituosas, disparadas por este filme que, geramos continue a ter por parte dos espectadores o êxito que merece e para que aporta — desde a ideia à realização, passando pelas excelentes orações de Annie Girardot, Francisco Ribeiro (numa caricatura excelente como sempre) e Jean Yanne — até porque «Confidencialíssimo» tem movimento próprio para isso. Por isso o aconshamos vivamente a todos os nossos leitores.

ABRE AMANHÃ
A TEMPORADA
DE ÓPERA
NO COLISEU

Conforme tem sido anunciado é já amanhã, que o Teatro Nacional de S. Carlos inaugura a sua temporada popular de ópera na grande sala do Coliseu dos Recreios. Durante esta temporada serão apresentadas, a preços populares, as óperas «Os Contos de Hoffmann» (Offenbach); «Diálogos das Carmelitas» (R. Poulenc), «Falstaff» (Verdi), «Lucia de Lammermoor» (Donizetti), «La Bohème» (Puccini) e «Ernani» (Verdi). Todas estas réguas populares terão o mesmo elenco artístico e a mesma montagem teatral das réguas de S. Carlos. Os espectáculos começam às 21 e 15 horas.

No espectáculo inaugural da temporada será cantada a célebre ópera «Os Contos de Hoffmann».

O NOVO ESPECTÁCULO
DO CASINO ESTORIL

Ainda com um cheirinho de Carnaval a orar as suas amplas salas, o Casino Estoril oferece já um novo espectáculo aos seus frequentadores, com um cartaz que, antecipadamente, se impõe ao gosto do grande público: Jean Courtin, excelente cançonetista-fantasia parisiense; o afamado «ballet» de Leon Greig; os excepcionais ginastas Tne Renno's; e a artista portuguesa Maria Valejo.

Começando pelo fim, assinala-se a reaparição de Maria Valejo após a sua triunfal digressão pelo Brasil. Vendo-a e ouvindo-a agora compreende-se, sem esforço, que tenha sido tão acarinhada como foi durante a sua permanência no país irmão. Está, efectivamente, ao nível das vedetas portuguesas que mereçam ser apaudadas. Por seu turno, The Renno's confirmam a categoria vulgar que patentearam exuberantemente durante os espectáculos de Carnaval. Quanto a Jean Courtin, terá de dizer-se que tem a sua missão facilitada — o público português recebe sempre de bom grado quanto vem das bandas de Paris. E, neste

caso concreto, vale a pena ser receptivo, pois Jean Courtin mostra-se senhor de uma voz bem timbrada e, sobretudo, um fanasista de bom recorte. Por último, o «ballet» de Leon Greig põe uma nota (alta) de cor e elegância no conjunto do espectáculo. Servido por uma dezena de jovens esculturas, o famoso conjunto apresenta-me a dúzia de bailados no melhor e mais vistoso estilo coreográfico moderno.

A completar o cartaz (mas só para os maiores de 21 anos que frequentam o «Wonder Bar») apresenta-se todas as noites a estonteante Caprice Lenoir — uma das melhores, se não a melhor, de quantas vedetas do género se têm exibido entre nós.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Em assembleia geral do Grupo Amigos de Lisboa, foi aprovado por aclamação um voto de agradecimento ao nosso jornal, pela valiosa cooperação, que se tem dignado prestar àquela instituição.



O cançonetista espanhol Miguel Rios desloca-se a Portugal no decorrer do próximo mês de Março. O intérprete de «El río», «Yo sólo soy un hombre», «Vuelvo a Granada» e «El cartel» vem apresentar-se na R.T.P. e num programa de variedades com outros artistas da etiqueta «Alvorada».



existimos
para o servir

para o servir — um Director especializado



BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

Com certeza que não vai utilizar os conhecimentos de todos os nossos especialistas de assuntos comerciais ou industriais. Vai, de facto, solicitar a presença de um conhecedor profundo e experiente do ramo que mais lhe interessa. E, seja ele qual for, — vinhos, conservas, cortiças, electrodomésticos, construção civil ou qualquer outro — terá a seu lado, prontamente, a pessoa indicada para resolver o seu problema.

Existimos para o servir...

...Para o servir — o nosso serviço personalizado, com "saber de experiências feito". Diálogo, afabilidade, interesse — solução para o seu caso pessoal.

EUSÉBIO DO LADO «DI LÁ»?...

O BENFICA NADA SABE E O REPRESENTANTE DO VASCO TAMBÉM DESCONHECE O ASSUNTO

«Não sabemos mais nada para além daquilo que tem vindo a um nos jornais.» Estas, as primeiras palavras de Francisco Calado, chefe do departamento de futebol do Benfica, ao ser-lhe perguntado o que havia de positivo sobre o noticiado interesse do clube brasileiro Vasco da Gama no concurso de Eusébio.

Francisco Calado precisou avisar: «Nenhuma comunicação oficial chegou até nós. No entanto, se o interesse do clube vasco se confirmar, o Benfica estudará o assunto com a atenção devida.»

A terminar: «Quer se trate de Eusébio quer de qualquer outro jogador, há sempre uma possibilidade de evolução num caso desta natureza. Tudo depende, em ultima análise, dos números envolvidos. Entretanto... só nos resta aguardar, como é óbvio.»

De expectativa é, também, a posição de José Herdeiro,

representante em Portugal do grande clube carioca. Interrogado sobre o assunto, declarou:

«Nada me foi oficiado, não obstante o meu nome haver sido citado pela imprensa brasileira como ligado à pretensão do Vasco da Gama.»

Fina zando: «A fim de, inclusivamente, poder responder aos muitos jornalistas portugueses que têm procurado colher notícias por meu intermédio, id telegrafei para o Rio, aguardando, a todo o instante que o Vasco da Gama me proporcione os necessários esclarecimentos...»

UMA CRIANÇA

VÍTIMA

DE CRIME GRAVE

ABRANTES, 16 — A cidade tem vivido em ambiente de protesto, repulsa e condenação, em face de um crime grave contra uma criança de sete anos, atraindo por um meliante a zona arborizada junto à escola oficial dos Quinchosos. A inocente recolheu ao Hospital Regional em estado melindroso.

O desvarrido criminoso, Carlos Horta, de 47 anos, do lugar de Tapadão — Alferrarede, que já esteve preso na Penitenciaría de Lisboa por crime semelhante, foi remetido ao tribunal da comarca.

VIDA SOCIAL

CONCLUSÃO DE CURSO

Concluiu a sua formatura em Ciências Biológicas o sr. dr Vítor Manuel de Figueiredo Maceira, natural de Freixo da Serra (Gouveia).

Tomou posse

a nova direcção da União de Grémios dos Espectáculos

Tomou hoje posse a nova direcção da União de Grémios dos Espectáculos, que fica a ser constituída pelos srs. Augusto Lima Mayer (do Cinema Tivoli, como representante do Grémio dos Cinemas), Vasco Morgado (que é reconduzido no cargo de representante do Grémio das Empresas Teatrais) e Alexandre Campos Costa (do Grémio das Diversões Públicas). O conselho geral é presidido pelo eng.º José Gil.

Ao acto assistiram os srs. Caetano de Carvalho (director-geral dos Espectáculos e Cultura Popular), José Maria Alves (director dos Serviços de Espectáculos), Félix Ribeiro e Judice da Costa (do S. N. I.).

A Plessey Automática Eléctrica Portuguesa comemorou um quarto de século



Tal como ontem noticiámos, a Plessey Automática Eléctrica Portuguesa comemorou vinte e cinco anos de actividade, afirmando-se como uma das maiores empresas produtoras nacionais no sector das telecomunicações. No almoço com que foi assinalado o quarto de século confraternizaram empregados e colaboradores da importante organização, num total de 3600 pessoas. Este é

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

«Sir» Alf Ramsey desconhece o interesse do Benfica pelo seu contrato (como técnico)

LONDRES, 16 — (R.) — O treinador da selecção inglesa de futebol «Sir» Alf Ramsey, disse hoje desconhecer em absoluto as notícias que se circularam relacionando o seu nome ao Benfica, que procura um substituto para o treinador brasileiro Otto Glória.

Interrogado hoje pelos jornalistas, Ramsey de-

clarou: «Não tenho conhecimento de qualquer proposta. Tanto quanto de isso não tem qualquer fundamento.»

Notícias publicadas na imprensa britânica diziam que o Benfica estava interessado no treinador da selecção inglesa para restaurar a posição da sua equipa de futebol.

O «Daily Mail» publica hoje, na sua página desportiva, um artigo com o título: «O Benfica vai oferecer a Alf 10 000 libras (700 contos)». Nesse artigo o jornal diz que o Benfica só procurará outro treinador depois de «sir» Alf ter dado uma resposta definitiva, o que poderá só acontecer depois do próximo campeonato mundial no México.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Etec	Compro	Venda	Compro	Venda
Junho 1968 3%	523\$	—	518\$	2.880\$	2.870\$
Junho 1969 3%	—	—	523\$	670\$	665\$
Junho 1970 3%	—	—	620\$	850\$	850\$
Consolidado 4%	1.480\$	—	1.480\$	194\$	194\$
Consolidado 5%	1.000\$	—	—	—	—
Junho 1968 5%	—	600\$	660\$	506\$	505\$
Junho 1969 5%	—	—	825\$	88\$	87\$
Junho 1970 5%	—	—	720\$	—	—
Junho 1971 5%	—	—	800\$	—	—
Junho 1972 5%	—	—	820\$	—	—
Junho 1973 5%	—	—	855\$	—	—
Junho 1974 5%	—	—	200\$	—	—
Junho 1975 5%	—	—	—	—	—
Junho 1976 5%	—	—	—	—	—
Junho 1977 5%	—	—	—	—	—
Junho 1978 5%	—	—	—	—	—
Junho 1979 5%	—	—	—	—	—
Junho 1980 5%	—	—	—	—	—
Junho 1981 5%	—	—	—	—	—
Junho 1982 5%	—	—	—	—	—
Junho 1983 5%	—	—	—	—	—
Junho 1984 5%	—	—	—	—	—
Junho 1985 5%	—	—	—	—	—
Junho 1986 5%	—	—	—	—	—
Junho 1987 5%	—	—	—	—	—
Junho 1988 5%	—	—	—	—	—
Junho 1989 5%	—	—	—	—	—
Junho 1990 5%	—	—	—	—	—
Junho 1991 5%	—	—	—	—	—
Junho 1992 5%	—	—	—	—	—
Junho 1993 5%	—	—	—	—	—
Junho 1994 5%	—	—	—	—	—
Junho 1995 5%	—	—	—	—	—
Junho 1996 5%	—	—	—	—	—
Junho 1997 5%	—	—	—	—	—
Junho 1998 5%	—	—	—	—	—
Junho 1999 5%	—	—	—	—	—
Junho 2000 5%	—	—	—	—	—
Junho 2001 5%	—	—	—	—	—
Junho 2002 5%	—	—	—	—	—
Junho 2003 5%	—	—	—	—	—
Junho 2004 5%	—	—	—	—	—
Junho 2005 5%	—	—	—	—	—
Junho 2006 5%	—	—	—	—	—
Junho 2007 5%	—	—	—	—	—
Junho 2008 5%	—	—	—	—	—
Junho 2009 5%	—	—	—	—	—
Junho 2010 5%	—	—	—	—	—
Junho 2011 5%	—	—	—	—	—
Junho 2012 5%	—	—	—	—	—
Junho 2013 5%	—	—	—	—	—
Junho 2014 5%	—	—	—	—	—
Junho 2015 5%	—	—	—	—	—
Junho 2016 5%	—	—	—	—	—
Junho 2017 5%	—	—	—	—	—
Junho 2018 5%	—	—	—	—	—
Junho 2019 5%	—	—	—	—	—
Junho 2020 5%	—	—	—	—	—
Junho 2021 5%	—	—	—	—	—
Junho 2022 5%	—	—	—	—	—
Junho 2023 5%	—	—	—	—	—
Junho 2024 5%	—	—	—	—	—
Junho 2025 5%	—	—	—	—	—
Junho 2026 5%	—	—	—	—	—
Junho 2027 5%	—	—	—	—	—
Junho 2028 5%	—	—	—	—	—
Junho 2029 5%	—	—	—	—	—
Junho 2030 5%	—	—	—	—	—

Mais de 50 totalistas no Totobola

Cinquenta e quatro totalistas, com 13 resultados certos (40 da Metrópole, 10 de Angola e 4 de Moçambique), ganharam a quantia de 51 716\$00 no totobola desta semana.

Com 12 resultados certos houve 1143 (886 da Metrópole, 174 de Angola e 83 de Moçambique). A cada um 2443\$20.

Impossível identificar um esqueleto dado à praia

BEIRA (Moçambique), 16 — (L.) — Por não ter o crânio e se apresentar completamente descarnado, torna-se impossível identificar um esqueleto humano que deu à praia, no desaguiadouro das paameiras, nesta cidade.

No entanto, admite-se a hipótese de se tratar dos restos do malogrado estudante alemão Bernd Kroenung, que frequentava o Liceu Pêro de Anala, nesta cidade.

O mauogrado jovem, que contava 19 anos, desapareceu no mar, no ano passado, ao atirar-se à água para recuperar um remo da embarcação em que pescava com um amigo, também daquela nacionalidade.

Quatro mortos e cinco feridos num acidente de viação perto de Moçamedes

MOÇAMEDES (Angola), 16 — (L.) — Uma camioneta á qual se seguiu um pneu despietou-se e capotou, na estrada Moçamedes-Sá da Bandeira, provocando a morte do condutor, António Domingos Alves e dos serventes Dindolo, Chindambo e Gubulo.

Ficaram feridas, e foram hospitalizadas nesta cidade, mais cinco pessoas, duas das quais em estado grave.

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTACÃO DAS ACCOES (Base: Dez. 65=100)

	9/2/70	13/2/70	16/2/70
GERAL	166,8	164,3	164,8
METROPOL	156,4	153,6	153,5
ULTRAM	242,7	242,7	248,7

PAISES	Compras	Vendas
América do Sul — Rand	36350	36350
América —		
— Dólares de 5 a 1000	285 0	28560
— Dólares de 5 a 1000	28555	28595
— Dólares de 5 a 1000	26330	26380
— Dólares de 5 a 1000	1360	1390
— Dólares de 5 a 1000	305	308
— Dólares de 5 a 1000	1308	1312
— Dólares de 5 a 1000	5500	5500
— Dólares de 5 a 1000	339,5	34
— Dólares de 5 a 1000	7370	8300
— Dólares de 5 a 1000	67580	69580
— Dólares de 5 a 1000	504,4	504
— Dólares de 5 a 1000	55	58
— Dólares de 5 a 1000	485	525
— Dólares de 5 a 1000	6363	6883
— Dólares de 5 a 1000	4590	5440
— Dólares de 5 a 1000	3560	3590
— Dólares de 5 a 1000	3385	4515
— Dólares de 5 a 1000	5335	5665
Duro:		
— Dólares de 5 a 1000	295800	315300
— Dólares de 5 a 1000	290800	310500
— Dólares de 5 a 1000	33370	35570

MOTONÁUTICA

Manuel João Raposo foi o primeiro vencedor do Torneio das Barragens

Organizada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo com o apoio técnico da Federação Portuguesa de Motonáutica, disputou-se, ontem, o Grande Prémio «Amendoeiras em Flor», na barragem do Arade, primeira prova a contar para o Torneio das Barragens que constará de 4 jornadas.

Registou a presença de cerca de três dezenas de concorrentes divididos por diversas classes e igualmente a presença de muito público interessado.

Ao contrário do que seria para esperar, esta primeira jornada em águas de barragem, habitualmente paradas, esteve longe de ser um mar de rosas, pois forte norada fazia sentir-se e as águas habitualmente calmas tinham acentuada ondulação.

Isso deu origem a diversos banhos forçados com os quais se não contava.

G Ramada que comandou a prova nas duas primeiras «mãos» e até se voltar na terceira, foi uma das vítimas.

A 2.ª «mão» para Sport e Corrida foi assinalada por um desagradável incidente que esteve na origem da colisão do concorrente n.º 17, Manuel Valente, contra a traseira do barco n.º 91, do jovem Figueiroa Rego. A colisão originou que o barco da frente fizesse «tête-à-queue» e o de trás passou-lhe por cima mesmo a meio. Só milha.

O novo rito da missa

A partir de ontem, primeiro Domingo da Quaresma, é uniforme em todo o País o novo rito da missa romana. Simplificados alguns pormenores, modificadas as intervenções dos fiéis e tornadas mais ricas e variadas as leituras, a nova missa dá inicialmente a impressão de complexidade. Muitos reagiram à emulação, uma vez que se espera da Igreja que seja o reduto da invariabilidade e da segurança. Descansem os conservadores. Como nos ensina o Magistério, a missa é substancialmente a mesma. Nada de substancial mudou. Apenas alguns aspectos científicos foram adaptados aos novos gostos.

grosamente Figueiroa Rego não ficou decapitado, mas restou-lhe para recordação, as faces cheias de equimoses. As avarias mecânicas abundaram também, afastando alguns consagrados.

A prova de Turismo praticamente não teve história, não só pelo número diminuído de concorrentes como pelo seu andamento relativamente lento.

MARIA DO CÉU

CLASSIFICAÇÕES

Sport e corrida

Classe SD — 1.º, Florélio Panta, 51 voltas; 2.º, Arnaldo Vitória, 45 v.; 3.º, Paulo Passos, 44 v. e mais 3 concorrentes.

Classe SE — 1.º, José Castelo Branco, 59 voltas; 2.º, Sousa Pinto, 57 v.; 3.º, W. Sangreaw, 52 v. e mais 5 concorrentes.

Classe SN — 1.º, Manuel João Raposo, 64 voltas; 2.º, Francisco Correia, 19 v.

Classe SI — Rui Noronha, 27 voltas (único concorrente).

Classe ON — Manuel Alves Barbosa, 54 voltas (único concorrente).

Classe OI — G. Ramada, 50 voltas (único concorrente).

Turismo

Classe TC — 1.º, António Rodrigues, 14 voltas; 2.º, Amílcar Moreira, 14 voltas.

Classe TE — 1.º, Mário Bonifácio, 17 voltas; 2.º, Fernando Santos, 16 voltas; 3.º, Fernando Moreira, 14 voltas.

VENCEDORES AO ÍNDICE DE RENDIMENTO

Sport e corrida

1.º, Manuel João Raposo, 356 pontos;
2.º, Florélio Panta, 310 p.
3.º, José Castelo Branco, 223 p.

Turismo

1.º, Mário Bonifácio, 146 p.
2.º, António Carlos Rodrigues, 132 p.
3.º, Fernando Santos, 108 p.

AUTOMOBILISMO

CHEGOU A LISBOA VAN BERGEN CAMPEÃO SUL-AFRICANO

Procedente de Joanesburgo, chegou esta manhã a Lisboa, o campeão sul-africano Van Bergen, que por ter ganhado o Rallye da Beira e o «Prémio Sonap» vai tomar parte na próxima «Volta a Portugal», que se disputa de 5 a 8 de Março. Esse prémio consiste, efectivamente, no custo da participação naquela prova.

Van Bergen era acompanhado por sua esposa que é,

também, o seu «co-equipier». O piloto é muito conhecido em Moçambique e Angola, onde ganhou já vários rallyes, e conta-se como dos mais qualificados no seu país. Há escassos dias, o casal classificou-se em segundo lugar no primeiro rallye do campeonato sul-africano.

A equipa participará na prova do Club 100 à Hora, com um «Datsun 1600 SSS», preparado pela fábrica.

«É prematuro dizer que vou salvar o União»

— disse-nos FERNANDO CABRITA

novo treinador do UNIÃO DE TOMAR

Fernando Cabrita é, desde hoje, o novo treinador do União de Tomar. Ontem depois de assistir ao jogo União-C. U. F., reuniu-se com os dirigentes tomareses José Julio e Mário Gonçalves e acertou com eles as condições em que vai trabalhar no clube do Nabão.

— Só me comprometi até ao final da corrente época (disse-nos hoje Fernando Cabrita). Depois logo se vê...

— Vou morar em Tomar, porque quero sentir o ambiente que cerca a equipa. Porque quero justificar, com o meu esforço e assistência, o dinheiro que vou ganhar do clube. Mas é prematuro dizer que vou salvar o Tomar da descida de divisão.

Conclui:

— Já trabalhei com



Cabrira: não chegou a ser um treinador desempregado

alguns dos jogadores do União: Ferreira Pinto, Manuel José, Vieira

e Kiki. Ontem, ao ver a equipa notei que tem elementos muito válidos e que em matéria de futebol pode fazer bons espectáculos. Veremos se consigo unir os jogadores.

Sei que vou lutar com bastantes dificuldades e que a tarefa é espinhosa. Mas estou optimista.

Entretanto, podemos acrescentar que Fernando Cabrita acordou com o Sport Lisboa e Benfica que o clube lhe pagará as «luvas» respeitantes a todo o tempo do seu contrato. E que o União de Tomar recebe 50 contos pela assinatura do compromisso além de ordenados, prémios, estadia em Tomar e, ainda, uma verba especial se mantiver o clube na primeira divisão.



O dr. Manuel Teles vai ser homenageado pela União de Grêmios dos Espectáculos

A União de Grêmios dos Espectáculos vai promover a realização de um jantar de homenagem ao sr. dr. Manuel Teles, como reconhecimento pelos relevantes serviços que o homem prestou à indústria dos espectáculos durante os quatro anos em que presidiu à direcção daquele organismo, cargo que abandonou por ter sido eleito para presidir à Corporação dos Espectáculos.

Esta iniciativa recebeu a melhor aceitação das empresas de espectáculos, contando-se já com um número considerável de inscrições para o referido jantar, o qual está marcado para o próximo dia 23 no restaurante «Varanda do Chanceler».

CRIADA EM MOÇAMBIQUE A OBRA DO VOLUNTARIADO SOCIAL

Na sequência de várias iniciativas com o objectivo de promover as classes de menores recursos (principalmente nos bairros suburbanos da capital moçambicana), foi publicado no «Boletim Oficial» daquele território, um diploma legislativo que institui uma associação de fins não lucrativos e carácter essencialmente social, denominada Obra do Voluntariado Social.

A acção desenvolvida pela sr.ª D. Maria das Neves Rebelo de Sousa é amplamente sustentada no preâmbulo do diploma, a construção de três postos sociais, além do projecto de outros, totalmente construídos e em funcionamento sem o recurso ao erário público.

Entre outras previsões, insere-se como objectivos do diploma: desenvolver actividades não remuneradas no sector do serviço social, com o fim de contribuir para o equilíbrio da saúde física, moral e social das populações; remediar situações familiares ou individuais deficientes pelo estudo dos factores responsáveis do meio económico e social e subseqüente auxílio por métodos racionais; colaborar em todas as acções de beneficência, educação e promoção social.

A Reforma Agrária no Irão

(Continuação da 3.ª página)

que é um bom ritmo; basta para alimentar o consumo que a indústria — sector-chave do desenvolvimento — faz de mão-de-obra. Atroucar o êxodo entravaria o florescimento económico. Deixar-se embalar introduziria a desordem numa expansão já bastante selvagem. Seria, também, concentrar nas cidades (onde, apesar de tudo, se vive melhor) um proletariado subdesenvolvido, aberto à agitação.

Para singrar o melhor possível dentro dos interesses imediatos da economia, o Governo é, pois, levado a ajudar a agricultura de modo a evitar a hemorragia dos campos sem lhe dar, contudo, a prioridade, o que comprometeria o florescimento industrial. No mundo já houve muitos outros países que praticaram este jogo de balancete. Com uma diferença, contudo: é que raramente teriam sido tão grande o afastamento entre a cidade e o campo. Dentro de cinco ou 10 anos, um bom operário de Teerão teria a inveja de um camponês da Remanilha. O camponês, esse continuará, sem dúvida, a viver numa melancolia de hectares, um terço dos quais em pouso, outro melhor e, às vezes, menos bem que no tempo das primitivas feudais. O foso, ao contrário, a alargar-se, com a falência da reforma agrícola, que, pouco a pouco, tem vindo a negar a si própria.

O ouro vai para as sociedades

A verdade é que não está nos hábitos dos jovens techno-

cratas que guiam a economia iraniana, resignarem-se com uma primeira derrota. Logo pensam numa desforra. A de agora, ao que parece, é a seguinte: o campesinato mostrou-se incapaz de contribuir para a expansão... Será, por isso, de renunciar à construção de uma agricultura industrial, exportadora para os mercados do Próximo Oriente e da Ásia? Esse será o trabalho das «sociedades agro-industriais».

A aposta é tentadora para um Governo que fez seu o «enriquecer-vos» de Gulzot. Existem no Irão terras virgens cuja exploração é agora possível pelas técnicas modernas e pela água das barragens. Basta ir a Persépolis para logo se ter a revelação. Do terraço do palácio, a vista domina uma planície de 200 000 hectares, anichada nas montanhas rochosas, densas e cultivadas, agora quase desértica, plana a perder de vista. Dentro de alguns anos, 40 000 hectares estarão irrigados, mais tarde, 80 000. Uma tal perspectiva autoriza todos os sonhos. Calculam-se em perto de 3 000 000 de hectares as terras ainda virgens, mas a manha a conquistar, que deveriam fazer da agricultura iraniana a mais moderna da Ásia.

Para quem irá esse ouro virgem? O Governo notou por confiar o seu empenhamento a sociedades anónimas — como a de Shamsabad-a-Nova — e a sociedades agro-industriais cujo capital poderá ser financiado em parte por subscritores estrangeiros, aos quais se prometem já lucros atraentes. Estas sociedades são actualmente em número de seis, associando promoto-

res americanos, jugoslavos e franceses a representantes iranianos. Cada uma delas tem entre 5000 a 18 000 hectares (os compromissos tinham recebido 6 hectares da reforma agrária). Ao pé das barragens cultivarão cana-de-açúcar, trigo, girassol, soja e algodão, a fim de os exportarem para os emiratos do Golfo Pérsico. Produzirão citrinos e lúsculos para os mercados europeus. As fábricas, instaladas no meio dos campos, fabricarão açúcar, papel, sumos de frutas, conservas, etc.

Castelos no Irão, tudo isto? Os agricultores anónimos, que especulam com as necessidades do «terceiro mundo» para escoarem os seus produtos, poderão desiludir-se se estes projectos? É sem dúvida, científico que a realização desse ambicioso desfecho tenha sido atribuída ao Ministério da Agricultura e da Alimentação. Financiamos a pensar num ditto ministro da Política Lavoura, a pararmos a nós próprios se o Governo iraniano não o terá abandonado: «A agricultura é uma coisa demasiado árdua para a modernos confiar aos camponeses».

- (1) A. F. A. O tem 88 técnicas no Irão, obra anónima, editada pelo Ministério da Agricultura, de Investigações e Estatísticas, uma publicação de 1967, com 100 páginas, com ilustrações de Caminha, nas oficinas de Varamin e de Garmar, etc.
- (2) Este estudo vem publicado no livro *Terre, Paysans et Politiques*, de Henri Médard e Yves Tavernier (Edições Sedes).

ECOS

NAO é com indiferença, mas com orgulho, que assistimos ao triunfo da obra de Fernando Namora no mundo, porque esse triunfo nos respeita, de certo modo, a todos os que, homens de palavras também, vimos nascer a sua obra e a seu lado vivemos, lutamos, nos maravilhamos e sofremos e da nossa vida arrancamos linguagem e da linguagem tentamos fazer vida e como ele trabalhamos por dar voz aos outros, aos pequenos, aos ignorados, aos distantes. Alegria-nos saber que na Sorbonne foi apresentada uma tese de licenciatura da autoria de Annie Massenet, cujo título é «A realidade alentejana na obra de Fernando Namora», baseada numa análise dos livros «Cidade Solitária», «Retalhos da Vida de Um Médico» e «O Trigo e o Joio». Ao mesmo tempo a editora Stock anuncia já a edição do romance «Fogo na Noite Escura», a sexta tradução de Namora em França. Já não pode tratar-se de um acaso. É a certeza da implantação do nome de Namora no público francês.

ACTUALMENTE existem meios eficientes para se descobrirem no conjunto da população os portadores da tuberculose pulmonar. A despistagem sistemática e rotativa é, com certeza, o único processo autêntico para, num lapso de tempo curto,

se poderem detectar e tratar, em número maciço, os doentes. Assim, mercê de um tratamento precoce e correctamente instituído — particularmente nos casos de evolução recente — torna-se possível, a breve trecho, conseguir que os tuberculosos, mesmo continuando o tratamento até à cura clínica e radiológica, deixem de ser fontes de permanente contaminação para os seus parentes e próximos. O tratamento de despistagem deverá ser considerado parte obrigatória da luta antituberculosa, descobrindo os doentes não só para os tratar mas para evitar a propagação do mal. Se as coisas se fizerem a sério, terá de ser o Dispensário da com os doentes e não estes a descobrirem o Dispensário Antituberculoso.

DEPOIMENTO relâmpago de uma jovem, bela e extravagante norte-americana, recolhido por Paulo Muller no seu inquérito ao comportamento da juventude estadunidense: «Para mim a arte é o que eu faço, no instante em que o faço, um gesto de dança, ou de amor. Quando me visto com trajes psicadélicos, faço arte pura. E quando passeio pelas ruas assim vestida, não sinto a necessidade de escrever poemas nem de pintar, visto que sou eu própria a arte ambulante.»

A transformação do Casal do Ourives começou em fim-de-semana

A história é simples e portuguesa e os jornais contam-na: era uma vez um «bairro da lata» predominantemente habitado por recém-vindos do interior rural. Habitados por «saloios», dizem os vizinhos. Era uma vez, também, um Centro Social, algumas assistentes sociais e aquela virtude que os portugueses têm a todos: boa-vontade. Com ela, as assistentes sociais e os «saloios» furaram vidas portas e paredes e deram corpo a uma obra: a transformação do «bairro da lata» em bairro (económico) de pedra e cal. Por enquanto, porém, a transformação adquire características mais modestas: ontem os moradores do «bairro» do Ourives agarraram em algumas das suas barracas e mudaram-nas de local. Para que as máquinas da Câmara possam começar a construir os arruamentos do futuro «bairro económico».

Esta primeira transformação teve início na sexta-feira passada; e, ao longo do fim-de-semana, no Casal do Ourives trabalhou-se incansavelmente para que, ao principiar a segunda-feira, os habitantes das barracas desalojadas pudessem ir para as suas ocupações deixando a família «em ca-

sa» e a «casa» arrumada. Durante o fim-de-semana os habitantes do Casal do Ourives foram ajudados pelas suas assistentes sociais, pelos ajudantes das assistentes sociais, por amigos e ajudantes, por vizinhos por curiosos, por domingueiros, por vizinhos dos curiosos, etc., etc.

Vitor Pi — pintor e poeta, segundo disse ao repórter — ajudou as gentes do Casal do Ourives porque acha «que todas as pessoas devem ter um mínimo de condições de vida». Isabel Marta — uma assistente social que modestamente se recusava, a dizer o nome... — esteve no bairro «em serviço»; «fora do horário», murmurou alguém que a ajudava a carregar umas tábuas.

O sr João Manuel, pelo contrário acompanhado da mulher das filhas e da sogra, limitou-se a olhar para os que trabalhavam. Moram nas redondezas e os domingos são para passear. Acham «muito engraçado» o esforço dos moradores do «bairro», a chamarem muito bem que a Câmara lhes dê umas «casas de gentes», mas acham também que muitos deles não têm necessidade de lá habitar. «Alguns até têm carro», dizem entre dentes.

Bairro França Borges

Augusto de Freitas, um torneiro mecânico que é um dos anamadores do Centro Social do Casal do Ourives e uma das almas

do empreendimento, explica que a construção do «bairro económico» só foi (isto é, só será) possível graças à intervenção pessoal do actual presidente da Câmara Municipal «O nome do bairro já está posto — diz aos jornalistas — será bairro França Borges. O sr presidente ainda não tem nada em Lisboa com o nome dele.»

Francisco dos Santos, servente de obras, um dos moradores transferidos, preferiria que o bairro continuasse a chamar-se Casal do Ourives. Tem seis filhos e desde ontem, uma barraca de tábuas, nova oferecida por uma benemerita serração das redondezas. Tem ido às reuniões do Centro Social, acha que «os de lá são todos boas pessoas e gostam de ajudar».

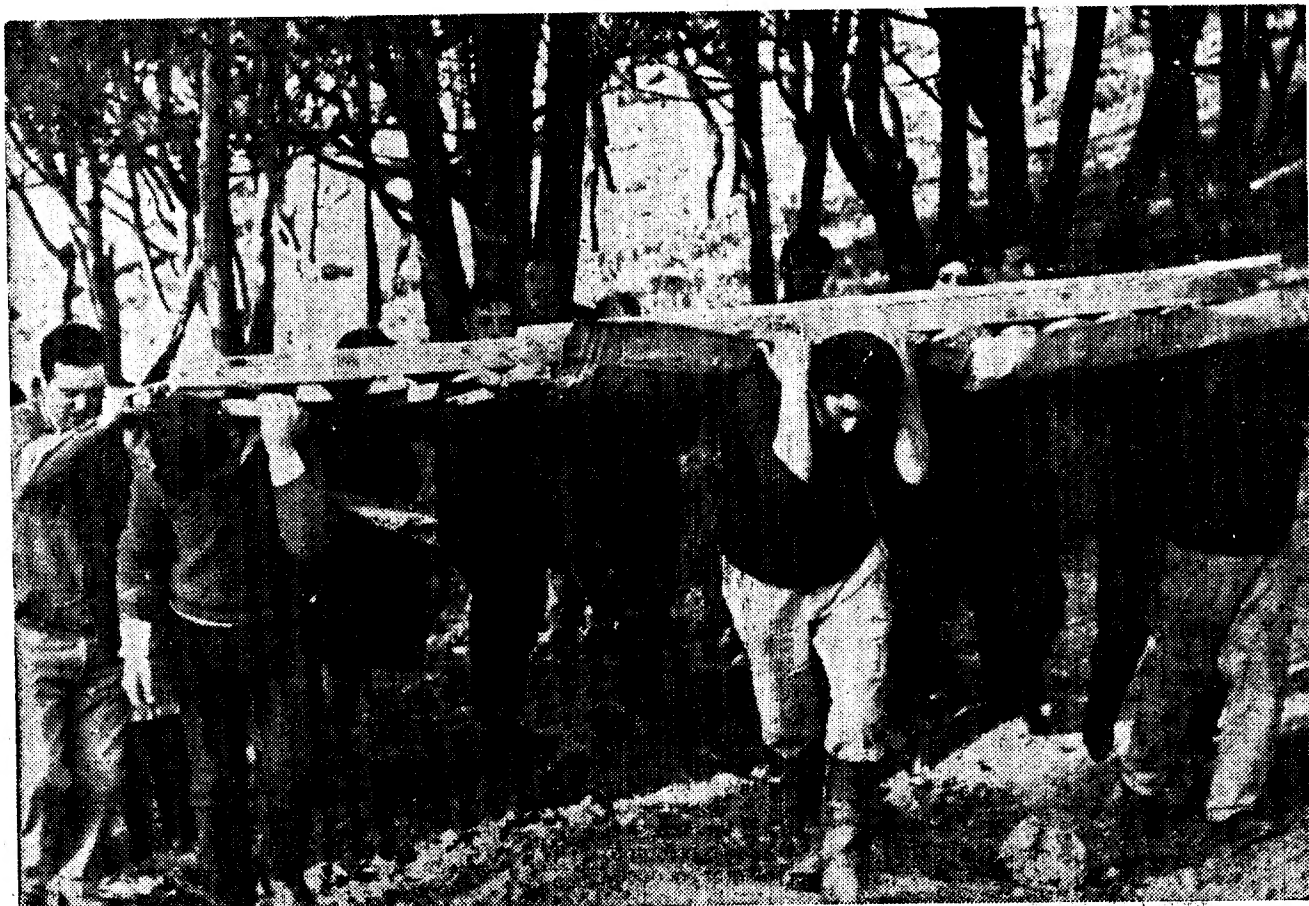
Manuel Rodrigues Lopes, um capataz das obras que ganha 85\$00 diários e tem «quatro filhos e véspera de outro», não teve direito a tábuas novas. Mas está animado: dentro de meses terá (talvez) uma casa.

Antero Correia Ferreira, um operário que ganha 65\$00 por dia, não se mudou nem ajudou ninguém: a mulher «estava doente, teve de tomar conta da filha Vive no «bairro» há quatro anos, desde que veio da terra. Era agricultor.

Carlos Manuel da Silva, que não se mudou mas que ajudou os outros, é estivador ganha 135\$00 por dia, vive com a mãe, não gosta que lhe chamem saloio. Há dezasseis anos que mora numa barraca e confirma que alguns dos habitantes do Casal do Ourives têm automóvel. Não acha estranho: «Isso não tem coisa nenhuma».

Caridade

Todos são unânimes: as assistentes sociais — Isabel Marta e D. Guilhermina da Cunha Sérgio, sobretudo — são «muito amigas» das gentes do Casal



Nova tábua para novas barracas: um esforço para o bairro França Borges

SÃO SÓ 15 DIAS!!
CALÇADO PARA HOMEM
SENHORA E CRIANÇA
DESDE 30\$00
RESTOS DE COLECÇÕES
SAPATARIA LISBONENSE

R. AUGUSTA, 202 • R. DA ASSUNÇÃO, 57

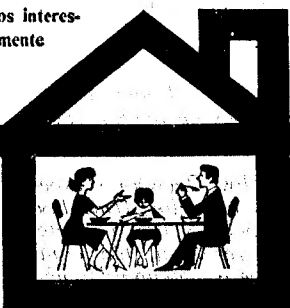
colítico?

o seu problema alimentar será facilmente resolvido através de novos métodos de alimentação racional.

Enviamos documentação aos interessados e prestamos graciosamente todos os esclarecimentos e assistência.

CENTRO DIESE
de alimentação racional

AVENIDA DA REPÚBLICA, 46-R/C
TELEFONE 767141 LISBOA I



Duas das barracas deslocadas, em fase de rec



Um fim-de-semana caridosamente doado aos habitantes do Casal do Ourives

do Ourives, D. Guilhermina trabalhou toda a manhã e acabou por adoecer: os jornalistas quiseram interrogá-la mas não conseguiram. Todos são unânimes: veio muita gente simpática ajudar houve boa-vontade a rodos. «E

houve ordem», afirma o guarda da P. S. P. de serviço no local. Os que cristãmente vieram ajudar passaram um fim-de-semana sob o signo da caridade. Com ela fazem-se bairros. Portuguesamente.

TÁGIDE: REGRESSO AO PRIMEIRO PLANO

Estão ainda na memória de muitos as noites de estreia da Tágide. Mouloudji, Becaud e Aznavour actuaram ali, entre quentes aplausos que coroaram, igualmente, o «taconeio» arrebatador dessa incomparável Carmen Amaya. Muitos foram os grandes artistas internacionais que na Tágide somaram êxitos, consolidando o prestígio da elegante «boite».

Depois de largo interregno, durante o qual foi quase esquecida como letreiro luminoso da noite lisboeta, a Tágide readquire o antigo prestígio, mercê da larga vi-

são dos que agora a dirigem e dos propósitos que os animam.

Com as condições magníficas que tantos conhecem, no seu ambiente acolhedor, a Tágide volta a oferecer um grande cartaz de atrações internacionais, previsto para um futuro próximo. Presentemente, ali actuam, todas as noites, Tony de Matos, o intérprete das canções que andam na boca de toda a gente, e as alegres e graciosas Irmãs Benavente, vedetas espanholas de ritmos modernos, encabeçando o escolhido elenco artístico dirigido pelo cantor Luis Guilherme, além do excelente conjunto de Victor Bonjour.

A Tágide readquire, pois, o seu prestígio de «boite» elegante e convidativa. Da-se o regresso ao primeiro plano — como se impunha.

«MUITO RESPEITOSAMENTE...»

assina

Priljowan Ry

— ... O TIPO já estava a ir longe de mais e eu cortei o mal pela raiz: «Ouça, o cavalheiro sabe com quem está a falar?»

— É ele?

— Ele? Amansou, que remédio.

Que casal é este, tão composto e tão turístico, que atravessa, assim, no metropolitano da Piccadilly Line (e em português corrente), a cidade meio adormecida?

Média burguesia lisboeta, arrisco eu, olhando-os do meu lugar. Ele de unhas envernizadas sapatos brilhantes, cara escanhada e luz-dia — envernizada também, pode dizer-se. Ela, a aproximar-se da mini-saia retrai-se, veste portuguêsissimamente, apenas com um chapéu de feltro cem por cento londrino a dar a nota da viagem. Vem carregada de compras, de sacos da Miss Selfridges B. & H. Marks & Spencer O homem, muito direito no banco em frente, continua a falar (protegido julga ele, pelas imunidades do português coloquial).

Por cima de nós nove milhões de habitantes repousam, enfim, do ciclo diário de uma cidade que se debateu em trânsito, marchas de protesto comércio, pubs, entrevistas na televisão com o general Gowon ou com o John Lennon da exposição cancelada: ou com Ionesco ou com Enoch Powell, o racista E por baixo da cidade, a não sei quantos metros de profundidade, circula um homem de unhas envernizadas que relembra a conversa que teve alguns, para lá do aeroporto da Portela, com um indivíduo que ignorava com quem estava a falar.

É pessoa dos seus quarenta anos, parece. A idade de uma visita conjugal ao *strip tease* e aos clubes sexy do Soho. Na sua qualidade de comerciante, não dispensará uma peregrinação pela City à hora do meio-dia e, à noite, está certo e batido no *Talk of The Town*.

Estará? O mais prudente é eu retirar o que disse. Uma pessoa nunca sabe de quem está a falar...

«VIAJAR, PERDER PAÍSES...»

Agora, não sei porquê, imagino um outro viajante no momento em que abandona o grande aeroporto. O de Orly, suponhamos; ou o de Fiumicino; ou o de Rhine/Main, de Frankfurt, ou o Brömm, de Estocolmo. Um qualquer, tanto faz.

O viajante em causa está sentado com outros viajantes como ele que têm a creditação o bilhete em dia e o passaporte com mais ou menos carimbos. Percorreu balcões, olhou quadros de tráfego,

andou por cidades onde não lhe fizeram cumprimentos especiais por ser estrangeiro — e va partir.

Dai a nada, a 900 km/h e a 9 mil metros de altitude, ele e o emigrante que vai a seu lado comem a mesma refeição, obedecem às mesmas disciplinas de transporte, vão em suma, iguados pela condição anónima de cidadãos do mundo («Viajar, perder países», tinha dito Pessoa «Ou perder a pátria?», perguntará, se perguntar, o moço emigrante).

Depois, com a calma que uma rotina eficiente os habituou, sairão em ordem, atravessando em pleno sol de inverno a pista da Portela de Sacavém. Estão a vê-los, ainda anónimos, ainda conscientes das leis do convívio que generalizam os homens das grandes cidades, tomarem lugar na bicha dos passaportes «Enjoy the Sun in Portugal», diz um cartaz com o Castelo de São Jorge iluminado pelo turismo E eles, com os ouvidos velados pela alta pressão avançam por ordem, num silêncio discreto.

É então que do lado de lá das cancelas — uma voz estala com a eloquência de uma proclamação.

«Doutor, ó, doutor!»

A bicha estremece. Por detrás da voz surge mais gente a acenar: «Viva, doutor. Fez boa viagem, doutor?»

«Óptima, doutor», responde o viajante. «Recebeu a minha carta?»

«A sua mulher está lá em cima, doutor», acrescenta uma outra voz.

«Já sei, doutor. Obrigado», diz então o doutor do lado de cá.

A bicha contorce-se, um doutor do lado de cá obtém autorização para passar a cancela e vem abarçar o doutor do lado de cá. Percebe-se que quer dizer qualquer coisa e que não consegue. O ronco majestoso de um «Boeing» atroa pela pista e abafa-o. Abafa tudo, faz estremecer as paredes e apaga com turbinas e octanas a alegre saudação dos doutores.

LISBOA, TANTOS DE TAL

O homem de sobretudo cor de mel prepara-se para ocupar a

mesa que vagou. Mas um momento: vem lá aí o criado mais engomado do restaurante a abrir caminho a um homem de sobretudo de gola de pele e com meia vénia oferecendo-lhe a cadeira.

O homem do sobretudo cor de me (que para o caso, poderia ser o doutor do lado de cá do aeroporto) ou o do lado de lá — é igual) o sobretudo sem lugar digamos assim, ergue a cabeça, e vemente ofendido. Afasta-se para longe do homem do sobretudo de gola de pele — cavalheiro mas propriamente — e evita olhá-lo. No entanto é como se o estivesse a ver: óculos de aros de ouro apontados para a ementa, gravata clara em sobretudo de lá leve, muito engomado todo ele.

Isto é a tarde, diz a experiência do cliente cor de mel — homem, cavalheiro, excelência, enfim aquilo que por enquanto ainda não se pode saber. Isto é a tarde do cidadão autorizado e a indiferença e um certo estilo burocrático nos modos também fazem parte da tarde. Toda ela é hierarquia. (E toda ela assenta nuns sapatos negros resolvidos — acrescento eu à minha conta, visto que, como se sabe lá fora, a nossa indústria de calçado é das mais prestigiadas).

Bem, com tudo isto, o homem do sobretudo cor de mel continua à espera. Sabe que entre um sobretudo de gola de veludo e o *smoking* de um criado engomado existe um pacto lusitano. Mas precisa de almoçar, tem mesmo um encontro marcado naquele restaurante.

«Ouça lá», chama então o criado, com um dedo. «A próxima mesa é para mim.»

«Muito bem, vou já avisar o meu colega...»

«Vai avisar coisa nenhuma», tor-na o homem que, pela maneira como o criado o olha, é certamente cavalheiro e se calhar excelência até. «Despache-se, ande lá.»

É a vez de aparecer o chefe de mesa:

«Tenha a bondade?»

«O senhor doutor tinha mandado reservar aquela mesa...», apressa-se o criado a justificar. «Se este senhor tivesse avisado logo que chegou...»

«Homem», diz o cavalheiro cor de mel, «avisei tal. Ou com quem é que você julga que está a falar?»

Londres, Fevereiro de 70.

VOARAM OS POMBOS ...E «VOOU» A MÃO...

ÉVORA, 16 — Nuvens de pombos bravos começam a atravessar o Alentejo. Gulosos da bolota, esvaziam uma azinheira num abrir e fechar de olhos.

O ataque não se faz sem perdas. Caçadores esperam-nos emboscados em moitas e cercados. Uma boa caçoilada de pombo bravo dá para a família toda. Raras são as caçadas que não resultam, tão compactas são as nuvens, e mesmo que as espingardas não sejam dos últimos modelos. É verdade: que às vezes sai o tiro pela culatra — e aí temos a velha história,

cheia de moral para crianças e adultos, do caçador caçado...

Foi o que aconteceu esta manhã, na Herdade da Barroca. Andava lá caça do pombo bravo o agricultor António Filipe Quaresma Junior, morador em Redondo. Eis senão quando, no calor da refrega, lhe rebenta a espingarda apontada para o céu. Resultado: uma das mãos esfacelada e internamento no Hospital da Misericórdia, desta cidade.

Talvez seja a altura de se criar um novo provérbio: «Caça de pombos, caça de tombos...». Cuidado!

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUS

SERVIÇOS DE CHÁ

GRANDE VARIEDADE

Fabrico próprio

Rua Augusta, 253—Telef. 324564

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos. Paga-mos muito bem.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

Conferência cimeira dos países não-alinhados até Setembro próximo

BELGRADO, 15 — (A. N. I.) — A Jugoslávia iniciou já as suas diligências para a realização da terceira reunião cimeira dos países não-alinhados, o mais tardar até Setembro, antes da assembleia geral de Outubro da O.N.U.

A iniciativa ainda pode encontrar resistência: há países, mesmo entre os não-alinhados, que pensam ser prematura uma conferência cimeira este ano.

Altos funcionários jugoslavos — nomeadamente o secretário-geral dos Negócios Estrangeiros, Mirko Tepavac, e o director do Partido, Dimec Belovski — devem iniciar em breve diligências pelo mundo não-alinhado, muito provavelmente para procurar apoio para a conferência.

Tepavac visitará, no fim de Março, a Índia, o Camboja, Singapura e a Indonésia. Belovski visitará durante três a quatro semanas vários países da África Ocidental. Deve partir ainda este mês.

A indicação de que se

prepara a conferência foi dada no comunicado conjunto divulgado em Adis Abeba pelo presidente Tito da Jugoslávia e o imperador Haile Selassie da Etiópia.

Os dois dirigentes concordavam ser preferível que a terceira conferência cimeira de países não-alinhados se reúna antes da vigésima quinta sessão da assembleia geral das Nações Unidas.

A conferência, nessa altura, daria grande prestígio aos países não-alinhados, especialmente para a Jugoslávia, que tomou a iniciativa de a convocar.

O semanário «Rad» («Trabalhos»), órgão dos sindicatos da capital iugoslava, refere-se já, na sua edição de ontem, às «propostas que foram ouvidas» durante a visita de Tito à África.

No entanto, muitos dos 44 países que estiveram presentes na conferência consultiva dos não-alinhados, efectuada em Belgrado na semana passada, obtiveram-se, na sua primeira reacção, a cimeira, mas depois cedem com a condição de que ela seja realizada «depois de uma preparação detalhada e completa».

Em seu entender, os preparativos só podiam ser terminados se fossem realizados durante todo este ano, tornando a reunião dos chefes de Estado possível apenas em 1971. Nova Delhi e Adis Abeba foram as principais cidades sugeridas para a efectivação da conferência.

O grupo de países não-alinhados foi formado há

mais de dez anos, como alternativa política para os países, especialmente na África e na Ásia, que não desejam associar-se a nenhum dos blocos das grandes potências.

A primeira conferência de alto nível dos dirigentes dos países não-alinhados foi efectuada em Belgrado no ano de 1961 e a segunda no Cairo em 1964.



O CONGRESSO DO PC FRANCÊS em Nanterre atingiu um dos seus pontos culminantes quando se verificou que o nome do filósofo Roger Garaudy não figurava entre os que foram propostos para a nova Comissão Central do Partido. Garaudy fazia parte daquele órgão desde 1956. Eis algumas das personalidades de maior relevo no congresso (da esquerda para a direita): Benoit Franchon, Georges Marchais, Roland Leroy e Georges Seguy

Imposto de divórcio

KINSHASA, 16 — (A. N. I.) — As autoridades da cidade de Thysville, no antigo Congo Belga, resolveram passar a cobrar um imposto sobre o divórcio, numa tentativa para travar a verdadeira onda de casamentos desfeitos que está a registar-se — anuncia o diário «L'Etoile», de Kinshasa.

De futuro — acrescenta o jornal — quem ganhar uma acção de divórcio naquela área terá de pagar uma taxa equivalente a 450 escudos, com as alcavalas habituais.

Laird regressou do Vietnam

A retirada de tropas poderá continuar

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — Melvin Laird, secretário americano da Defesa, regressou, ontem à noite, da sua viagem de informação ao Vietnam. A chegada disse que a retirada das tropas americanas do Vietnam, poderá continuar, mas que dessa forma também poderá correr-se o risco de causar reverses às tropas sul-vietnamitas.

Não indicou a data de novas retiradas de forças americanas nem disse se essas retiradas seriam mais importantes do que as precedentes.

Por fim, Laird qualificou as suas conversações, com o presidente Nguyen Van Thieu, de francas e abertas e

acrescentou que não houve qualquer ponto de desacordo entre eles.

O general Wheeler, presidente do «comité» dos chefes de estado maior americanos, que regressou com Laird, disse, por seu turno, que embora as forças de Saigão tenham feito progressos não deveriam esquecer-se que numa guerra as batalhas não se ganham todas pelo mesmo processo. Não era impossível que os norte-vietnamitas estivessem a concentrar forças para infligir uma derrota às forças e provar que a vietnamização não fazia progressos convenientes. Laird e Wheeler darão conta ao presidente Nixon da sua viagem.

NEVA EM ST. TORPEZ

PARIS, 16 — (F. P.) — Grande parte da França continuou sob os efeitos do mau tempo. Em Marselha, verificaram-se grandes atrasos nas chegadas de navios devido ao vento violento que sopra no Mediterrâneo, atingindo, por vezes, os 100 km/h.

Neva em St. Tropez, que festejou, no sábado, o 50.º aniversário da sua fundação. Nos Alpes marítimos e grande o frio, tendo-se registado, às 18 horas, no abrigo do cume do Monte Venoux, 16 graus abaixo de zero. Também nevou copiosamente na Córsega, onde se registam atrasos de navios. Nos Pireneus, estão bloqueadas 25 pessoas que passavam férias numa

pequena aldeia próxima da fronteira espanhola. As estradas estão intransitáveis e quebraram-se muitas linhas telefónicas sob o peso da neve. O tráfego ferroviário esteve interrompido durante sete horas na região de Luçon. Trezentos e cinquenta postes telefónicos foram derrubados pelo nevão e caíram sobre a via férrea. Nantes-Bordéus. Os habitantes de Cherburgo e da península do Cotentin, ao todo 200 000 pessoas, continuam privadas de electricidade, depois da tempestade haver quebrado os cabos de alta tensão que alimentam a região. Não se podem fazer mais viagens sem corrente, que só deva voltar a restabelecer-se segunda-feira, à tarde.

Novo oleoduto israelita

TEL-AVIV, 16 — (F. P.) — Serão fretados cinco navios-tanques com vista ao transporte de petróleo bruto para Eilat durante o primeiro ano de funcionamento do novo oleoduto israelita. Eilat-Ashkelon, de 105 cm de diâmetro, o qual poderá canalizar tanto petróleo como 40 petroleiros, tanto mais que o trajecto será consideravelmente reduzido. Com efeito, em vez dos navios-tanques transportarem o petróleo via Cabo da Boa Esperança, o «ouro negro» correrá pelo oleoduto de Eilat para Ashkelon, onde será transferido para bordo de outros navios.

A construção dos depósitos gigantes, com a capacidade total de 57 000 toneladas, foi confiada à companhia francesa Min-Metal, que construiu nove em Eilat e 13 em Ashkelon. Foram precisas 92 000 toneladas de aço encomendado na Alemanha e laminado e soldado em Israel para os tubos de 105 cm de diâmetro e 26 metros de comprimento cada um.

A entrada em funcionamento do novo oleoduto é — focam — especialistas israelitas — realização de um sonho económico que remonta a mais de duas gerações. Logo no início da instalação dos judeus na Palestina, muito antes da independência de Israel os economistas e os pianificadores do futuro Estado já pensavam na situação dominante de um Estado judeu na junção de dois continentes e de dois mares e perguntavam a si próprios se não seria possível aplicar capitais na construção de uma via marítima artificial que, fazendo concorrência ao Canal de Suez, o encerramento deste no final da «guerra dos seis dias» deu nova vida a estes projectos e inspirou aos pianificadores a ideia de um oleoduto gigante que tornaria obsoleto o Canal de Suez. É certo que havia há já anos um oleoduto de 60 cm de diâmetro ligando Eilat a Haifa, mas este servia sobretudo, às necessidades internas de Israel.

TENSÃO NA CAPITAL JORDANA

AMA, 16 — (R.) — Continuava a ser hoje elevada a tensão nesta capital entre tropas governamentais e guerrilheiros árabes, a despeito das esperanças manifestadas por ambas as partes de acordo e do actual período de arrefecimento, após os recontros armados da semana passada.

Embora as conversações entre o Governo do rei Hussein e os guerrilheiros fossem suspensas até ao fim da festa muçulmana de seis dias do Id Al Adha, no próximo fim-de-semana, grupos de guerrilheiros armados guardavam ainda instalações e acampamentos nesta capital.

Em Beirute, a noite passada, a Frente Democrática Popular para a Libertação da Palestina (F.D.P.L.P.), um dos 10 grupos de guerrilheiros que se uniram na confrontação com o rei Hussein, afirmou que

um «comando» foi ontem morto quando uma patrulha de guerrilheiros foi atacada a tiro, sem aviso, pelas forças de segurança, perto de Amã.

Um comunicado emitido pela F.D.P.L.P., em Beirute, dizia que alguns departamentos e agentes estavam a criar incidentes com o movimento dos guerrilheiros, numa tentativa para «destrair o país para uma devastadora guerra civil».

Havia especulação nesta capital de que Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina, regressará de Moscovo a Amã a tempo do recomeço das conversações acerca da crise com o Governo, possivelmente no próximo sábado.

Arafat chefiará a primeira delegação formal dos guerrilheiros a União Soviética e afirmou-se que está a procurar mais auxílio e apoio directo soviéticos.

SUL-AFRICANOS PRESOS NO LESOTHO

MASERU, 16 — (F. P.) — O chefe Leabua Jonathan, primeiro-ministro do Lesoto, ordenou ontem a prisão de dois cidadãos sul-africanos, um jornalista refugiado e um veterinário, e anunciou que serão expulsos diversos estrangeiros por ingerência nos assuntos internos do país.

Os dois sul-africanos, Joe Molefi, que fugiu do seu país em 1960 por ter sido acusado de traição, e Lionel Steel, veterinário do Ministério da Agricultura estão na cadeia. O dr. Steel é, ao que se crê, o primeiro branco preso desde a proclamação do estado de emergência, há duas semanas. No entanto, o chefe Jonathan evocou indirectamente o caso de um homem de negócios sueco, Peter Govenhuf, expulso sob a acusação de actividades subversivas.

O primeiro-ministro declarou que os nomes das pessoas expulsas serão publicados hoje e afirmou que «só os basutos têm o direito de resolver os seus problemas e que o farão pacificamente».

O príncipe Filipe no México

CIDADE DO MÉXICO, 16 — (F. P.) — O príncipe Filipe chegou ontem a esta capital, em visita particular, procedente de Cape Kennedy, onde percorreu as instalações da base de lançamento das naves espaciais norte-americanas.

O duque de Edimburgo disputará no México vários encontros de polo.

DESMORONOU-SE UM EDIFÍCIO DE 14 ANDARES NA ARGENTINA

BUENOS AIRES, 16 — (F. P.) — Um edifício de 14 andares, em construção, abateu ontem à noite, num bairro ao norte de Buenos Aires. Três feridos (duas mulheres e um criança) foram retirados em estado grave de escombros e transportados para o hospital.

Segundo algumas testemunhas, a massa de betão que obstruiu a rua teria esmagado um taxi que transportava passageiros.

Sob a violência do choque da montanha de destroços, abateu um outro edifício em construção no outro lado da rua.

O guarda da obra e sua mulher salvaram-se por terem saído pouco antes, a fim de telefonarem.

A tarefa das equipas de socorro está a ser dificultada pela grande massa de escombros a remover. O prédio, todo de cimento armado, tinha 30 metros de fundo e 10 metros de frente. Já foi retirado um automóvel, que estava vazio.

Proposta uma «linha-quente» Washington-Jerusalém

NOVA YORK, 16 — (A. N. I.) — Afirmando que o Governo de Nixon tenciona continuar a apoiar Israel e a tornar aquele

DISPOSIÇÕES DE SEGURANÇA À CHEGADA DE ABBA EBAN À HOLANDA

HAIA, 16 — (R.) — O ministro dos Negócios Estrangeiros, Abba Eban, cumpre os seus primeiros compromissos oficiais da sua viagem a quatro países da Europa Ocidental.

Severas medidas de precaução estavam em vigor quando Eban chegou, por via aérea a Amsterdão. Vigilância especial foi mantida nos aeródromos e fronteiras, procurando-se quaisquer membros de grupos de guerrilheiros árabes, que têm atacado aviões judaicos na Europa.

O avião do ministro foi cercado por polícia armada no aeroporto, assim como por agentes dos serviços de segurança israelitas, logo que aterrou. Eban seguiu imediatamente para Haia, sem se avistar com os correspondentes.

Em Haia, seis centros judaicos foram colocados sob guarda da polícia, a seguir à morte de sete pessoas num incêndio que ocorreu na semana passada num lar judaico para velhos em Munique.

A Embaixada israelita nesta cidade encontra-se sob guarda desde um malogrado atentado bombista feito contra ela em Setembro passado, por um jovem jordano. A bomba acertou na casa seguinte.

pais quantas armas forem necessárias, o «leader» republicano na Câmara dos Representantes, Gerald D. Ford propôs uma «linha quente» telefónica entre Washington e Jerusalém.

Essa linha dará a Israel a «garantia de comunicação instantânea» com o presidente Nixon e será de grande vantagem se a crise israelo-árabe se agravar, declarou Ford, no jantar anual de entrega do prémio «Bnai-Zion», que representa amizade israelo-norte-americana.

No seu discurso, Gerald Ford declarou: «Fui informado pelos mais altos círculos de Washington de que o Governo dos Estados Unidos continua a apoiar os seus amigos.»

Referindo-se ao auxílio militar declarou: «Os Estados Unidos estão dispostos a fornecer aos governos amigos, como o de Israel, o equipamento militar necessário para a sua defesa.»

«Os Estados Unidos preferem a restrição nos fornecimentos de armas aos países beligerantes, mas sabem muito bem o que as outras grandes potências estão a fazer a esse respeito.»

No programa eleitoral dos republicanos, em 1968, previam-se fornecimentos militares suficientes para proteger Israel e «auxiliar a manter a paz na região».

«Prometemos ajuda equitativa, incluindo aviões supersónicos, se fosse necessário. Manteremos a promessa».

ATAQUES ISRAELITAS

TEL-AVIV, 16. — (A. N. I.) — Jactos israelitas atacaram objectivos militares

egípcios ao longo do Canal de Suez, em duas missões com o intervalo de quatro horas — anuncia um informador militar.

Todos os aviões regressaram normalmente de ataques contra postos avançados no sector setentrional do canal.

O primeiro ataque começou às 12 e 10 horas e durou duas horas e meia. O outro teve início às 18 e 45 e durou hora e meia.



O DR. BARNARD, de 46 anos, e a segunda mulher, Barbara, de 19, logo após o seu casamento, em Joanesburgo

A Polícia guarda o «esconderijo» do dr. Barnard

ROMA, 16 — (A. N. I.) — A Polícia guarda o «esconderijo» em que o cirurgião Christian Barnard iniciou a lua-de-mel com a sua jovem esposa, que cortejava, no ano passado, durante as férias passadas em Itália.

O anfitrião de Barnard, que é, também, o seu biógrafo, o jornalista norte-americano Curtiss Bill Pepper, convocou seis agentes para guardarem a entrada do seu apartamento, depois de um dia de «luta» com a Imprensa.

Barnard pretendeu sair para ir visitar um amigo, mas a mulher não estava disposta a sujeitar-se a nova cena do mesmo género.

Com efeito, Barbara Zoelner Barnard chegou ao apartamento com as meias em pedaços e os sapatos dos sapatos caídos, devido a tumultos á chegada ao aeroporto internacional Leonardo da Vinci, em Roma. Foi permitido o ingresso

Mulher atropelada na casa de banho

TOQUIO, 16 — (R.) — A sr.^a Mitsue Sakurai foi hoje hospitalizada com ferimentos graves por ter sido atropelada por uma furgoneta, na casa de banho.

A Polícia noticiou que a furgoneta, conduzida por um aluno de liceu, entrou na casa de banho da senhora quando esta tomava banho.

OCULTAÇÃO DE LUZES NOVO APELO NO CAIRO

CAIRO, 16 — (R.) — O Governo egípcio fez novamente um apelo para que sejam observados os regulamentos de ocultação de luzes devido a não terem sido cumpridos integralmente na noite de anteontem.

O ministro do Interior pediu ontem aos habitantes para taparem todas as janelas e apagarem luzes de «néon» e letreiros luminosos como precaução contra ataques aéreos israelitas.

Contudo, o ministério pareceu dar a entender que os habitantes, preparando-se para a festa muçulmana de Id-Al-Adha, que se comemora hoje, não tinham observado completamente os regulamentos da ocultação de luzes.

As precauções seguiram-se aos recentes ataques aéreos israelitas contra alvos profundamente adentro do Egipto. Na sexta-feira passada morreram 70 civis quando uma fábrica metalúrgica nos arredores do Cairo foi bombardeada.

AXEL SPRINGER AUMENTA A RECOMPENSA

HAMBURGO, 16. — (R.) — A organização Axel Springer, proprietária de jornais aumentou para 100 mil marcos a recompensa oferecida por qualquer informação que leve à prisão dos responsáveis pelo incêndio registado na sexta-feira em Munique, num centro judaico onde morreram sete pessoas.

As autoridades já tinham anunciado uma recompensa de 75 000 marcos e a organização Springer, a maior editora europeia, acrescentou 25 000 marcos a essa quantia.

A Polícia está convencida de que foi fogo posto que destruiu parcialmente o centro judaico para pessoas idosas no qual, além dos sete mortos, houve ainda mais nove feridos.

Rede de TV acusada de financiar uma invasão

(Continuação da 1.ª página)

Outra alegação era a de que revistas deram apoio considerável ao procurador distrital de Nova Orleans, Jim Garrison que está empenhado numa enérgica campanha para desacreditar o relatório da comissão Warren sobre o assassinato do presidente John Kennedy.

As alegações estavam contidas num telegrama de Washington dizendo que um relatório secreto do Congresso sobre obtenção de notícias enganadoras seria publicado no próximo mês.

O «Daily Telegraph», um jornal conservador, não afirma se as alegações foram retiradas do relatório, ou se diz conter narrações de acontecimentos que, alegadamente, organizações noticiosas provocaram ou financiaram para obter reportagens rápidas e exclusivas.

Em Roma, o jornal «Il Messaggero» publica, também, alegações semelhantes às do «Daily Telegraph».

«Maré negra» na Florida

SÃO PETERSBURGO, 16. — (F. P.) — Começou a atingir ontem as praias de Old Tampa, ao longo do Golfo do México a toalha de 25 hectómetros de petróleo despejados na sexta-feira pelo petroleiro grego «Delian Apollon» ao largo das costas da Florida.

Centenas de voluntários tentam salvar as aves marinhas encharcadas de petróleo.

Especialistas procuram impedir este de penetrar na baía de Tampa onde poderia sujar as imensas praias de areia branca, as mais belas da Florida. Os especialistas montaram para isso, uma barreira de espuma de plástico à entrada da baía, pois, as autoridades opuseram-se ao uso de detergentes químicos que poderiam causar um mal irreparável à fauna e à flora da baía de Tampa.



OS ASTRONAUTAS Fred Haise e James Lovell, em Cape Kennedy, durante o passeio lunar que fará parte da missão Apollo-13, cujo início está marcado para 11 de Abril

Não houve sobreviventes na queda do avião com 97 pessoas a bordo

S. DOMINGOS, 16 — (R.) — Pereceram todas as 97 pessoas que seguiam a bordo de um jacto DC-9 das linhas aéreas dominicanas quando o avião se despeinou nas águas das Caraíbas pouco depois de decolar para Porto Rico — comunicou hoje nesta capital a Marinha da República Dominicana.

Na sua maioria, os passageiros eram americanos e porto-riquenhos, seguindo-se os dominicanos e dois peruanos, um argentino, um espanhol, um belga e dois cubanos.

Foi ainda confirmada a presença a bordo do pugilista dominicano Carlos Cruz, o único dominicano que até hoje ganhou um título mundial. O pugilista porto-riquenho Carlos Ortiz salvou a vida porque a última hora não tomou o avião.

A causa do desastre não é por enquanto conhecida. Os funcionários do aeroporto disseram que não houve explosão e por outro lado o piloto não chegou a comunicar pela rádio qualquer avaria.

Segundo parece, entre as pessoas que seguiam a bor-

do encontrava-se uma equipa feminina de voleibol.

Na operação de socorro estão a participar barcos da Marinha dominicana e da guarda costeira americana bem como aviões de S. João do Porto Rico.

CONSTERNAÇÃO

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — A notícia da trágica morte, num acidente de avião, do pugilista dominicano Theo Cruz, de 32 anos, antigo campeão mundial dos leves, causou profunda consternação nos Estados Unidos, onde era muito estimado.

Hoje, no Madison Square Garden, onde se defrontam Joe Frazer e Jimmy Ellis para o título mundial dos pesados, será observado antes do combate um minuto de silêncio pelo que foi um dos mais prestigiosos pugilistas latino-americanos.

Em menos de dez anos de carreira, Theo Cruz somou 45 vitórias, perdeu 12 combates e registou dois nulos. Campeão mundial dos leves em Junho de 1968, o americano Mando Paines arrebatou-lhe o título no ano passado.

FACULDADE DE LETRAS

O conselho escolar da Faculdade de Letras de Lisboa decidiu encarregar uma comissão para se ocupar especialmente das relações entre docentes e estudantes, negando aos alunos interessados que procurem contactar com os componentes dessa comissão: — profs. Prado Coelho, Lindley Cintra e Ilídio do Amaral e drs. p. Manuel Antunes, Fernando Mozer, Maria Afredo Cruz e Irene Albuquerque.

OS NOMES INDESEJÁVEIS

A lista oficial, refere que, pelo Ministério da Justiça, foram mandados a tirar os nomes de José Luís Silva Galinha para José, Luís Silva Lourenço (Avis), de Mar a Carlos Bernardino Barbosa para Maria Carla Bernardino Barbosa (Rio Maior); de Jorge Manuel Pina Franco para Jorge Manuel de Pina Paiva e Pina Franco (Lisboa); e de Fernando Mário Pires da Silva para Fernando Mário Pires Ribeiro da Silva (Lisboa).

AFOGADO NUM POÇO

TONDELA, 16 — Foi encontrado morto dentro de um poço perto da sua residência no lugar de Carvalha, subúrbio desta vila, o sr. João Filipe, de 51 anos de idade, latoeiro, casado com a sr. Maria do Céu Viegas e pai de sr. Maria Amélia Viegas Filipe casada com o sr. José António Marques Povoas. Se que o desven urado, na ido tirou água ao poço como habitualmente fazia, para utilidade doméstica, quando então lá dentro sem que ninguém se tenha apercebido do facto.

Foi dispensada a autópsia, tendo-se realizado já o funeral.

CONSUL BRITÂNICO NA CIDADE DA BEIRA

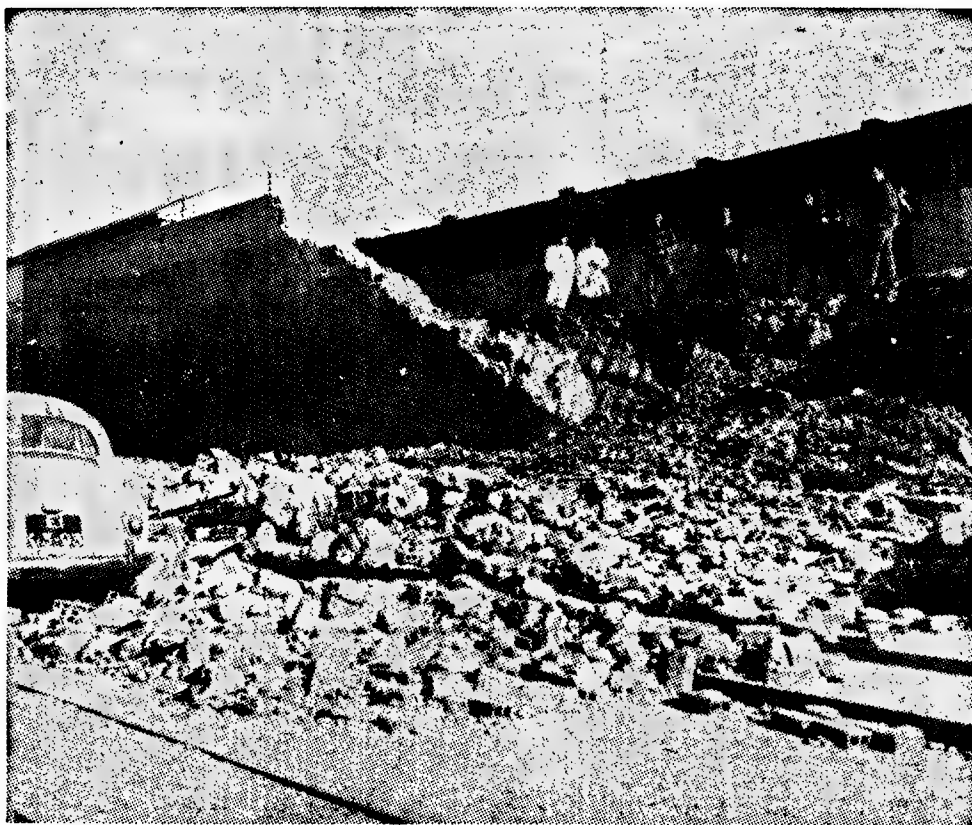
BEIRA (MOÇAMBIQUE), 16 — (L.) — Em gozo de férias, seguiu para Londres o consuli da Grã-Bretanha nesta cidade, sr. Charles R. Wrigley. Durante a sua ausência será substituído pelo vice-consul, sr. R. C. Knight.

VIDA MUSICAL

I Concurso Nacional de Canto Dramático para Vozes Femininas (agudas e médias)

Vai realizar-se o I Concurso Nacional de Canto Dramático para Vozes Femininas, agudas e médias por iniciativa da Academia de Amadores de Música sob a égide do Fundo Alfredo Kén.

As provas realizar-se-ão às 21 e 30 dos dias 17, 18 e 20, no salão de concertos daquela Academia, perante um júri presidido pelo cantor



O mar de ventação das instalações do anexo do Hospital Militar Principal, na Rua Conselheiro Fernando de Sousa, ruíu numa extensão de 30 metros. Um automóvel ficou danificado. Presume-se que o desabamento tenha sido provocado por infiltrações de água.

Teve elevado significado a reunião dos estudantes filhos de componentes da G. N. R.

COIMBRA, 16 — A reunião, dos alunos dos cursos superiores de Coimbra, Lisboa e Porto, filhos de componentes da G. N. R., à qual nos referimos, constituiu magnífica jornada de confraternização e assinalar na vida do Lar Educativo daquela corporação.

Se não bastasse o fim da instituição, dando oportunidade aos filhos dos componentes da G. N. R. que possuem qualidades para seguirem os estudos até à Universidade, o que não lhes seria possível por outros meios, haveria a assinalar, e isto é fundamental, o espírito

social e de camaradagem entre os filhos desses militares sem preconceitos da posição hierárquica dos pais. E foi isso que ressaltou na reunião, na sede do Batalhão n.º 5, à qual presidiu o comandante-geral da corporação, sr. general Pereira de Castro e assistiram os srs. coronel Varela Soares, secretário-geral dos Serviços Sociais e tenente-coronel António Joaquim Fernandes, comandante do Batalhão n.º 4, do Porto; coronel Gouveia Saldanha de Coimbra e a restante oficialidade.

E foram, também, elucidativas as palavras dos estudantes César Pereira e Estêvão Foscá Rodrigues. Este, especialmente, que num admirável improviso soube sintetizar a finalidade dos Lares Educativos e a acção do sr. general Pereira de Castro.

Espírito académico coimbrão

Antes da reunião, acompanhados pelo sr. tenente Lourenço da Silva, visitámos as dependências do Lar, no quartel do Batalhão n.º 5, e verificámos que reina ali o espírito académico de Coimbra, pois mais se assemelha tudo a uma «república», onde cada um tem o seu terreno e onde não faltam os desenhos na parede (alguns magníficos), o jornal do dia e tudo o que encontramos nas referidas «repúblicas», por mais irreverente que seja.

As raparigas que compareceram em grande número entre os 120 convivas, de Lisboa, Porto e Coimbra, colaboraram com o coimbrão, com que as encontramos na Universidade e nos cafés.

Falando, o sr. general Pereira de Castro teve palavras de encorajamento àquele juventude que estuda e segue carreira à sua escolha, sob a protecção de todos os componentes da G. N. R., que são, afinal, quem contribui para a manutenção de tão importante obra.

No almoço apareceram doces regionais, frutas, etc., oferecidos pelas companhias da G. N. R. estabelecidas por diversas regiões. E as senhoras dos oficiais foram gentilíssimas para com os estudantes, orientando o serviço.

O comandante-geral teve, mesmo, a gentileza de mandar apresentar todo o pessoal de cozinha e de copa, para o felicitar pelo almoço que apresentou.

Uma jornada que ficará na memória de todos e que deve repetir-se mais vezes.

TAUROMAQUIA

No Ultramar

LUANDA, 16 — (A. N. I.) — O «matador» português José Julio, idêntico a o vaio na «Monumental» de Luanda, num festival taurino.

José Julio anunciou os pedidos de vários aficionados de Luanda para actuar numa matadaria em que é pouco conhecido.

O cartaz do festival é completado com a actuação de Augusto «El Indio Apache» e do toureiro-comenco-acrobata António, apresentando-se pela primeira vez vários aspirantes a toureiros, da escola dirigida pelo novilheiro Manuel Rosa (Tatá).

Portugueses no México

GUADALAJARA (México), 16 — (A. N. I.) — Na «Monumental» de Guadalajara (México), com boa entrada, apresentaram-se o cavaleiro português Pedro Loureiro e os forçados de Portugal, tendo o primeiro, que alterna com o cojoneador Evaristo Zambrão dado volta no fim da sua actuação. Os forçados voltaram a «impressionar grandemente» o público desta cidade.

O cartaz melhora os matadores mexicanos Jaime Rangel (ovação nos dois) e Mauro Liceaga (ovação — colhido

Necrologia

FALECIMENTOS

Dr.ª Maria Emilia Duarte Costa

S. PEDRO DO SUL, 16. — Com 74 anos faleceu nesta vila a antiga professora liceal e reitora do Liceu Carolino Michaelis, dr.ª Maria Emilia Duarte Costa.

O funeral realizou-se hoje para o cemitério local.

FUNERAIS

Dr. Armando Reimbau da Piedade

CELORICO DA BEIRA, 16. — Com grande acompanhamento, efectuou-se o funeral do sr. dr. Armando Reimbau da Piedade, médico municipal e subdelegado de Saúde aposentado, profissão que exerceu durante 50 anos. Era natural da freguesia de Santa Clara, da cidade de Coimbra, casado com a sr.ª D. Maria da Silva Pereira e pai das sras. D. Maria Luisa Reimbau da Piedade e D. Maria Isabel Reimbau da Piedade.

António Simões Lopes

PEDRÓGÃO GRANDE, 16. — Com grande acompanhamento, efectuou-se o funeral do sr. António Simões Lopes, casado com a sr.ª D. Isaura Maria Pedroso.

O falecido, que contava 75 anos de idade, era natural do lugar dos Pesos Cimeiros, desta freguesia, e concelho de Pedrógão Grande, e pai dos srs. Manuel, D. Alice e Carmo. Simões Pedroso, e irmão do sr. João Simões Lopes, proprietário, morador nesta vila. A urna foi conduzida pelos Bombeiros Voluntários de Casanheira de Pera, acompanhados pelos desta vila e pela Filarmónica Pedrogueense, com os seus estandartes.

D. Aurora Ferreira da Cunha

VISEU, 16. — Constituiu grande manifestação de pesar o funeral da sr.ª D. Aurora Ferreira da Cunha, da considerável «Família dos Cristos». A maograda senhora, que estava há algumas semanas doente, era tia da sr.ª D. Maria Clara F. C. Dona Boto, casada com o sr. eng.º José Maria Dona Boto, residentes em Coimbra; e dos drs. Antó-

nio e José Ferreira da Cunha, magistrados, respectivamente, nos Tribunais Judiciais de Ansião e do Trabalho, no Porto, largamente conhecidos na capital do Norte.

Fernando da Cunha e Almeida

VISEU, 16. — Foi a enterrar o comerciante, sr. Fernando da Cunha e Almeida, residente em Barbeta, Era casado com a sr.ª D. Madalena da Costa Gomes e pai do estudante, sr. Fernando da C. Gomes de Almeida.

Jerónimo de Almeida Frias

VISEU, 16. — Foi a enterrar o sr. Jerónimo de Almeida Frias, proprietário, pai da sr.ª D. Rita Frutuoso, de Almeida Frias Ferrão, casada com o sr. António Ferrão, funcionário do Banco N. Ultramarino nesta cidade, e avô das sras. D. Maria Elena F. F. André, funcionária da Assistência à Família, casada com o sr. António Fernandes da F. André; de D. Maria Teresa F. Ferrão, funcionária do Banco N. Ultramarino na Guarda; e do sr. António Frias Ferrão, estudante.

Francisco Marques

VISEU, 16. — Efectuou-se para o cemitério local o funeral do sr. Francisco Marques (Tinta-Fina) industrial, muito estimado. Era pai da sr.ª D. Violela Marques e do sr. João Marques, funcionário da Federação dos Vinhos do Dão, e avô da professora, sr.ª D. Piedade Ferreira Marques, casada com o comerciante sr. João António da Silva e de D. Olga de Fátima, Merino Marques de Oliveira, casada com o sr. António Lopes de Oliveira, ambos funcionários dos C. T. T. em Viseu.

SUFRÁGIOS

Eng.º José Lupi

Por motivo da passagem do 30.º dia do falecimento do eng.º José Lupi foram hoje rezadas missas de sufrágio, o meio-dia, na Igreja do Lumiar, às 18 e 30, na capela da Senhora da Conceição, em Rio Frio, e às 17 e 30, na capela da freguesia de Pinhal Novo.

AGENCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. 14
linhas 43189 66277 28802

SAPATARIA
BAMBI
SALDOS
ÚLTIMOS DIAS
A
PREÇOS MAIS
BAIXOS
SALDANHA
AV. ROMA
CAMPO OURIQUE
ALGÉS

Nova lei de desenvolvimento industrial anunciada pelo secretário de Estado

(Continuação da 1.ª página)

digão, presidente da assembleia geral da A. I. P.; e, à esquerda, pelos engs. Carlos Alves, presidente da A. I. P.; Alcantara Carreira; Mário Borges, presidente da Associação Industrial Portuguesa; e António Santos Mendonça, representante da Associação Industrial de Moçambique.

Cerca de 700 pessoas assistiram à sessão, que decorreu no pavilhão principal da F. I. L., por o anfiteatro, para onde estava inicialmente prevista, não comportar tão numerosa audiência. O Colóquio conta com cerca de 650 participantes inscritos.

Entre o público viam-se altos funcionários do Estado; numerosos administradores de empresas (casos do eng.º Vaz Pinto, da TAP, e dos irmãos Melo, da C.U.F.); administradores de bancos e casas bancárias; presidentes de associações económicas da Metrópole e de Angola; economistas e industriais, etc.

Falou, em primeiro lugar, o eng.º Carlos Alves, tendo usado seguidamente da palavra o eng.º Rogério Martins, secretário de Estado da Indústria.

A sessão da tarde abriu com um relatório do dr. Francisco Sarsfield Cabral, sobre «A A. I. P. e a Política Industrial», tendo sido apresentados ainda relatórios da Associação Industrial Portuguesa («Política Industrial e Integração Europeia») e do eng.º Luís Arouca («Novo espírito de empresa»).

O secretário de Estado da Indústria, ao iniciar o seu discurso, afirmou que «a Nação já sabe que a indústria é o grande instrumento da sua realização em termos de progresso, de vitalidade e de aproveitamento do potencial humano dos seus filhos», acrescentando:

— Só pela aplicação sistemática das técnicas científicas à disciplina do trabalho, do indivíduo e do grupo se consegue torná-lo rentável, e fonte de desafio para o homem e de avanço para o grupo. Para uma sociedade que tem vindo lentamente a libertar-se duma mentalidade agrária pré-científica, o termo «indústria» aparece assim conotando a emergência, ao nível da consciência social, da descoberta dos valores e perspectivas da sociedade moderna; poderia dizer-se que Portugal é já industrial em desejo, e esta vaga de fundo que se detecta nos seus cidadãos mais corajosos é origem de pesada responsabilidade para os governantes, mas simultaneamente fonte de esplêndidas energias morais se souber ser correspondida e encaminhada para o entusiasmo das grandes tarefas colectivas.

Uma nova Lei de Desenvolvimento Industrial

Disse, nomeadamente:

— É plenamente consciente da gravidade da situação que o Governo sobre ela se debruça, e incita pela minha voz os industriais a que também o façam. O País espera uma nova política industrial, no âmbito de uma nova política económica de que é pólo motor; o que constitui uma política é por um lado o traçado de grandes linhas directrizes que encaminhem as decisões e convidem à

adesão, e por outro a definição de um regime cuja textura legal trace as regras de conduta. Irei expor brevemente o que sobre umas e outras foi proposto pela Secretaria de Estado da Indústria e que está neste momento a ser considerado; espero que daí resultará a proposta de uma nova legislação com um texto central básico, uma nova Lei de Desenvolvimento Industrial que substitua as Leis 2005 e 2052, e arquitectada a partir dela toda uma teoria de decretos regulamentares tratando especificamente de matérias precisas cuja articulação definirá o regime novo. Dada a importância deste conjunto, será certamente enviado às Camaras, para sobre ele se pronunciarem, ao menos a parte mais substancial; mas é intenção governamental que o debate seja o mais amplo e generalizado possível, e por isso antes, mesmo do que virá a desenvolver-se no âmbito parlamentar se espera que no âmbito mais vasto do público ele proficua e se trave. É esse convite que a apresentação prévia a que ora procedo consigo traz: o que o Governo deseja é que nas sessões deste Colóquio, nas reuniões da Corporação da Indústria e dos numerosos organismos que integra, nas das Associações Industriais e das Comissões que as especializam, nas páginas económicas e nos comentários da imprensa, nos círculos de debate e conferência, por esse País todo, a opinião pública se debruce, tente informar-se e formar-se sobre esta matéria vital. Estaremos atentos aos seus ecos e expressões; dentro da boa regra do diálogo, a qual é que cada um se oiga sem preconceito e com atenção; para que depois se siga a boa regra de governo, a qual é que quem tem a autoridade da decisão a assumirá insensível a quaisquer pressões de grupo, tendo apenas em mente o bem comum, sabendo de antemão, embora, que isso vai irritar alguns que confundem o ter sido convidados a dar opinião com o ser essa opinião forçosamente a que se adopte.

Depois de esclarecer que «é o regime que pautará a vida das indústrias em Portugal que está em causa», o eng.º Rogério Martins recordou a «Linha de Rumo» de mestre Ferreira Dias, publicada há um quarto de século e na qual se indicava a posição de Portugal na Europa: 22.º em 26 países, à frente apenas da Lituânia, da Roménia, da Bulgária e da Albânia. A propósito, disse:

— É interessante tentar ver qual é a nossa posição hoje; limitemos a quatro índices «per capita» puramente industriais, o consumo de energia total (isto é, englobando todas as fontes), o consumo de aço, a produção química dos ramos modernos (de plásticos, resinas e afins), a produção de cimento. Sobre estes se constrói hoje a civilização. Na energia, o nosso índice é um décimo da Inglaterra, um nono da Suécia, Alemanha, Bélgica ou Dinamarca, um sexto da França ou Suíça, metade da Espanha, dois terços da Grécia; e apenas um quinto da Bulgária. No aço encontramos análogo desnível em relação aos países industrializados, e pouco inferior a que neste caso o in-

dice dez vezes maior seja o sueco, o seis vezes maior o alemão ou o inglês, o cinco vezes maior qualquer dos outros países da Europa Central; importa mais que a Espanha consuma três vezes mais, a Grécia quase vez e meia, e a Bulgária o dobro. No cimento, produzimos «per capita» a roda de um terço dos países da Europa Central, e apenas cerca de metade da Espanha, Grécia ou Bulgária. Nas químicas nobres a desproporção é muito maior; a nossa produção «per capita» é quase trinta vezes menor que a alemã, treze vezes menor que a inglesa ou a norueguesa, dez vezes menor que a francesa, e de novo apenas metade da espanhola e um terço da búlgara.

E acrescentou:

— O regime industrial que vigorou no nosso País no último quarto de século nem permitiu que nos aproximássemos do conjunto de países europeus economicamente avançados, diminuindo a distância que deles nos separava, nem melhorou a nossa posição em relação a outros.

Proseguindo, e após afirmar que «temos — e rapidamente — que mudar de via para nos industrializarmos a sério», disse o secretário da Indústria:

— É falacioso supor que o futuro está nas nossas mãos.

«O futuro do nosso produto nacional», ou como as grandes forças de aspiração social que atravessam os continentes emergindo rapidamente da sua idade média para a civilização industrial. O que está nas nossas mãos não é o futuro, que não definimos, mas a nossa posição perante ele; ou seja, a possibilidade de concebermos uma estratégia de adequação, tentando que seja a mais favorável que nos for possível.

E precisou:

— O primeiro grande objectivo a ter em vista com a nova política industrial tem de ser o de facilitar a rápida adesão dos nossos empresários às realidades concorrenciais mundiais.

Seguidamente, afirmou que «sempre se importava a rejeição de objectivos autárquicos» e disse:

— A necessidade de não desequilibrar perigosamente a balança comercial, obrigará sempre, e cada vez mais, a procurar ganhar volumes importantes de divisas através da exportação de produtos industriais. Para isso haverá que tornar atractiva em mercados externos de grande dimensão, abertos a intensa actividade comercial de outros países, a oferta dos nossos produtos.

Esclareceu, mais adiante, que «a consideração dos efeitos da integração europeia

cado metropolitano («Em termos de mercado a população metropolitana equivale apenas a cerca de milhão e meio a dois milhões e pouco de centro-europeus»), e a localização geográfica («Pode dizer-se que Portugal é uma ilha na Europa»). Entre as condicionantes sobretudo positivas, salientou os recursos naturais (riquezas de subsolo excepcionais que fornecem as bases indispensáveis para a implantação de indústrias químicas e químico-metalúrgicas pesadas); as condições climático-ecológicas; e os recursos humanos (a mão-de-obra é «abundante e facilmente adaptável a técnicas modernas», pelo que há interesse em «dirigir a nossa atenção para as indústrias que sejam intensivas em mão-de-obra mas utilizam técnicas produtivas avançadas»).

Apesar de condicionante negativa, a localização geográfica pode revestir-se de aspectos positivos, os quais o secretário da Indústria especificou: um, a possível posição de testa de ponte transatlântica; outro, a possibilidade de se tirar partido de um mercado ibérico.

Proseguindo, o dr. Rogério Martins definiu as actividades preferenciais:

— Indústrias que se baseiam em riquezas excepcionais de subsolo, tais como as

a malha entre os tipos anteriores, e que através de um planeamento integrado usufruam de elevadas economias externas.

«Concentrar meios, atenção e esforços»

Mais adiante, disse o eng.º Rogério Martins:

— Para fazermos o melhor uso dos recursos limitados de que Portugal dispõe, e no mais curto lapso de tempo optimizarmos os resultados económicos com eles alcançáveis, é indispensável concentrar meios, atenção e esforços, e concentrá-los nos sectores industriais em que há razoável razão para esperar que possuímos vantagens exploráveis concorrenciaismente.

Definiu, seguidamente, as «quatro grandes linhas directrizes da evolução das indústrias na nossa terra»: criação, revitalização, reconversão e desaparecimento. Disse:

— Os anos que restam à indústria nacional, para se estruturar de molde a poder sobreviver face a unidades externas, não permitem pensar em soluções mitigadas mas antes numa reformulação completa dos esquemas de acesso à actividade e respectivo funcionamento corrente.



A mesa da presidência à sessão de abertura do Colóquio

Esta é uma exortação moralizante para adolescentes em idade puber, mas não tem consistência se se quer significar que um país da nossa dimensão se pode subtrair às consequências das forças que estão forjando o futuro; forças como as grandes centros laboratoriais que estão neste momento criando novos produtos e novas tecnologias (e só por si têm mais diplomados que todos os nossos universitários), ou como os grandes centros empresariais que estão ponderando planos estratégicos a longo prazo à escala mundial (e só por si têm volumes de negó-

não é determinante única, nem sequer a mais importante, de uma nova política industrial que, rejeitando a autarquia, procure estimular o equilíbrio da balança comercial na base do desenvolvimento da exportação de produtos que possamos produzir em condições de custo internacionalmente concorrenciais e que favoreçam, ao mesmo tempo, o rápido crescimento do valor acrescentado pelos factores produtivos nacionais.

Entre as condicionantes sobretudo negativas, o eng.º Rogério Martins referiu a reduzida dimensão do mer-

químicas e químico-metalúrgicas pesadas, com as extractivas correspondentes;

— Indústrias baseadas nas produções agro-silvícolas;

— Indústrias baseadas na abundância de uma mão-de-obra adaptável às técnicas de trabalho mais modernas e em que o custo do transporte tenha uma baixa incidência no valor do produto;

— Indústrias portuárias que se baseiam na posição de testa de ponte transatlântica;

— Indústrias que possam ocasionalmente tirar partido do mercado ibérico;

— Indústrias que fechem

Assim, o Estado — segundo o orador — prevê três tipos de soluções distintas, dividindo as actividades em três grupos: A, B e C. O secretário da Indústria, referindo-se a «um acordo temporário entre empresas que mantêm a totalidade da sua personalidade jurídica, define os objectivos que esse acordo deverá prosseguir:

— Racionalização total ou parcial das actividades produtivas das empresas que compõem o agrupamento, não só por exemplo, por melhor repartição entre elas de

(Continua na página seguinte)

O COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL

(Continuação da pág. anterior)

especialização de fabricos como por acções de formação profissional e de criação de gabinetes comuns de projecto ou de controlo;

— Aquisição de bens de equipamento para utilização conjunta;

— promoção em comum da acção comercial nos mercados interno e externo incluindo a instalação de redes de venda comuns, e a sua protecção contra a concorrência desleal;

— Estudo em conjunto de novas técnicas e melhoria dos métodos de produção.

No que respeita à exportação, as medidas oficiais previstas visam, em resumo, segundo o eng.º Rogério Martins, «tomar a iniciativa na promoção da oferta de produtos manufacturados, aumentando o poder comercial das empresas nacionais que se dediquem à exportação; associar amplamente o crescimento e renovação das unidades já existentes à exploração de oportunidades nos mercados externos, estimulando a reconversão de fabricos e apoiar o lançamento de novas unidades».

A finalizar, disse o orador: A grande esperança tem de pôr-se, e está posta, na ini-

ciativa privada portuguesa. Se se liberaliza o sistema e se simplifica a burocracia e se põe ênfase no termo «promoção» em vez de no «condicionamento» e se traçam grandes linhas de estímulo, te perspectiva é esperando bem que a capacidade de iniciativa do português que responde ao desafio do meio económico na Venezuela ou no Brasil, nos Estados Unidos ou na África do Sul, no Congo, Kinshasa, ou na França, possa exercer-se no próprio solo pátrio. Há tanto que fazer, Senhores, e temos tantos trunfos a explorar! «Eliminemos aquela mediocridade de pensamento

que o dr. Winsemius, vindo em 1963 e 64 a Portugal para estudar a revisão do regime industrial (uma das várias tentativas que não surtiram o desejado efeito), definiu como típica de muitas das nossas firmas (e da nossa administração), apelidando-a de «agrofobia», o medo aos grandes espaços.

«Pelos frutos os conheçeis». Serão pelos frutos que a actual geração de portugueses conseguir dar que nossos filhos e netos nos julgarem.

Que não digam que tivemos medo de pensar e decidir largo e grandes.

cindíveis numa evolução progressiva da nossa economia;

— O desafio da integração europeia, que vem a avolumar-se desde o final da década de 50, surge agora com renovada acuidade na perspectiva de anunciadas negociações da Grã-Bretanha e outros países para o ingresso no Mercado Comum e da consequente extinção da E. F. T. A., ou sua fusão numa Europa integrada. Entretanto, países como a Grécia e a Turquia já se encontram associados à Comunidade dos «Seis» e a Espanha parece prestes a ultimar uma fórmula de ligação efectiva com esse agrupamento. A economia portuguesa não poderá ficar isolada do contexto europeu — mas a sua participação numa estrutura de mercados progressivamente abertos implica ajustamentos e desenvolvimentos de extraordinária amplitude, pondo em jogo toda a nossa capacidade colectiva de organização e de progresso económico-social.

Perguntou, a seguir: «O que é preciso e o que é possível fazer?». E respondeu, afirmando que «Portugal não possui uma tradição industrial enraizada» e que «a nossa indústria terá de ser profundamente reconstruída para poder acompanhar uma política generalizada de abajamento de protecções aduaneiras» e, ainda que «se operam na Europa, a nossa vista, modificações profundas para os países que a constituem, em escala de tal projecção no futuro que se afigura cada vez mais perigoso não participar, de alguma forma, nas soluções que forem tentadas».

As interrogações do Colóquio

Continuando, afirmou: — Teremos, imperiosamente, de encontrar resposta para as interrogações que estão implícitas nestes factos. Pela

nossa parte, como responsáveis empresariais, não temos dúvida alguma de que impões e deveres de grave significação nesta fase ímpar da vida portuguesa.

E, mais adiante:

— Para que o debate que viemos agora iniciar se desenvolvesse sob o signo necessário de verdadeiras corajosas, direi sem hesitação que os primeiros passos construtivos deverão ser executados ao nível das empresas. A revisão objectiva de capacidades para participar no esforço conjunto a que os interesses vitais do País obrigam terá de começar pelos empresários, ajustando a sua preparação pessoal pela dimensão das tarefas que recaem hoje sobre a indústria portuguesa.

Definiu, por fim, as interrogações fundamentais a que o Colóquio pretende responder:

— Como acelerar o crescimento da economia portuguesa e, em especial, o da indústria, que é a sua força-chave?

— Como conseguir encurtar o atraso que nos separa da grande maioria dos países da Europa?

— Como resolver em escala suficiente os problemas sectoriais, regionais, empresariais, de cuja solução depende uma acção global mais construtiva?

— Como coordenar, no âmbito de uma filosofia político-económica de economia e de primazia da empresa privada, as acções indispensáveis dos empresários industriais, dos detentores do capital e da poupança, dos trabalhadores, dos técnicos e investigadores científicos — e de todos eles com o sector público cada vez mais altamente responsável?

— Como inserir estes problemas no quadro de uma realista integração nacional e nos esquemas da integração económica europeia?

«CORREMOS O RISCO DE AUMENTAR O ATRASO EM RELAÇÃO À EUROPA»

— DISSE O ENG.º CARLOS ALVES

O eng.º Carlos Alves começou por agradecer a colaboração dada à iniciativa pelo secretário de Estado da Indústria, afirmando em segui-

ra, num tom contestatário que a economia portuguesa se encontra hoje numa fase crucial do seu desenvolvimento. No início de um esforço de industrialização que conseguiu resultados valiosos mas que se encontra ainda muito longe dos seus básicos objectivos, vê-se actualmente perante a necessidade inelutável de competir em me-

mentos com economias que têm atrás de si a experiência e os resultados de mais de um século de intensivo desenvolvimento. Por isso se fala agora de um momento decisivo para o futuro económico e social da Nação, exigindo resposta pronta, dinâmica e corajosa em todos os sectores que são responsáveis por esse futuro á vista. Ora, a própria essência do processo de crescimento, da economia portuguesa implica que a resposta necessária e inadiável tenha como fulcro o desenvolvimento da indústria, onde radicam as forças motrizes fundamentais do progresso do País. É para que a indústria caminhe na direcção e com a amplitude exigidas pelas realidades nacionais e internacionais da nossa época,

haverá que fixar uma orientação firme, definida, completa e actualizada, na estrutura de uma política industrial adequada a essas exigências.

Após esclarecer que foi com a consciência clara deste imperativo que a A. I. P. tomou a iniciativa do Colóquio, o eng.º Carlos Alves prosseguiu:

— Como industriais, cumpre-nos ser homens práticos. E é como homens práticos que encaramos a exigência de mais estreita e mais produtiva coordenação de ideias e de esforços entre todas as entidades e sectores que podem contribuir para a expansão económica da Nação. Sabemos quanto é indispensável que o sector público esteja em condições de se compenetrar da situação da indústria e dos anseios dos industriais. Mas sabemos, também, quanto é necessário que o empresário português esteja consciente e à altura dos esforços gigantes que o momento actual lhes reclama, em face de problemas que não resultam apenas de condicionamentos internos e se filiam, também, em factores externos que pouco ou quase nada poderemos controlar.

Fixou, depois, alguns pontos de referência fundamentais para uma análise esclarecedora da situação do País

e da indústria perante as realidades actuais e próximas. Esses pontos definidos do seguinte modo:

— A formação de capital fixo nunca foi elevada na economia portuguesa; pois, nos últimos anos, mesmo esse nível insatisfatório não foi atingido no sector da indústria. Por outro lado, verifica-se ser insuficiente a atracção que o investimento industrial exerce sobre as poupanças disponíveis, muito em especial as pequenas poupanças. A evolução é particularmente preocupante se tomarmos como referência o crescimento industrial dos países mais evoluídos e, talvez mais expressivamente, o dos países periféricos euro-

peus, como a Espanha e a Grécia. A permanência da situação apontada envolve o risco de nos atrasarmos ainda mais em relação às médias económicas europeias com as quais teremos de alinhar num futuro que se aproxima a largos passos;

— Pode afirmar-se com clareza que se regista, desde há anos, manifesta carência de novos projectos industriais com o potencial conveniente de repercussão dinâmica no crescimento da economia portuguesa; e que, apesar do interesse comprovado do Governo, não se processaram ainda em termos úteis e em tempo adequados as reconversões estruturais que se consideram impres-

«O ESFORÇO DE EXPORTAR TORNOU-SE CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA ECONÓMICA»

— AFIRMOU O DR. SANSFIELD CABRAL

O dr. Francisco Sansfield Cabral, falando sobre «A A. I. P. e a Política Industrial», tentou reunir os principais pontos de vista defendidos

por aquela instituição, durante os últimos vinte e cinco anos.

O orador começou por afirmar o seguinte:

«A guerra de 1939-1945, obrigando a indústria nacional a um extraordinário esforço para abastecer um mercado interno largamente dependente de importações que o conflito tornara impossíveis ou muito onerosas, representou um decisivo impulso para a industrialização da economia portuguesa. Fundamentalmente, o que os industriais do País conseguiram fazer durante os anos da guerra convenceu-os das largas possibilidades que se lhes abriam e deu-lhes ânimo para, por sua vez, convencerem o País quanto à viabilidade, necessidade e benefícios da industrialização».

E, após indicar que, nesse tempo, a própria indústria «pensava» em Portugal como um «país essencialmente agrícola», acrescentou:

«Lutar contra as condi-

essa industrialização possa ser levada a bom termo».

CRÉDITO

Em seguida, são descritas as condições de realização da primeira Feira das Indústrias Portuguesas e todo o esforço (até ao crédito) da mentalização industrial.

«Preenchidas, melhor ou pior, estas condições, onde deveria, na opinião da A. I. P., basear-se o esforço da industrialização? Se bem que a vantagem de incrementar os esforços nunca tenha deixado de ser apontada, não há dúvida de que — como não poderia deixar de ser, em face do nível de desenvolvimento de então — foi na protecção, alargamento e fortalecimento do mercado interno nacional que a A. I. P., viu, nos anos de pós-guerra, a base do esforço português de industrialização. Na representação dirigida ao Presidente do Conselho em Fevereiro de 1950, por exemplo,



O eng.º Carlos Alves, ao pronunciar o discurso de abertura

«Lutar contra as condi-

(Continua na pág. seguinte)

O COLÓQUIO DE POLÍTICA INDUSTRIAL

O ministro das Obras Públicas e das Comunicações recebeu hoje a comissão da Semana de Engenharia, que veio convidar a assistir à sessão inaugural, que decorrerá na quinta-feira, no Instituto Superior Técnico; o dr. Neto de Carvalho presidente do conselho de administração da C. P., e Luis Forjaz Trigueiros, administrador da TAP, que vai a Bissau inaugurar os novos escritórios da companhia.

plo, apontava-se, como uma constante do comércio exterior português, a «difículdade de incrementar as vendas dos nossos produtos no estrangeiro», afirmando-se, noutro passo, não ser razoável prever um próximo aumento das exportações nacionais.»

E mais adiante.

«A urgência de uma reforma da Pau a Alсандegária (no sentido de a tornar «um elemento maledve e actuante de incentivo à produção, mas não, de modo algum, empero de actividades apáticas e despidas de espirito progressivo» — nas palavras do presidente da A. I. P., em Novembro de 1948) sobrelevava, porém, todos os outros problemas neste domínio: «a revisão das pautas é o mais importante e urgente aspecto da politica económica que vimos advogando» — afirmava a direcção da A. I. P. na sua representação ao Chefe do Governo em Fevereiro de 1950.»

Entrando no capítulo referente à «despesa e consolidação da jovem indústria portuguesa», o dr. Salesfield Cabral, nomeadamente sobre «condicionamento e crédito» deduziu:

«Uma das conclusões do II Congresso da Indústria preconizava «o aperfeiçoamento do condicionamento industrial» (na maioria dos sectores condicionados o número de unidades autorizadas ultrapassa grandemente as possibilidades de escoamento da produção, sem se colherem os benefícios de uma concorrência activa)», integrando decididamente a política do condicionamento industrial no programa do desenvolvimento».

Por nossa parte vimos seguindo com maior cuidado a evolução do problema e temos sistematicamente procurado chamar para ele e ligar ao seu estudo o número mais elevado possível de industriais.

Em seguida evocou a passagem da F. I. P. a F. I. L. e as primeiras questões de integração econômica, para colocar o problema de uma possível nova política industrial dizendo:

«Chegou, aliás, a julgar-se possível a adesão do Ultramar português a uma Zona de Trocas Livres na Europa (pois o Reino Unido, país impulsor desse projecto, era, ao tempo, uma potência colonizadora): de qualquer forma, o vinho económico Metropolitano-Ultramar aparecia agora, não apenas como um factor de aplainamento do mercado interno, mas, também como uma forma de reforçar o poder contrainflacionário perante a Europa e, ainda, como um útil ensaio de integração. Assim, uma das conclusões do Colóquio sobre a posição do Portugal perante a convergência das economias europeias (Julho de 1960) foi atenuar pela necessidade de uma acção intensa e rápida no sentido da unificação de todo o espaço nacional.»

E, indicando alguns aspectos do que deve ser essa nova política industrial, refere-nos: urgência de se integrarem os instrumentos de ação fiscal na política econômica; necessidade de atenuar a extrema pulverização que caracteriza a nossa estrutura industrial; cooperação com economias estrangeiras no domínio dos investimentos; incrementação rápida das exportações industriais.

O programa do Colóquio de Política Industrial (que se prolonga até ao dia 27) inclui duas sessões diárias — uma de manhã, a partir das 9 e 30, e a outra à tarde, sem início às 17 e 30.

Amanhã, na primeira sessão, será apresentada do um relatório sobre «Mão-de-obra Industrial», pelas dr.^{as} Aurora Murteira e Ildilê Branquinho. A sessão da tarde será preenchida com a leitura do outro relatório, este sobre «Localização Industrial», da autoria da dr.^a Maria Elsa Ferreira e do dr. Vítor Rodrigues Pessoa.

Por portaria hoje publicada no «Diário do Governo», foi exonerado do cargo de comandante naval dos Açores o conde de António Cardeal Braga e nomeado em sua substituição o conde de Carlos de Albuquerque e Silva.

O general França Borges, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, acompanhado de diversos funcionários municipais, visitou esta manhã as obras que estão a ser realizadas na Casa dos Bicos, para a sua adaptação ao Museu de Goa, e a estátua de D. João I, que se destina à Praça da Figueira, e foi modelada por Mestre Leopoldo de Almeida e se encontra em gesso no «atelier» daquele estatuario, em Belém.

A chamada Casa dos Bicos, devido á configuração única em Portugal, com pedras talhadas em bico, como se diamantes fossem, foi visitada ás 11 horas.

Encontra-se naquelle terreno vasto da Rua dos Bacalhoeiros, frente ao Tejo bem próxima da mole enorme do Ministério das Finanças com que finda o conjunto do Terreiro do Paço. A Casa dos Bicos, construida por Brás de Albuquerque, filho do conquistador de Goa e de quem tomaria depois o nome e que escreveria o volume hoje classico dos «Comentários do Grande Afonso de Albuquerque», encontra-se estreitamente ligada ao Município de Lisboa. O próprio Brás de Albuquerque, que construiu aquella linda quinta da Bacalhóia, em Azeitão, foi presidente do Senado Municipal, cargo correspondente hoje a presidente da Câmara.

Pode, por isso, dizer-se que o general França Borges visitava esta manhã a casa que foi do seu antecessor do século XVI.

Acompanhavam o general França Borges os vice-presidentes do Município, D. Saldamundo Saldanha e Amílcar David. Ainda, os des. Martins Gomes e Silva Pinto, D. Julieta Ferrão, dr.^o D. Irineu Motta e outros funcionários superiores.

Na Casa dos Blocos verificam-se as obras de adaptação a museu. Por enquanto trata-se de consolidar a estrutura e de fazer as sondagens em que se têm realizado algumas descobertas de interesse. Assim, entre muitos aconescentos e coleas recentes, parecendo há poucos anos, na ala esquerda apareceu uma parede de tijolo da primitiva construção e um tecto de madeira, com traves grossas, igualmente primitivo.

No primeiro andar, ao fundo da direita, apareceu uma escadaria de pedra forte, com seu ar de não ser apenas escadaria de sótão; antes escadaria de entrada principal ou de subida a andar superior. Não se esqueça que há representações antigas desta construção, com mais de um andar.

O arquitecto Raul Lino, que acompanhou a visita, fez em tempos um projecto de reconstrução dessa casa histórica e estudou todos os elementos contrariar com valia. Onde para esse projecto?

A Casa dos Bicos está a ser consolidada. Depois receberá monumentos que para ela pode o eschão museológico que

pedestal do monumento, e os seus fiéis auxiliares, Alfredo e Manuel, que com o estatuariu viveram o dia-a-dia da feitura e formação da grande estátua equestre, recebeu os visitantes.

A estátua ergue-se ao centro do catechero, onde já se ergueu a do Condestável que esteve para ser colocada no



nela ficar. Quando? Talvez em Dezembro, no dia 10 de Dezembro, aniversário da conquista de Goa por Afonso de Albuquerque, ou no dia 18, aniversário da sua invasão, em 1961.

A estátua de D. João I

Da Casa dos Bicos, os viés-
tantes seguiram para Belém
onde, no «atender» de Mestre
Leopoldo de Almeida, pude-
ram admirar a estátua de
D. João I que se destina à
Praça da Figueira.

Mestre Leopoldo de Almeida
em cujo «atelier» se encon-
travam também o arquiteto
João Segurado, autor de

Parque Eduardo VII ou na P. da Figueira e que acabou por ir para a Batalha. Ligeiramente menor do que a do Condestável, é diferente sua concepção. O rei monta a cavalo, com manto e cetro imponente, como se estivesse em parada. O elmo amplifica-o, a viseira levantada, aparentemente dar à figura o aspecto do guerreiro e do soberano, alternando as tarefas dos combates com as precauções da administração.

Essa dupla qualidade acen-
tua-se na história com o
seus dois grandes auríferos:
João das Regras e Nun'Al-
vares; cujos medalhões figu-
ram de um lado e do outro
do pedestal.

A figura de D. João I e
guen-a Leopoldo como a vi-
sualizou através dos refet-
das trêmicas. Membrado,
arra do peito saltante, feição
alço púbeas, de lábios gro-
sos, o queixo firme e o oha-
fixo de quem se mantém
testo nas decisões tocalas.

A montada com arreios e
pouca, mais decorativa e
que a montada do Condesta-
vel, já que neste sobreleva-
tamento, aqui se enov-
mento leve, imponente, o
levado que passa a vista
límpida e começa a impor-
ta da de ter-se a montada,
A estatura acabou agora e
ser passada ao gesso. Por-
tar co' o condor da Paiz da
guerra terá de ser fumaça

em bronze, para o que se vai abrir concurso dentro de breve. O gesso foi descascado nos últimos dias, tendo sido esta manhã. Vai ser cortado em taças grandes, para a fundição.

Quanto custa a estátua

O contrato da Câmara Municipal com Mestre Leopoldo de Almeida pela obra prevista para a fundição, foi de 12 contos. Se a esta verba acrescentarmos o preço da fundição que não sabemos qual será (mas não deve ser inferior aos 2000 contos — do Condestável foi de 14 contos e os preços subiram para 3200 contos para o artista e a fundição.

Acrescenta-se a esta ver-
o custo do pedestal, as obras
necessárias de ajardiname-
to e adaptação da Praça
Figueira e a estátua de
João I ficará ao Municí-
pativo por 4000 a 4500 contos.

O Rei de Boa Memória, cado ao trono por vontade do povo, sobretudo do povo de Lisboa que no Castelo, Lmoeiro, no campo de V verde, teve grande parte sua vida, ficará com a figura consagrada naquele lugar de o povo se manifestou seu favor e contra Leão Teles e o rei estrangeiro, também a consagração do povo de Lisboa quando seculos depois de o rei de

Paralelamente, a falta de um autêntico crédito industrial continuou a ser denunciada pela A. I. P. como um grave obstáculo ao progresso do País. O relatório de 1952 referindo-se à publicação do Plano de Fomento, apontava a lacuna que nos parece existir quanto à falta de um instituto de crédito — um Banco de Fomento Industrial — susceptível de proporcionar o apoio do aforro e de permitir, pela concessão de créditos baratos a longo prazo, a criação de melhores condições para o nosso desenvolvimento industrial e para a protecção da produção nacional nos mercados externos.

ABERTURA

O orador, falando da chamada «abertura ao exterior» começou por dizer:

«Um novo factor de fundamen-
ental importância — afirmou
mava a direcção da A. I. —
no seu Relatório de 1956 —
velo interferir no quadro das
coordenadas em que se de-
envolve a economia portu-
guesa: o esforço realizado a
longo do ano de 1956 para
a criação de um Mercado
Único Europeu ou, pelo me-
nos, de uma Zona de Troca
Livres. Este esforço não
sempre foi considerado po-
ssível para a gente com a pre-
ocupaçāo verdadeira interesse
sustentável do trabalho
económico e que se pode
implicar para o futuro pa-
is».



O presidente da Câmara á entrada da Casa dos Bicos

Diário de Lisboa

Reinvenção Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



Problemas de direcção no Sindicato dos Pagadores de Banca dos Casinos

Mais de um terço dos membros do Sindicato dos Pagadores de Banca dos Casinos vão requerer a convocação de uma assembleia geral extraordinária a fim de apreciar assuntos de grande interesse para a classe e em especial o que se relaciona com uma pretensa ilegalidade na ocupação do cargo de presidente da direcção por parte do sr. Alberto Silva. Com efeito, segundo informação que nos foi prestada por um dos requerentes, aquele director e, desde Maio de 1969, chefe de partido do Casino da Figueira da Foz, o que constitui impedimento para ser socio do Sindicato e, claro, por maioria de razão, seu presidente.

Entretanto esteve convocada para o fim da semana passada uma assembleia ge-

ral para apreciação do relatório e contas do Sindicato a qual compareceram, ou se fizeram representar, cerca de 100 associados — o que dá bem a ideia do grande interesse que a mesma despertou, uma vez que o número total de sócios deve ser pouco superior a 200.

Porem, contra a vontade manifestada pela grande maioria dos associados o presidente da mesa segundo a orientação defendida pelo presidente da direcção — invocando para tanto que não tinha sido recebida autorização para o adiamento da assembleia que nos termos legais se devia efectuar até 15 de Janeiro — decidiu não realizar a assembleia o que provocou grande ceatuma e descontentamento.

Segundo um informador ligado aos requerentes da referida assembleia geral, extraordinária esta não realização teve como um motivo evitar a aprovação de uma moção de desconfiança á direcção em exercicio, da qual resultaria naturalmente que ela se demittisse.



Tem sempre algo de bizarro, visto em pormenor, o quadro toponimico de uma cidade. Por esse Pais fora, por exemplo, há dezenas de povoações com uma Rua Direita que é, quase sempre, a mais tortuosa da localidade. Acontece, outras vezes, que a localização de determinada artéria está em desacordo com o seu nome, como seja o caso da Rua da Saudade ficar mesmo em frente do Limoeiro, ou da Avenida de Roma desembocar subitamente na Praça de Londres. Mas, por outro lado, há um aspecto válido — unir, no cunhal de duas ruas, nomes de pessoas que a vida sempre afastou. Uma figura da monarquia dá seu nome á rua que antecede a rua de um republicano, um poeta junta-se a um militar, um santo a um ateu e assim por diante, bem podendo dizer-se que também neste «jogo» da toponímia os extremos se tocam.

V. D.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 3 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado, o vento era fraco a moderado do quadrante norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 3 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 4°; mínima: Penhas Douradas, -4°.

TEMPERATURAS DO AR AS 3 HORAS DE HOJE — Porto: 3°; Portogruo: 4°; Penhas Douradas: -3°; Coimbra: 5°; Lisboa: 9°; Faro: 9°; Funchal: 4°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SUL — Na atmosfera: 10°; Na água do mar: 3°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu geralmente pouco nublado, vento fraco a moderado do quadrante norte.

Amãhã
Nascer às 8 e 27
Ocaso às 19 e 16



Dia 21 Dia 1 Dia 7 Dia 14

MARÉS:

PREIA-MAR — Hoje — 0 e 50 (3,2 m); 3 e 59 (3,1 m); Dia 17 — 2 (3,4 m); 4 e 22 (3,2 m); Dia 18 — 2 e 45 (3,5 m); 5 e 7 (3,4 m); BAIXA-MAR — Hoje — 1 e 36 (1,7 m); 9 e 22 (1,8 m); Dia 17 — 8 e 02 (1,6 m); 20 e 09 (1,6 m); Dia 18 — 8 e 4 (1,5 m); 20 e 47 (1,5 m)

PESTICIDA EXCESSIVAMENTE EFICAZ

PHILADELPHIA, 16 — (F. P.) — Fred Hilton de 69 anos, faleceu no mês passado por causa do «chlorodane», um pesticida poderoso que utilizava para lutar contra as termitas que lhe invadiam a casa e o jardim.

Foi o médico de Hilton, o dr. Epstein, quem determinou o papel do «chlorodane» na morte do seu doente, tendo oficialmente registado o facto na certidão de óbito. Diz o médico que o «chlorodane», que o seu doente utilizava havia duas ou três semanas, atacou-lhe a medula óssea, provocando uma diminuição gradual do número de glóbulos vermelhos no sangue. Nem as transfusões de sangue o salvaram.

TRIBUNAL MILITAR DE VISEU

Assumiu o cargo de promotor de justiça no Tribunal Militar de Viseu o sr. coronel Flaminio Machado da Silveira.

REUNIÃO DOS ESTUDANTES EM COIMBRA

COIMBRA, 16. — Foi marcada para esta tarde, no Teatro Gil Vicente, uma importante reunião dos estudantes da Universidade, verificando-se desusado movimento na parte alta da cidade.

Nessa assembleia magna, os estudantes vão tratar dos seus problemas presentes e em suspense fundamental, para a normalização da vida académica, ante as novas perspectivas que surgiram com a nomeação dos srs. profs. drs. Veiga Simão e Gouveia Monteiro para os cargos, respectivamente de ministro da Educação Nacional e reitor da Universidade de Coimbra.

JULGAMENTO ADIADO

Foi novamente adiado, para data a designar, o julgamento do sr. António Abreu, que estava marcado para hoje, no 8.º Juízo Correccional da Boa Hora.

É ribatejano e tem 52 anos: apostou fazer em 48 horas 310 quilómetros em bicicleta (ligando Nova Lisboa ao Lobito)

NOVA LISBOA (Angola), 16 — (L.) — Mostra não degenerar da sua boa cepa ribatejana o industrial de camionagem, radicado nesta cidade Manuel Romão Martins, de 52 anos de idade e mais de 80 quilos de peso, que apostou com um grupo de amigos ser capaz de cobrir em 48 horas, de bicicleta, os 310 quilómetros que separa Nova Lisboa do Lobito.

A proeza está para breve, depois de ter sido adiada devido ao facto de Romão Martins estar atacado de gripe, e proporcionar-lhe-á, se conseguir levá-la a cabo, um lucro de 17 contos a importância exacta que terá, então, de desembolsar, no caso de não cumprir o prometido...

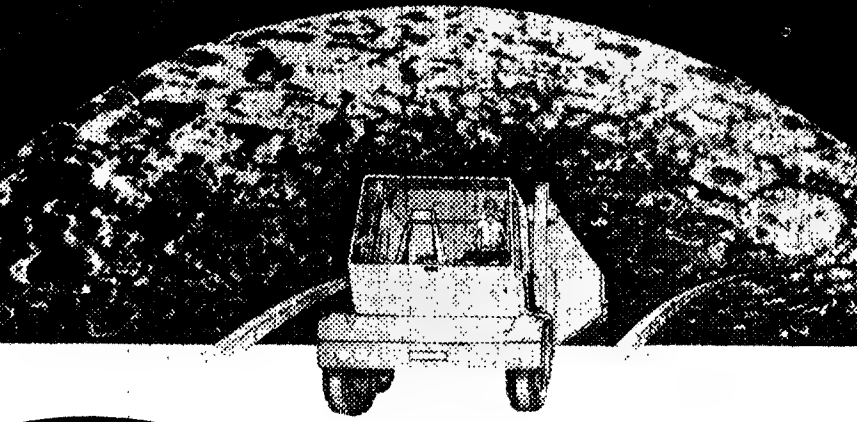
COMO SERÃO OS CAMIÕES DO ANO 2000?

BREVEMENTE O PRIMEIRO VEÍCULO DE RODAS TRILHARA A SUPERFÍCIE LUNAR!

NÓS SABEMOS QUE OS TÉCNICOS TRABALHAM JÁ NO NOVO PROTÓTIPO.



PREVÊ A SUA PARTICIPAÇÃO ACTIVA NOS TRANSPORTES FUTUROS.



HANOMAG HENSCHEL QUALIDADE E TÉCNICA EXPERIMENTADAS

REPRESENTANTES: IMPÉRIO DA BEIRA AUTOMÓVEIS, S. A. R. L. - Av. Guerra Junqueiro, 24-2 - TELEFONE 72 60 61 - LISBOA

O nome de Salazar será dado à artéria que prolongará a Avenida da Liberdade

Apenas o nome do Marquês de Pombal ficará, no futuro, a separar, na toponímia da cidade, os nomes de Salazar e da Liberdade — é o que se pode concluir da determinação da Câmara Municipal de Lisboa de dar o nome do antigo Chefe do Governo á «maior, mais bela e grandiosa avenida que se encontra em construção em Lisboa».

Num edital, o presidente do Município, general França Bor-

ges, considera que «se chegou o momento de se pagar a primeira pequena parcela de uma enorme dívida de gratidão que para com Salazar tem aquela geração que o acompanhou ao longo de décadas e cuja consciência ele formou elevando-a á altura dos grandes ideais que servia». Por isso, o general França Borges resolveu dar o nome de Avenida Salazar á artéria que atravessará o Parque Eduardo VII, prolongando-se até Campolide.

ACORDO LUSO-SUL-AFRICANO SOBRE TRANSPORTES FERROVIÁRIOS

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — Para fazer parte da delegação portuguesa encarregada de continuar as conversações iniciadas há cerca de dois meses, com a da África do Sul, sobre a renovação do acordo entre os dois países acerca de trans-

portes ferroviários, chegaram a esta cidade, procedentes de Lisboa, os srs. dr. Calvet de Magalhães, director-geral dos Negócios Económicos do Ministério dos Negócios Estrangeiros e eng. Ludvíl Vilela, da direcção-geral de Obras Públicas e Transportes do Ministério do Ultramar.

Novos comissários principais da P. S. P.

No gabinete do comandante-geral da P. S. P., brigadiero Tristão Carvalhães, realizou-se hoje de manhã o auto-de posse dos novos comissários principais, Joaquim Costa e Belarmino de Oliveira, recentemente providos.

Estiveram presentes, entre outras altas patentes da Polícia, o chefe do Estado-Maior, coronel Sousa Guerra e os comandantes da P. V. T., Polícia Marítima, Polícia de Lisboa e da Escola Prática da mesma corporação.

A delegação portuguesa inclui também o secretário provincial de Obras Públicas e altos funcionários dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique.

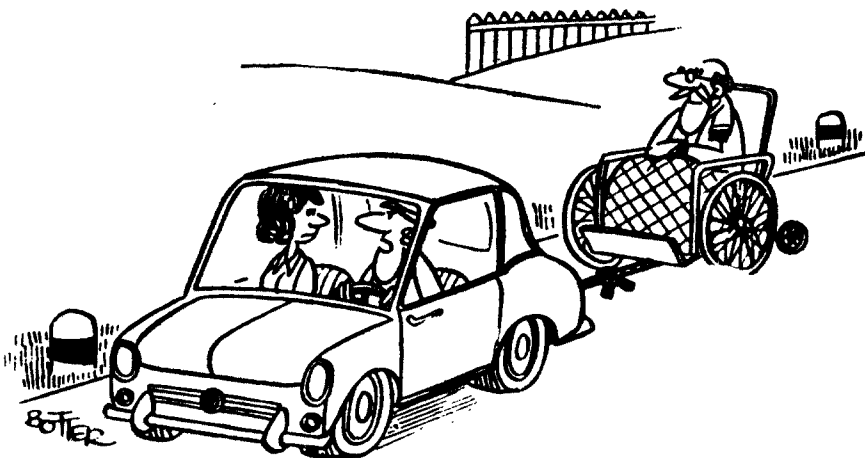
CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Está aberto concurso para terceiros empregados da Caixa Geral de Depósitos, até ao dia 23 de Março, inclusive, nas condições constantes do anúncio que se encontra afixado na sede, filiais e agências da mesma instituição.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO



— A minha vocação é o violino!



— Mas o teu avô tem que vir sempre connosco?...



— Viajo incógnito!

OITOCENTAS PRESENCAS NUM ENCONTRO DE CATEQUISTAS

Promovido pelo Secretariado Diocesano da Catequese do Patriarcado, efectuou-se ontem o encontro anual dos catequistas das 62 paróquias da cidade de Lisboa.

Os trabalhos, em que participaram oitocentas catequistas, decorreram no Colégio do Sagrado Coração de Maria e versaram o tema: «A catequese renovada integra a criança e a família na comunidade paroquial». As sessões tiveram início com a apresentação da peça teatral de Miguel Trigueiros «O auto da Rainha dos Céus», encenada por Eurico Lisboa.

Depois as catequistas dividiram-se em três grupos. O

primeiro dirigido pelo prior de Carnide, teve como tema: «A catequese renovada e a integração da criança na paróquia, comunidade de fé»; o segundo orientado pelo pároco de Alcântara, disse respeito «A catequese renovada integra a criança e a família na comunidade paroquial do culto»; e a terceira, dirigida pelo prior de Santa Isabel, teve como tema «A catequese renovada integra a criança na comunidade paroquial de caridade».

Depois de um lanche, efectuou-se uma reunião plenária orientada pelo padre Policarpo Canas, secretário da Catequese do Patriarcado.

Iniciativa da Associação Goya Internacional, que tem o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), a eleição das «Majas» atinge a fase de maior importância. Portugal, através do «Diário de Lisboa», está também a um passo de designar a sua «Maja»: a jovem que terá a honra de, em Saragoça, representar a fotonomia da mulher portuguesa no desfile qualificativo para «Maja Internacional-1970».

Através do cupão que publicamos diariamente, em

Prossegue amanhã no Porto (Rua de Sá da Bandeira) a recepção de cadernetas do nosso concurso

PROSSEGUE amanhã, no rio de Lisboa, para proceder, no «stand» Gazetla daquela cidade — Rua Mário Pais, 16 — a recepção de cadernetas dos concorrentes do «Album de Lisboa» residentes na capital do Norte. Já hoje ali se registou grande afluência de participantes na nossa iniciativa, que ali entregaram as suas cadernetas, recebendo, devidamente numerado, o boletim de identificação que os habilitará ao sorteio de óptimos prémios, nomeadamente, um confortável apartamento mobiliado, num dos blocos de prédios construídos pela Realmo em Miraflores, a cidade panorâmica; um magnífico automóvel «Toyota» modelo Corolla 1100; cinco televisores, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem a Portugal; frigoríficos; uma máquina de lavar; radioreceptores, e utilíssimos aparelhos electrodomésticos, tudo da famosa linha Siemens; e álbuns de discos «long-play» com peças clássicas de famosos autores, em interpretações de grandes orquestras para a etiqueta Philips.

A recepção em Coimbra realiza-se na quarta-feira

A Coimbra também vão deslocar-se, na quarta-feira, funcionários do «Diário

A recepção pelo Correio

Nos nossos serviços da Rua Castilho, 185, 1.º continuamos a receber as cadernetas que nos são enviadas pelo correio de inúmeras localidades do País. Recordamos, no entanto, que cada caderneta (naturalmente separada do Album pelo picotado), terá de ser franqueada com 2\$00, para evitar multas e consequentes atrasos de resposta. Os concorrentes que pretendam receber os boletins de identificação para conhecimento dos números que os vão habilitar ao sorteio, devem juntar mais um selo de 1\$00 por cada caderneta remetida. Evidentemente, os que assim não procederem ficando, igualmente, habilitados aos prémios do nosso concurso.



«A PORTA DOS LIMITES» de Urbano Tavares Rodrigues em 3.ª edição

Está feita a crítica de A Porta dos Limites, aparecida pela primeira vez em 1952 e de que saiu agora a



URBANO TAVARES RODRIGUES

terceira edição, com um prefácio de Armando Ventura Ferreira.

É o primeiro volume de novelas do nosso colega dr. Urbano Tavares Rodrigues e que o consagra imediatamente, não só diante da crítica mas no público que lhe tem esgotado romances, novelas, contos, narrativas de viagens e ensaios. E, como acentua Armando Ventura Ferreira, no prefácio da presente edição, «os limites deste artista ainda não estão atingidos».

A edição é da Livraria Bertrand, com uma bela capa de José Cândido.

SEXTANISTAS DO LICEU DE FARO

FARO, 16 — A comissão dos sextanistas do Liceu Nacional de Faro promove, no próximo sábado, nesta cidade, uma prova de periclitagem automóvel, que se realizará junto ao Pavilhão Gimno desportivo.

Concurso do «Diário de Lisboa» com o apoio da Ibéria

SE A LEITORA É JOVEM E SONHA COM BELAS VIAGENS CONCORRA A «MAJA DE PORTUGAL»

Em trinta países (espalhados pela Europa, Américas, África e Médio Oriente) a eleição das «Majas» atinge a fase de maior importância. Portugal, através do «Diário de Lisboa», está também a um passo de designar a sua «Maja»: a jovem que terá a honra de, em Saragoça, representar a fotonomia da mulher portuguesa no desfile qualificativo para «Maja Internacional-1970».

Iniciativa da Associação Goya Internacional, que tem o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), a eleição das «Majas» atinge a fase de maior importância. Portugal, através do «Diário de Lisboa», está também a um passo de designar a sua «Maja»: a jovem que terá a honra de, em Saragoça, representar a fotonomia da mulher portuguesa no desfile qualificativo para «Maja Internacional-1970».

Através do cupão que publicamos diariamente, em

todas as nossas edições, dezenas de candidaturas já foram apresentadas. Um júri prévio procede, agora, ao natural trabalho de selecção, apurando para a eliminatória nacional apenas as pretendentes que, pela simpatia do seu rosto, pela sua fotonomia ou pela graça do seu perfil, parecem reunir melhores condições de êxito.

O caminho para a concretização do mais belo sonho de uma jovem (viajar, ser admirada, receber belos presentes) começa a o preencher o cupão-candidatura para «Maja de Portugal». É o primeiro passo para um belo passeio à Espanha, nas asas da Ibéria

(Linhas Aéreas de Espanha) e daí (quem sabe?) até aos Estados Unidos da América do Norte, como imediato corolário da posse de um título chamado «Maja Internacional-1970».

CONCURSO

MAJA DE PORTUGAL

Uma realização do «DIÁRIO DE LISBOA» com o patrocínio da IBERIA (Linhas Aéreas de Espanha)

Nome

Morada Telet.

Idade Profissão

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, LISBOA

MODERNO EDIFÍCIO ESCOLAR

VILA VERDE, 16. — Foi adjudicada por 2 315 846\$00 a construção do edifício destinado à escola primária local.

O edifício terá oito salas de aulas, cantina e outros aposentos. Num dos quais funcionará a Delegação Escolar. Ficará situada na Veiga de Longras, a uns 500 metros do novo Palácio da Justiça.

VALIOSA OBRA DE IRRIGAÇÃO

Para levar as águas do

rio Homem, a partir da ponte romana de Caldeias e com vista a irrigar os terrenos que se situam entre Sabariz e Cabanelas, num percurso de mais de 15 quilómetros, começaram os trabalhos da abertura do canal, que prosseguem em ritmo satisfatório.

Esta obra, que importará em mais de 25 000 contos, constitui, sem dúvida, um grande passo para o desenvolvimento agro-pecuário desta região.



A planta, nos alçados principal e posterior do novo edifício escolar de Vila Verde

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS NA GUINÉ

BISSAU, 16. — (A. N. I.). — Foi distribuído o boletim informativo das Forças Armadas da Guiné, relativo ao período de 1 a 8 de Fevereiro, com o seguinte teor:

«Durante este período, as nossas tropas empenharam-se na defesa da fronteira e na fiscalização das bacias hidrográficas, a fim de se interceptar a infiltração e o

reabastecimento de grupos inimigos, provenientes da República do Senegal e da República da Guiné.

No interior da província, tendo em vista a segurança das populações, o apoio às tarefas de desenvolvimento socioeconómico e, ainda, a detecção e destruição de grupos inimigos, as nossas tropas registaram contactos nas regiões de Fata, Fiquissir, Sanbyindini, Rio Lame e Jumbembem, São Vicente, Rio Gumbo, Moumbara e Nafo, em virtude das quais o inimigo sofreu, além de outras baixas, três mortos confirmados e dois capturados. Foram recuperados três elementos da população.

Durante este período, foi apreendido ao inimigo importante quantidade de material ligeiro, munições e documentos, tendo sido destruídos meios de transporte das vias fluviais e acampamentos instalados no interior da província.

Com a intenção de atacar o ritmo normal de vida das populações, o inimigo flagelou as povoações de Oioessat, Binar, Nhamate, Pelundo, Fulacunda, Cufar, Bedania, Gadamael e Nha'a, praticou actos de terrorismo na região de Nhengua e implantou engenhos explosivos nos itinerários.

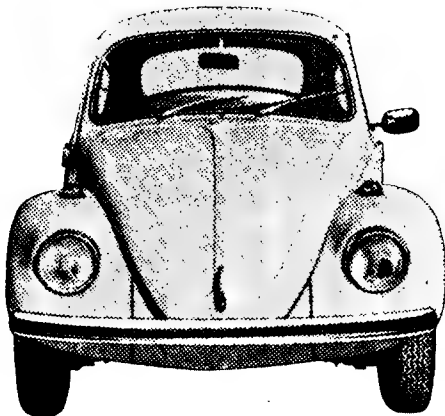
Nos dias 2 e 3, o quartelamento da Guilege foi flagelado por grupos inimigos, saídos da base de Kandafra, na República da Guiné, os quais, face à reacção das nossas tropas, retiraram, refugiando-se nas bases de que dispõem naquele país.

No dia 6, a tabanca de Oioessat foi flagelada pelo inimigo, em acções de morteiros, causando mortos e elevado número de feridos entre a população civil, que nesse momento se encontrava reunida, celebrando uma cerimónia tradicional. Esta acção causou viva indignação das populações da região.

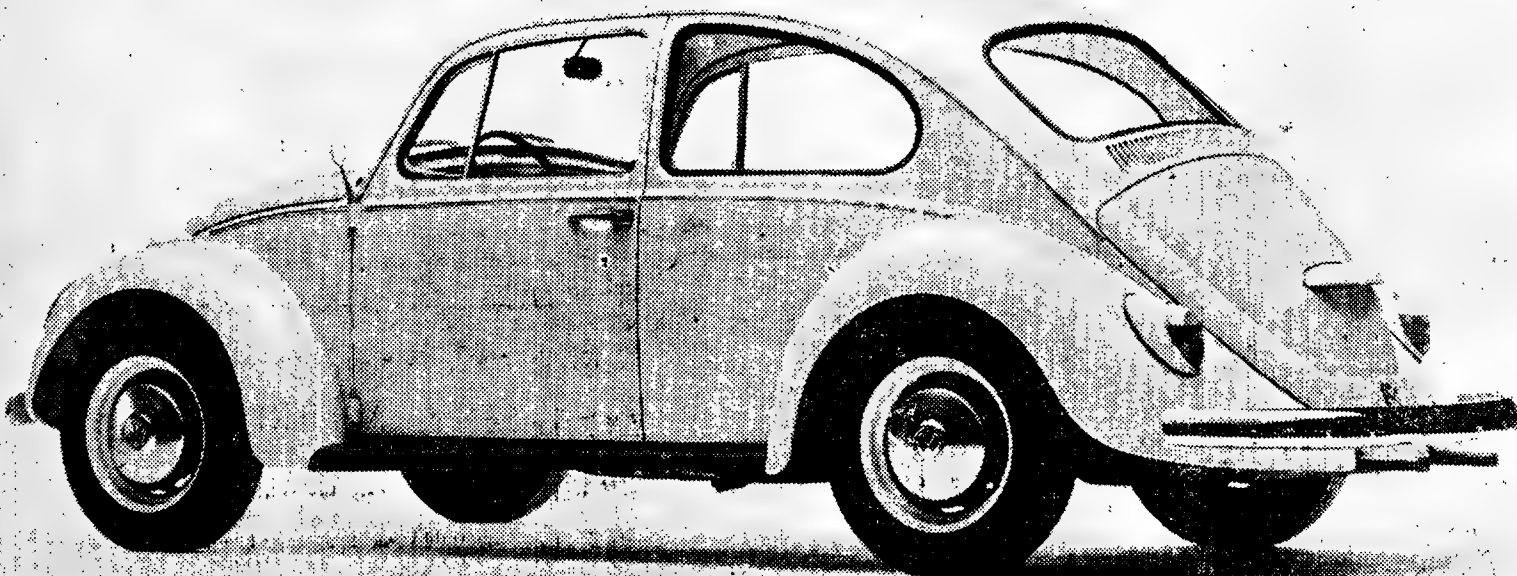
Durante este período, as nossas tropas sofreram em combate um morto, cujos elementos de identificação foram oportunamente divulgados pelos órgãos de informação.

para quem procura
maior economia
chegou o sensacional

Volkswagen 1200



com as mesmas excepcionais
qualidades mecânicas
e por mais baixo preço



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L.

Avenida da Liberdade, 12

Telefones 366751/7-370171/5

FILIAIS OU AGENTES EM: ARRIFANA, AVEIRO, BEJA, BRAGA, CASTELO BRANCO, CHAVES, COIMBRA, COVILHÃ, ELVAS, ÉVORA, FARO, GUARDA, LEIRIA, LISBOA (AVENIDA PADRE MANUEL DA NOBREGA), MIRANDELA, MOURA, PORTALEGRE, PORTO, SANTARÉM, SANTIAGO DO CACÉM, SETÚBAL, TOMAR, TORRES VEDRAS, VIANA DO CASTELO, VILA REAL, VISEU, FUNCHAL, PONTA DELGADA, ANGRA DO HEROISMO, HORTA E S. TOME.

CONFERÊNCIA PEDAGÓGICA ORGANIZADA PELO IMAVE

No seguimento de sessões sobre temas pedagógicos organizadas pelo Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação (IMAVE), realiza-se amanhã a segunda conferência deste ano.

Será orador o dr. George MacCallum, professor norte-americano especializado no ensino de línguas, que versará o tema «A utilização de textos modelos no ensino do Inglês».

A conferência está marcada para as 21 e 30, na sala da biblioteca do Liceu Camões e a ela podem assistir todos os professores de línguas interessados.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Comunicamos a Federação Portuguesa de Autismo, ter sido aprovado, no seu último congresso, um voto de agradecimento ao nosso jornal pelas facilidades dispensadas à modalidade durante a reunião de 1969.

ACTIVIDADE RELIGIOSA

VISITA FRATERNA
DO ARCEBISPO DE PARIS
À GRÃ-BRETANHA

Nos próximos dias 17 a 20 o cardeal Marty, arcebispo de Paris e presidente da Conferência Episcopal Francesa, visitará oficialmente a Grã-Bretanha, num gesto fraterno para com a Igreja Católica Anglicana. O Primaz desta Igreja é o dr. Ramsey, arcebispo de Cantuária, que, em Maio de 1966, deu o exemplo, visitando oficialmente, em Roma, o Papa Paulo VI.

Desde o Concílio Vaticano II que se têm multiplicado os gestos de aproximação entre a Igreja Católica Romana e as outras denominações cristãs. Se, entre Roma e o Anglicanismo, tem sido lenta a caminhada, é porque «as dificuldades doutrinais são formidáveis», como declarava o dr. Ramsey a quando do seu encontro com o Papa. Por outro lado, não têm surgido acontecimentos espectaculares que animem a caminhada e mantenham acentuada a opinião pública.

No entanto, desde a visita particular do dr. Fisher, então arcebispo de Cantuária, a João XXIII, e depois da visita oficial do dr. Ramsey, alguma coisa se tem feito. Em 1967 foi criada uma comissão mista anglicano-católica que procura desenvolver as bases comuns, na fé e na disciplina: a Sagrada Escritura, os símbolos dos Apóstolos e de Nicéia e a doutrina dos Padres. Esta Comissão reuniu três vezes: de 9 a 13 de Janeiro de 1967 em Gazzada (Itália); de 31 de Agosto a 4 de Setembro do mesmo ano em Huntercombe-Mannor (Grã-Bretanha); e de 30 de Dezembro de 1967 a 3 de Janeiro de 1968 em Malta. Estes encontros, se tiveram o mérito de reconhecer a herança comum, tiveram igualmente a coragem de afirmar «as diferentes maneiras de receber essa herança comum».

Em 1896 Leão XIII declarou «inválidas» as ordenações anglicanas, com o que cresceu a tensão entre as duas Igrejas, tensão que só tentou desanuviar-se com as conversações de Malines (promovidas pelo cardeal Mercier em 1921-1925). Esta iniciativa, infelizmente malograda por causa da ri-

gidez romana. Entretanto, como declara a comissão mista, «o progresso das duas comunhões exige que se reveja, à luz da moderna teologia, a questão do reconhecimento do ministério». Subsistem, além disto, «divergências reais ou imaginárias» — continua o relatório da comissão mista — «que são as respeitantes a questões de unidade e indefectibilidade da Igreja do seu magistério, do primado de Pedro, da infalibilidade, das definições dogmáticas sobre Nossa Senhora, etc.».

Das reuniões da comissão mista resultou uma comissão permanente, criada em 1969, que já reuniu em Windsor de 9 a 15 de Janeiro. Esta comissão é presidida conjuntamente pelo dr. Mc-Adoo, bispo de Ossory (Irlanda), pelos anglicanos e por monsenhor Clark, bispo auxiliar de Northampton.

Ecumenismo na «base»

Não menos importante do que este ecumenismo «de cúpula» é o ecumenismo na «base». É por isso signifi-

cativo que uma parte dos estudos de alguns seminaristas anglicanos esteja a ser feito no Seminário de Missão de França (católico-romano). Houve uma vintena de seminaristas episcopalianos de Nova York que durante o ano passado estiveram em estágio entre católicos-romanos de Paris, ao passo que 17 seminaristas católico-romanos de Lille foram passar alguns dias no seminário anglicano de Salisbury. Em Maio de 1967 o bispo Robinson visitou o seminário francês de Pontigny.

Durante a sua próxima visita, o cardeal Marty não se limitará aos contactos oficiais. Terá encontros com os padres anglicanos que estudaram em Pontigny e visitará a diocese operária de Rochester.

Ao chegar a Londres o cardeal francês será recebido pela rainha Isabel e durante a tarde participará na celebração de Vespéras na Abadia de Westminster, ocasião em que tomará a palavra em resposta ao Arcebispo de Cantuária.

UMA COMUNIDADE
DE 47 MILHÕES DE BAPTIZADOS

EM INGLATERRA são 27 600 000 os baptizados anglicanos. Na Escócia e País de Gales a Igreja Episcopaliana tem 1 400 000 fiéis que, tal como os 500 000 da Igreja da Irlanda, estão em comunhão com a Igreja Anglicana. A América tem 7 milhões de episcopalianos, a Ásia 800 000, a África 5 600 000 e a Oceania 5 milhões.

EM PORTUGAL, além de três paróquias inglesas (Lisboa, Estoril e Porto), temos a Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica em plena comunhão com a Igreja Anglicana. A sede do bispado é em Lisboa e está dividida em duas regiões apostólicas: Lisboa e Porto, que englobam 20 comunidades em que se integram cerca de 4000 comunhões. Do bispado de Lisboa depende a paróquia de Luanda.

Em Moçambique existe ainda uma diocese missionária, pertencente à província anglicana da África do Sul, com cerca de 40 000 fiéis, e que tem como bispo o dr. Daniel Pina Cabral, da Igreja Lusitana.

A PAN AMERICAN ENCOMENDOU
TRINTA E TRÊS «BOEING 747»

Aproxima-se a data em que os novos superjactos Boeing 747, com capacidade para cerca de 400 passageiros, entrarão ao serviço nas rotas internacionais da Pan American, incluindo Portugal, conforme já foi noticiado.

As inovações sucedem-se, os métodos de simplificação a bordo, utilização de meios de serviço das refeições, estudos das pistas para aterragem e descolagens, etc., incluindo os próprios sistemas do cockpit e o «passenger lounge» no «segundo andar». O problema do espaço, tem por ocupado igualmente os técnicos da PAA, em face da comodidade dos passageiros,

com o estudo implícito de certas restrições do número de lugares tanto na primeira classe como na classe económica.

Há dias, o sr. Najeeb E. Halaby, presidente da PAA voou, durante cerca de duas horas, num dos novos superjactos 747.

O sr. Halaby é um veterano aviador e piloto de teste da Marinha e, após o voo, deu uma conferência de imprensa em Seattle, no decorrer da qual afirmou que «a aterragem foi maravilhosa».

A PAA já encomendou 33 jactos 747 e deve receber estes em seu primeiro aparelho.



PROF. VARELA ALDEMIRA

«ESTUDOS COMPLEMENTARES
DE PINTURA»

Por VARELA ALDEMIRA

A Luís Varela Aldemira que, no retrato e na paisagem, marcou lugar à parte entre os pintores da sua geração, como que secaram as tintas desde que o professorado na Escola o absorveu. Formador de artistas ao professorado sacrificou a sua arte, mas aparecendo nas exposições, raras sendo as obras novas com a sua assinatura, embora poucos sigam tão de perto o evoluir da arte portuguesa.

Como pintor Luís Varela Aldemira marcou lugar à parte, dele se orgulhando um dos seus mestres que se chamava Columbano. O artista entrelaçou-se, em dada altura, com o escritor e obras como «Alcobaça Ilustrada» e o «Memorial da Berlenga», culminando com «A Pintura na Teoria e na Prática», marcam também na nossa bibliografia artística.

Depois desse autêntico tratado de pintura que é «A Pintura na Teoria e na Prática», vêm-nos agora estes «Estudos Complementares de Pintura».

Amendoeiras em flor
em Freixo de Espada à Cinta

FREIXO DE ESPADA À CINTA, 16 — É já grande o número de amendoeiras em flor e julga-se que a sua máxima floração se verificará até ao próximo domingo.

Estão anunciadas várias excursões e esperase que outras se lhes sigam, pois as amendoeiras em flor, que nesta região são aos milhares, oferecem, sem dúvida, espectáculo de rara beleza.

Lembramos que para se poder apreciar tão belo espectáculo se torna necessário per-

correr a Estrada Nacional que liga esta vila a Barca d'Alva.

Chefe da Secretaria
da Câmara Municipal

Foi nomeado, e já tomou posse do cargo de chefe da Secretaria da Câmara Municipal, deste concelho, o sr. João Adriano de Albuquerque que exerceu o cargo de 3.º oficial do quadro interno da Direcção-Geral de Administração Política e Civil do Ministério do Interior.

Horário do comércio

Embora mantendo o horário habitual de abertura e fecho o comércio local adoptou o sistema de encerramento para almoço, desde as 12 às 13 e 30.

Feira mensal
de Vista Alegre

ILHAVO, 16 — A feira mensal da Vista Alegre registou concorrência regular, não se notando alteração sensível nos preços dos géneros. Continua, porém, a manter-se em alta, o preço do feijão apatalado.

Na feira de Fevereiro o preço dos principais géneros foi o seguinte: milho, 2\$70; batata, 2\$00; feijão manteiga, 10\$00; apatalado, 13\$00; catarino, 9\$00; avinhado, 8\$00; frade, 9\$50; grão, 8\$50; cebola, 6\$00; alhos, 15\$00; fava, 7\$00; ervilha holandesa, 12\$; ervilha engelhada, 11\$50; ovos (duzia), 12\$00; carne de porco, 350\$00 (arroba); leitões vivos de 18 a 230\$00 por unidade; frangos crescidos, de 40 a 60\$00 também por unidade; coelhos de 18 a 30\$00 por unidade; maçãs de 10 a 12\$00 (quilo) e bananas, a 11\$00. Novamente grande movimento nos camiões de toa-lhas e outros tecidos, bem como nas de plásticos.

SISTEMAS DE MICROFILMAGEM

A KODAK PORTUGUESA, LIMITED, TEM O PRAZER DE ANUNCIAR A APRESENTAÇÃO E DEMONSTRAÇÃO DOS MODERNOS SISTEMAS DE MICROFILMAGEM «KODAK RECORDAK», A REALIZAR NO SALÃO DE VENDAS DA SELDEX — SOCIEDADE DE EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO, SARL

Avenida da Liberdade, 127/129
Dias 17, 18, 19 e 20 de Fevereiro
Das 15 às 20 horas
ENTRADA LIVRE

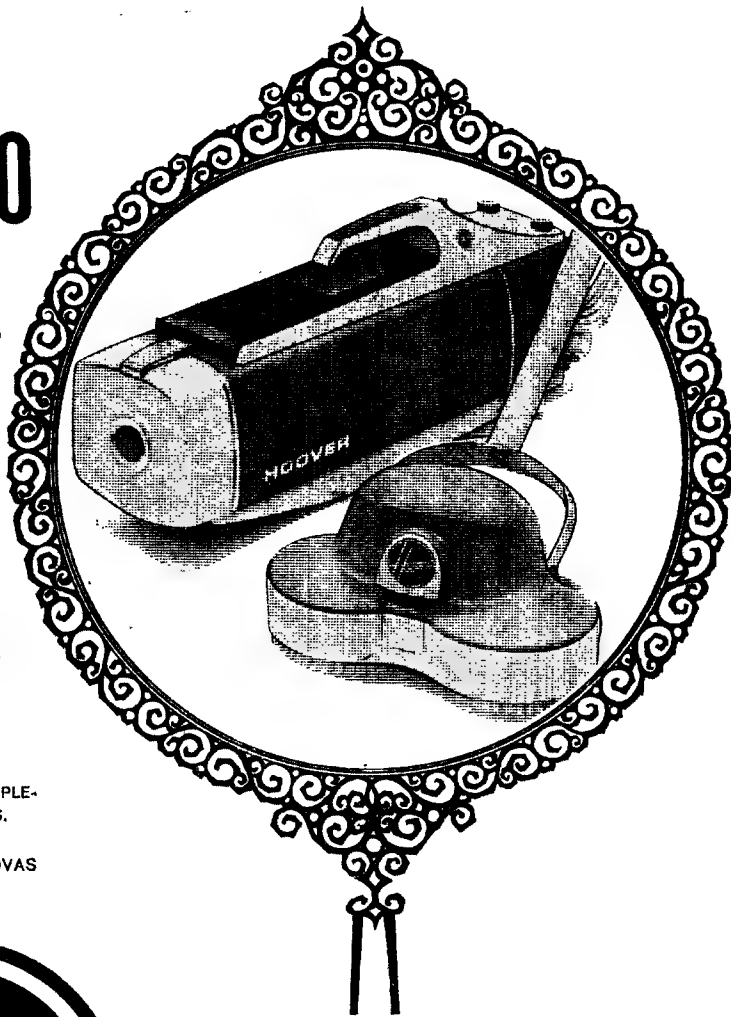
Conferências

para vegetarianos

No prosseguimento do seu programa de actividades para o corrente ano, a Associação Vegetariana Portuguesa Vegetariana amanha, às 21 e 30, uma conferência subordinada ao tema «A digestão dos vegetarianos», a qual estará a cargo do sr. dr. Alfredo Vazquez Homens.

Na terça-feira da próxima semana, também às 21 e 30, a sr.ª D. Maria Lucinda Gomes dos Santos dissertará sobre o tema «os deveres da mulher como esposa».

O ESPELHO DA SUA CASA



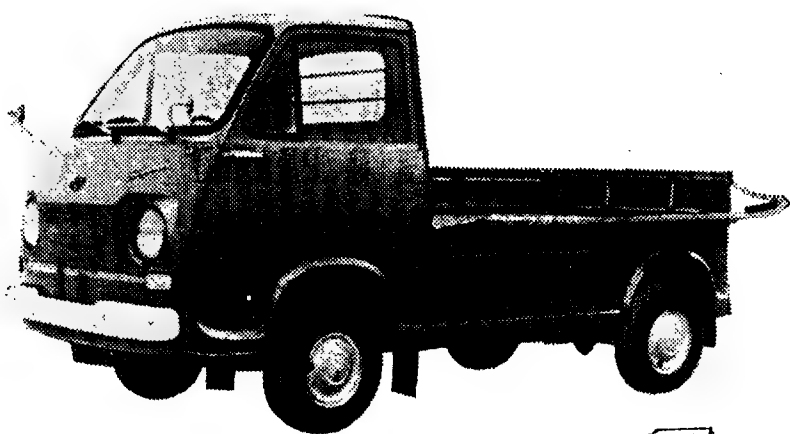
ASPIRADORES
CILINDRICOS
3 MODELOS DIFERENTES:
417, 419 E O NOVO 507
TODOS COM JOGOS COMPLE-
TISSIMOS DE ACESSÓRIOS.
ENCERADORAS
MODELOS DE 2 E 3 ESCOVAS
COM OU SEM SUÇÃO.



ASPIRADORES ENCERADORAS

LEOPOLD SHIROI, LDA.
LISBOA • PORTO • COIMBRA • FARO

SUBARU SAMBAR

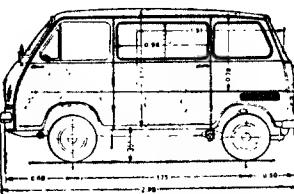
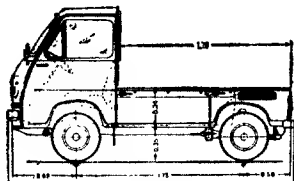


na **GRANDE** cidade
a **PEQUENA** entrega
da **GRANDE** empresa

A capacidade de carga da **SUBARU** é realmente surpreendente. Quase não se acredita!
E o consumo? Apenas 4 a 5 l aos 100 kms.
Uma concepção mecânica avançada e, o seu preço — cerca de 40 contos — fazem da **SUBARU-SAMBAR**, a furgoneta ideal no seu género.

um produto da **FUJI HEAVY INDUSTRIES LTD.**

Representante:
SOGERIM - SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23-ABC-LISBOA
TEL. 56 0156



ora diga-nos...

— Quanto dinheiro lhe sobra por mês?

Feitas as contas... (Bem, antes de prosseguir, o repórter dá-lhe um conselho, leitor amigo: em certos meses, nem sequer tente fazer contas...).



• Por sua vez, o tipógrafo sr. Rafael Cardoso, começou por estranhar:

— Isso é que não sei... Ganho a semana...

— E no fim da semana quanto lhe sobra?

— Pouco... Pode dizer-se que não chega...

— Então gasta muito ou ganha pouco?

— O que ganho é que não é suficiente.



F. sr. Delgado Oliveira, afirmou:

— Ultimamente, nem tenho feito as contas. Mas é conforme os meses e também conforme os ordenados que tenho tido.

— Quer dizer que, além do curso, também trabalha...

— Trabalho, pois claro. Em tempos, ficavam-me aí uns 500 escudos por mês. Agora, mudei de situação, estive de férias e ainda não sei.



• Por último, o estudante do I. S. C. E.

Assembleia geral dos Bombeiros Voluntários de Queluz

O relatório e as contas, referentes ao exercício de 1969, da Associação dos Bombeiros Voluntários de Queluz foram apreciados, discutidos e votados, em assembleia geral. Na parte administrativa verificaram-se alterações mais profundas que as habituais, dado que, no ano transacto, faleceram três figuras representativas da instituição: o 1.º comandante, sr. João Crisóstomo de Sá; o presidente da assembleia geral, sr. José Pereira Lagos; e o presidente da direcção, sr. João Dinis Nunes.

No que respeita a material, foi mencionada a adaptação de uma autoguia e anunciada a aquisição, para breve, de um agrupamento de radiotelefone e de um pronto-socorro de nevoeiro, que terá uma participação de 449 400\$00 do Conselho Nacional de Incêndios.

Um dos assuntos focados na assembleia geral foi o da construção, dentro de algum tempo, de um novo quartel-sede, cujo projecto se encontra aprovado, e a verba correspondente à comparticipação do Estado para a primeira fase da obra já está à disposição da associação. O lançamento da primeira pedra será feito em breve e a obra deverá importar em cerca de 7500 contos. Mais de mil já possui a associação, mercê das diversas campanhas de angariação de fundos levadas a efeito.

Durante o ano transacto, no posto de socorros da associação, foram tratados mais de 2500 doentes gratuitamente. Na assembleia geral referiram-se, ainda, outros assuntos, entre os quais as actividades do corpo activo e o problema das barracas clandestinas, construídas com materiais altamente combustíveis, que põem em perigo a vida e os parques haveres dos seus modestos moradores.

Curso de História da Música pelo dr. Freitas Branco

Prosegue hoje, às 18 e 30, no Auditório Dois da Fundação Gulbenkian, o Curso de Iniciação à História da Música Europeia dirigido pelo dr. João de Freitas Branco e subordinado ao título genérico «Antes e depois de Beethoven». A lição de hoje incide sobre o tema «A Simfonia», e será ilustrada com a audição de música gravada. A entrada é livre.

O LIVRETE QUILOMÉTRICO

DÁ-LHE 20% DE REDUÇÃO
SOBRE OS PREÇOS DA TARIFA GERAL



EM QUALQUER ÉPOCA DO ANO E PARA
QUALQUER PONTO DO PAÍS.

CP - Departamento Comercial - Publicidade

Música gravada no Instituto Britânico

No Instituto Britânico será amanhã apresentada pelo respectivo director, sr. A. M. Welsh, a segunda parte de um programa de música especialmente gravada para comemorar o 21.º aniversário da Covent Garden Opera, de Londres. A entrada é livre.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

IMAGENS DA POESIA EUROPEIA: UM TROVADOR EXEMPLAR

David Mourão Ferreira, autor e apresentador da rubrica «Imagens da Poesia Europeia», fala, pelas 22 horas, de um trovador exemplar: Jaufre Rudel.

«Jaufre Rudel, um nobre senhor, era príncipe de Blaia. Apaixonou-se pela condessa de Tripoli, sem nunca a ter visto, só pelo grande bem que dela ouviu dizer aos peregrinos que regressavam de Antioquia. Escreveu sobre ela muitas poesias, com versos simples e melodias agradáveis...»



ODYLO COSTA FILHO EM «ENTREVISTA DO MÊS»

Odylo Costa Filho e Luís d'Oliveira Nunes

No próximo dia 20, às 20 e 30, em «Entrevista do Mês», a R. T. P. transmitirá um «Encontro com Odylo Costa Filho»

O escritor e académico brasileiro Odylo Costa Filho, que foi adido cultural à Embaixada do Brasil no nosso País, faz nesta entrevista, conduzida pelo jornalista Luís d'Oliveira Nunes interessantes declarações acerca da vida literária dos dois países, da Literatura e

das Artes em geral, bem como da sua experiência de alguns anos em Portugal.



SANDIE SHAW:
San Remo aceitou-a

SANDIE SHAW E ANTOINE NO FESTIVAL DE SAN REMO

Apenas quatro intérpretes estrangeiros (dois dos quais são obrigados a ter residência particular em Itália) serão admitidos a participar na vigésima edição do Festival da Canção de San Remo.

A decisão definitiva foi tomada pelos organizadores após uma longa série de colloquios e negociações com a Confederação Italiana de Sindicatos de Artistas do Espectáculo e a União de Cançonetistas de Itália que, como

A BRIGADA ESPECIAL

Três jovens, bem diferentes uns dos outros, resolvem dedicar a sua vida, inteligência e força à causa da justiça. Unidos, formam a Brigada Especial e conseguem vencer todas as vicissitudes e descobrir todos os meandros do crime que grassa na plurifaceteda América. No episódio, a transmitir pelas 22 horas, um crime misterioso preocupa a Polícia metropolitana, que apela para a Brigada Especial...

II PROGRAMA

FESTIVAL DA CANÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Toda a emissão do 2.º programa é dedicada à repetição da reportagem do Festival da Canção do Rio de Janeiro. Nele actuaram representantes de numerosos países em busca do aperecido traço que veio a pertencer à moreninha e brasileira Eva com «Cantiga para Luciana».

Se recorda, vetaram a participação de estrangeiros no certame de San Remo, assim como na Radiotevisão Italiana (RAI).

Os organizadores do Festival de San Remo, de acordo com esta limitação, decidiram seleccionar Mal e Rocky Roberts, como residentes em Itália. Quanto a «autênticos estrangeiros», a escolha recaiu em Sandie Shaw e Antoine.

Esta limitação a vozes não italianas deixou afastados do concurso (para o qual já tinham firmado contratos com as suas editoras musicais) Nino Ferrer, Patrick Samson e David Winter, entre outros nomes populares.

RECITAL

Pelas 23 e 5, na rubrica «Recital», a pianista Frieda Vallenzl interpreta três improvisos de Schubert.

canal da crítica

UDO, CONFESSA QUE ABUSASTE...

Disseram, antes do serão do Udo Jürgens, que ele ia cantar em alemão, em inglês e em russo. Do russo ouvimos apenas duas palavras: «Do cevidânia». Do castelhano, pelo contrário, ouvimos várias: «matador», «señorita», «olé», etc. Cançonetista muito cosmopolita, muito poliglota, muito eclético e muito chato.

Desculpa, Udo, mas lá que foste um bocadinho chatinho, foste. Reconheço que não cantas nada mal. Possuís uma simpatia irradiante, ao nível incandescente para as «teen-agers» alemãs. Pertence ao teu activo essa canção famosa, a «Merci, chérie», hino officioso do Mercado Comum. A televisão alemã não se poupou a esforços para fazer um programa de televisão com interesse tudo isso está certo e confere. Mas

lá que foste um bocadinho chato, foste. Podias-te ficar pela primeira parte do recital. Bastava. A gente diz: «Este Udo 70» é um rapaz simpático e canta benzinhos». A segunda parte, mais comprida do que a primeira, veio estragar a pintura. Ficámos fartos, cheios até aqui, do teu rosto borbulhoso e com grandes gotas de suor, dos teus pulinhos, dos teus sorrisos miudinhos, do teu apontar as mãozinhas das miúdas que se estendiam para ti como os passarinhos estendem o pescoço para a mãe que traz a paparoca.

Que tu até cantas comercialmente benzinho. E tens o direito. Tens calco. Não és um improvisador não é um. Trabalhas no duro. Reconheço. Simplesmente, de ti po-

des exigir o que quiseses; mas de nós, não. Entendido?

«NA CORRENTE», CONTRA A CORRENTE

A crítica não permitiu que o silêncio desabasse sobre o filme de Augusto Cabrita passado pela televisão na primeira noite do ano. Uma significativa unanimidade reconheceu-lhe inúmeras qualidades das quais a não menor era uma visão do mundo simultaneamente crítica e poética num equilíbrio raramente se tem presenciado em produções portuguesas na televisão.

A crítica, uma vez mais, mostrou estar dentro da razão. Pela minha parte não pretendo retirar nenhuma honra nem proveito do facto.

Mas não me importo. Basta-me a satisfação de ver como a crítica está «na corrente» do público telespectador que insistiu com a R. T. P.

no sentido da repetição do filme de Augusto Cabrita.

Foi ontem o prazer renovado do encontro com as imagens e a música. O prazer das novas descobertas, das novas emoções. Augusto Cabrita, poeta, descobridor de realidades escondidas na realidade; obrigado uma vez, utilizei para a construção de mim.

CINEMA 70

«Cinema 70» começou por nos falar do novo filme português e em termos que, honra lhe seja, não deixam dúvidas quanto à qualidade. Sobre a mesma... perdão, sobre o mesmo filme falaram

(Continua na página seguinte)

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — As 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal 19 e 45: Juventude no Mundo; 20 e 5: Momento Desportivo; 20 e 35: Portugal além da Europa; 21: Imagens da Poesia Europeia; 21 e 30: Telejornal; 22 e 5: «A Brigada Especial»; 23 e 5: Recital; 23 e 30: Marcha do Mundo e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22: Variedades — Festival Internacional da Canção Popular do Rio de Janeiro; 23 e 30: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19 h: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Série Juvenil; 20 e 10: Sangue na Estrada; 20 e 30: Tempo Internacional; 21 h: Estúdio C, com Viciente da Câmara; 21 e 30: Telejornal; 22 h: Noite de Cinema; 23 e 45: Marcha do Mundo, Meditação e Fecho.

II Programa — As 21 e 30: Telejornal; 22 h: Série Dramática; 22 e 50: Carta de Espanha; 23 e 10: Convergência; 23 e 40: Fecho.

TUDOR

pilhas para força motriz

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 5: Que quer ouvir; 16 e 30: Programa da tarde; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; 17 e 45: Quinze minutos, com Beatriz de Sousa Santos; 18 e 5: Novos ritmos; 18 e 20: Tempo de Juventude, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 50: Novos ritmos; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Melodias do passado; 20 e 40: 18.º Episódio do Folhetim «O Capitão das Mares», original de Oliva Guerra; 21 e 5: Conjuntos ligeiros; 21 e 40: Vamos ouvir... Valério Silva; 22: A Ciência ao Serviço do Homem, pelo dr. António Manuel Baptista; 22 e 20: As nossas melodias; 22 e 50: Conjuntos ligeiros; 23 e 5: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 15 e 30: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão; 17 e 30: O Quarteto «Fine Arts» — Quarteto em mi menor op. 44 n.º 2 (Mendelssohn); 18: O compositor interpretando a sua obra — Um Menino Nasceu (Benjamin-Britten); 18 e 30: Crítica de Teatro, pelo dr. Duarte Ivo Cruz; 18 e 40: Música de piano — Música para Crianças, op. 65 (Prokofiev), por Gyrög Sebök; 19: Crítica Literária, pelo padre João Maia; 19 e 10: Semanário musical; 20 e 20: Obras de Scriabin, para piano — Poema n.º 1, op. 32, por Vladimir Horowitz — Nocturno para a mão esquerda, por Samuel Sarin; 21 e 30: Música Coral Sinfónica; 21: Recital de violino e piano pelo Duo Antonino David/Katharina Heins — Sonata em lá menor op. 105 (Schumann); 21 e 15: Solo de piano por Walter Gieseking — Dez Variações K. 455 (Mozart); 21 e 30: Música Sinfónica; 22 e 58: Fecho.

Programa MF 2 — 94.3 mc/s — As 23: Canções de Grieg, pelo soprano Birgit Nilsson e a Orquestra da Ópera de Viena, dirigida pelo maestro Bertil Bokstedt; 23 e 15: Quarteto em F# Maior (Ravel), pelo Quarteto Dinamarquês; 23 e 45: Peças características para viola dedilhada (Torroba) — André Segovia, viola dedilhada; 0 h: Cantata de Bach; 0 e 47: Divertimento de câmara em Dó Menor (Borovinsky), para flauta e cravo, respectivamente por: Jean-Pierre Rampal e Ruggero Gerlin; 1: Fecho.

Emissão Estereofónica — As 21: Música portuguesa; O trompetista Roy Etzel; Música de Jazz; Canções; Música de filmes; 22: Solo de piano por Rafael Orozco; Quarteto em Mi Menor, Op. 121, de Fauré; 22 e 58: Resumo do programa; 23: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Suplemento (um programa de poesia); 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 250.13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento Textente; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 19 e 45: Língua Portuguesa, pelo professor Vasco Botelho de Amaral; 20 e 10: Dimensão turística; 20 e 24: As canções de...; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Isto é Brasil; 21 e 03: Alegria no trabalho; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande toda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: alimã.

Modulação de frequência — 97.4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C. 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 G6-G6; 0 e 02: Em órbita; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383.6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Martins» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: ...Dinge o ritmo; 19 e 30: Estúdio 64; 20 e 10: Norte da vida; 21 e 5: Diálogo; 21 e 15: Placard desportivo; 22 e 45: Mensagens bíblicas; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: O caminho da vida; 22 e 30: Camosel-3; 23 e 4: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233.2 m — 1286 kc/s — As 16: Rádio romana; 18 e 5: Claque; 18 e 30: Tempo e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Programa dos sócios; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação de Porto — 256.6 m — 1169 kc/s — As 16: Rádio romana; 18: Melodias; 18 e 30: Tempo, do Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Música seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditação; 21: Os Novos Emissores em Marcha; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONE ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 168 m — 1594 kc/s — 94.4 mc/s — Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 17 às 17: Clube Radiofónico de Portugal; Das 8 às 11 e das 19 e 30 às 22: Rádio Voz de Lisboa — Das 17 às 19 e 30 e das 22 às 2.

CATALOGO DE LIVROS RAROS, ANTIGOS E MODERNOS
Está em distribuição gratuita na Livraria Académica de Joaquim Guedes da Silva & C.ª, Lda.
Rua Mártires da Liberdade, 10 PORTO

SE TEM AUTOMÓVEL

Realize dinheiro s/ hipotecar, ou s/ transferir, s/alterar o seguro; até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81-3.ª, Dr. — T. 40049-560713.

AGUARDO SUA VISITA

AUTO-MONUMENTAL DO AREIRO, SARL
AGENTE OFICIAL DO DISTRITO DE LISBOA
VOLKSWAGEN
AV. PADRE MANUEL DA NOBREGA, 8, 8C e 8D
(AO AREIRO)TELEF. 727654-727665-713057



estação de serviço peças legítimas e oficiais
carros novos e usados com garantia
facilidades de pagamento,

Compre a melhor vista de mar comprando APARTAMENTOS MOBILADOS OU MORADIAS A J. PIMENTA S. A. R. L.

EM CASCAIS E PAÇO D'ARCOS

RENDIMENTO DE 6 A 10%, GARANTIDO POR ESCRITURA PÚBLICA, DURANTE 6 E ATÉ 18 ANOS, À ESCOLHA DO CLIENTE

Compre a sua propriedade e não mais terá preocupações, pois receberá directamente em sua casa, no n/ escritório, ou no Banco o rendimento certo e seguro a que tiver direito. Pode ainda habitar ou explorar directamente o aluguer da sua propriedade

Preços dos Apartamentos mobilados: 150, 175, 180, 185, 190, 195, 200, 215, 225, 230, 250, 255, 265, 305, 325, 350, 470 e 600 contos

» » Andares: 4 assoalhadas 300 contos; 5 ass. 380 contos; 6 ass. 440 contos; 9 ass. 750 contos e 12 ass. 880 contos

Locais onde possuímos andares e apartamentos: Amadora, Reboleira, Venda Nova, Paço d'Arcos (Espargal), Parede, Cascais e Lisboa.

Moradias Luxuosas: 9 divisões assoalhadas, 3 casas de banho, cozinha, garagem quintal e Jardim. Magnífica vista de mar e serra situadas na R. José Ferrão

Castelo Branco, em Paço d'Arcos. Facilita-se parte do pagamento

Apartamentos em exposição nos seguintes locais: Lisboa — Pr. Marquês de Pombal; Reboleira — R. D. Dinis; Paço d'Arcos (Espargal) e Cascais (rectaguarda do Hotel Baía)

TEMOS ANDARES E APARTAMENTOS PRONTOS A FAZER ESCRITURA

Escritórios: LISBOA — Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843

QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefs. 952021/22: AMADORA-REBOLEIRA — Telef. 933670

A NOSSA ORGANIZAÇÃO VENDE MAIS BARATO E COM MAIS GARANTIAS PORQUE É A ÚNICA DO PAÍS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

Dizem os leitores...

Mau serviço de comboios aos preços que calham...

Escreve-nos de Alverca o sr. Eduardo Martinho a carta que a seguir publicamos sobre anomalias no serviço de comboios da linha de Vila Franca e diferenças incompreensíveis, e constantemente variáveis, em preços de bilhetes, comprovados pelos que o nosso leitor nos envia. Eis a referida carta, que endereçamos à C. P.:

«Há quase uma dezena de anos que utilizo com regularidade os serviços da C. P. entre Alverca e Lisboa. Apesar disso, porém, é a primeira vez que tomo uma iniciativa deste género, isto é, recorrer a um jornal para publicamente chamar a atenção das entidades competentes para alguns dos problemas com que os utentes da

linha de Vila Franca de Xira se debatem.

1 — No que respeita a comboios apinhados em horas de ponta, o problema é por demais conhecido e sofrido para que sejam precisos comentários especiais. Cito apenas dois exemplos: o comboio que parte às 6 e 58 de Vila Franca e o das 19 e 45 com partida de Santa Apolónia. As sardinhas na canastra respiram fundo por não precisarem da C. P. E os conflitos que se geram a todo o instante por causa dos pagamentos de excesso 2.ª-1.ª classes? Isto sem falar no dinheiro que a C. P. deixa de receber devido à imobilidade forçada dos revisores...

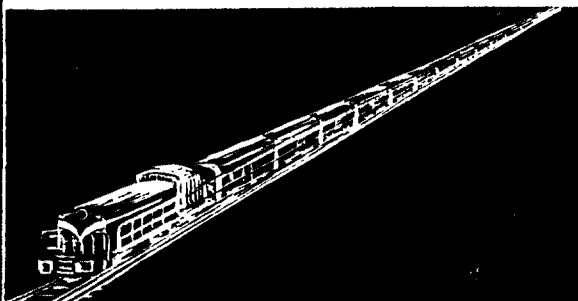
2 — É evidente a falta de comboios em certos períodos do dia. Socorro-me ainda de dois exemplos: à noite, para as estações entre Sacavém e Vila Franca, não há qualquer comboio entre as 21 e 20 e as 23 e 55, ou seja, mais de duas horas e meia sem meio de transporte para uma zona de elevada densidade populacional (também não há camionetas a partir das 20 e 10...). De manhã, para Lisboa, não há comboio entre as 8 e 31 e as 10 e 49. Em tempos não muito distantes, havia um comboio, com partida de Vila Franca às 9 horas, mas até esse foi eliminado. Aumenta a população, diminuem os comboios... Parafraseando a Guidinha: — Vão lá entendê-los!

3 — Agora surgiu a causa próxima desta carta. Refere-se a preços de bilhetes. No dia 29 de Janeiro, paguei por uma passagem em 1.ª classe, entre Bobadela e Alverca, a quantia de 5\$50 (o preço anterior era de 6\$00, mas houve uma alteração na tarifa, segundo me informou o revisor, porque estava mal calculada...). No dia 3 de Fevereiro, pediram-me, novamente, 6\$00 pela referida passagem (disse ao revisor o que se passara a 29 de Janeiro, mas ele respondeu-me que devia ter sido engano do colega). No dia 4 de Fevereiro, voltaram a cobrar a quantia de 5\$50! No dia 7, outra vez seis escudos! Parece certo o que dizem os próprios funcionários da C. P.: — que é uma organização bastante desorganizada! Os resultados estão à vista!

Despache os pequenos volumes por caminho de ferro



em regime de Tarifa 8/108



Transporte rápido, económico e sem formalidades.

Φ — SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO — Publicidade

ORÇAMENTISTA MEDIDOR

COM PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO CIVIL E DE URBANIZAÇÃO para Gabinete de Projectos e Obras. Recorra-se. Enviar curriculum e ordenado pretendido. Resposta a este jornal ao n.º 429.

Vinho de pasto da região do Douro

BARQUEIROS (Douro), 16 — Pela circular n.º 1.269/70, da Direcção da Federação dos Vinicultores da Região do Douro — «Casa do Douro» — foi transmitido aos grêmios, casas dos vinicultores das sedes do concelho, adegas cooperativas e párocos da região demarcada que é obrigatório a apresentação da declaração de existência de vinho de pasto — em impresso próprio — (Modelo C. D. 48), a fazer pelos vinicultores e comerciantes no dia 28 de Fevereiro de 1970, o qual deverá ser apresentado nos grêmios e casas dos vinicultores até 5 de Março próximo, impreterivelmente.

A falta de apresentação da declaração neste prazo determina o cancelamento da litragem na respectiva conta corrente.

Todas as declarações deverão ser feitas com a maior exactidão, devendo ser mencionadas as características (vinho tinto ou branco), quantidades que se destinam a venda e consumo da casa agrícola;

Os lavradores que tenham o seu vinho vendido, mas ainda se encontre nas suas adegas, são igualmente obrigados à declaração de existência com a anotação de vendido.

BIBLIOGRAFIA JURÍDICA

«A revogação dos actos administrativos», pelo dr. José Robin de Andrade

«Jornal do Foro»

«O seu objectivo — escreve o autor do trabalho, em epígrafe em «nota prévia» do mesmo — não foi a análise de um problema teórico bem delimitado, mas antes o estudo dos diversos problemas levantados pelo regime jurídico do Instituto da revogação dos actos administrativos, à face do direito português metropolitano e ultramarino».

E o dr. José Robin de Andrade, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e um dos mais notáveis dos nossos jovens juristas prossegue:

«Duas razões nos levaram a tentar este estudo: em primeiro lugar, a importância que reveste, no estudo da re-

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

Toni de Matos e Isabel de Castro. O cancionista está satisfeito porque (disse): «Todos nós temos ambições e a minha ambição era representar um pouco». Representou.

Quanto à actriz, ei-la a supor que algumas pessoas estranharão vê-la metida naquele filme depois de traba-

lhar numa obra como «Domingo á tarde». Simplesmente — declarou — «estar parada muitos anos não ajuda nada». E ela esperou. Esperou por outro «Domingo á tarde» Esperou em vão. António Macedo faz publicidade. Isabel de Castro é actriz, vive do seu trabalho, tem de trabalhar no que aparece...

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ENGENHEIRO CIVIL AGENTE TÉCNICO

COM PRÁTICA DE CONSTRUÇÃO E CALCULOS DE BETÃO ARMADO para Gabinete de Projectos e Obras. Precisa-se. Enviar Curriculum e ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 430.



JOSÉ SALGADO DE OLIVEIRA

Missas do 7.º dia e agradecimento

Sua mulher Eliza Freitas de Oliveira, cunhadas, sobrinhos e demais família, participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que amanhã, dia 17, pelas 12.20 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima e pelas 19 horas, na Igreja Paroquial do Montijo, serão celebradas missas pelo seu eterno descanso, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a estes piedosos actos, e bem assim a quantos o acompanharam à sua última morada ou que de qualquer forma manifestaram o seu pesar.

AGENCIA MAGNO — Telef. 534167

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Areeiro, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Foz de Raimar, a partir das 20 horas.

CARTAZ DOS CINEMAS

* MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
As 15.15, 18.30 e 21.456.ª semana de encontros
Shirley Maclaine, Sammy Davis Jr e Ricardo Montalban
Do superespectáculo de 1970 em Cinemascope e Technicolor
«SWEET CHARITY»

(A rapariga que queria ser amada)

O filme escolhido para inaugurar o Festival de Cannes em 1969

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778
As 21.45

A primeira comédia

CONFIDENCIALÍSSIMO

com Annie Girardot, Francis Blanche

Prémio especial no Festival de Berlim

Prémio Fémica — Paris

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
As 15.15 e 21.30

4.ª SEMANA

O OURO DE MACKENA

com Gregory Peck e Omar Sharif

* EDEN

(Adultos) Tel. 320768
As 15.15, 18.30 e 21.45

Technicolor

Os rapazes não vêm à terra há dez meses!

Atenção! Cuidado!

FECHEM-NAS A 7 CHAVES

com Christopher Plummer e Susannah York

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

2.ª SEMANA COM O EXITO DE GARGALHADA DE QUE

TODA A GENTE FALA

GUERRA A TV

com BOURVIL e FRANCIS BLANCHE

40 prémios privados da televisão. Porquê?

* IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
As 21 horas

O LEÃO DO INVERNO

Complementos escolhidos

* LIDO

Praça D. João I—AMADORA
(M. 17 anos) Tel. 937593

As 21.30

Um filme de acção, uma comédia que diverte!

ONDE ESTÁ JACK?

com Tommy Steele e Stanley Baker

* SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54153/4
Hoje as 15.15, 18.15 e 21.30

EM 3.ª SEMANA

THE GRADUATE

(A PRIMEIRA NOITE)

(Oscar para o melhor realizador)

com Anne Bancroft, Dustin Hoffman e Katherine Ross

* CONDES

(M. 17 anos) Tel. 522523-326710
As 15.15, 18.15 e 21.30

Annie Girardot, Francis Blanche e Jean Yanne

CONFIDENCIALÍSSIMO

Prémio Fémica — Paris 1969

* ODEON

(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30

EXITO SENSACIONAL

Um filme português de alto nível passionai e dramático

O DESTINO MARCA A HORA

com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Eugénio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

Realização de

HENRIQUE CAMPOS

* EUROPA

Tel. 661016
As 15.15 e 21.30

O filme que pelo seu tema tem atraído a atenção do público

MEIAS PRETAS

com Susan George e Victor Henry

* AVIS

(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45

Jamaís houve dois homens tão mortos!

A MORTE VEM A CAVALO

com Lee Van Cleef e John Phillip Law

Technicolor — Techniscope

* LIZ

(Adultos) Tel. 48560
As 21 horas

O GRANDE AJUSTE DE CONTAS

HOTEL DA MALANDRICE

* CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) As 17 e 21.30
com Gordon Scott e Delphy Maureen

NINHO DE ESPÍOES

com Gordon Scott e Delphy Maureen

* CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas
SOU EU, A NATÁLIA

A CIDADE SUBMARINA

* IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30

2.ª SEMANA

Os desejos inconfessáveis de um «jovem» de 40 anos!

Um filme de Franco Giraldi

A REBOLONA

com Ugo Tognazzi e Isabella Rei

* ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134
As 15.30, 18.30 e 21.45

A obra-prima de Carl Dreyer

DIA DE CÓLERA

* VOX

(M. 17 anos) Tel. 720808
As 15.15, 18.30 e 21.45

Rod Steiger, Judy Geeson e Claire Bloom num filme de apaixonante interesse!

A RAPARIGA DO AUTO-STOP

TECHNICOLOR

Apresentado no XIX Festival Internacional de Berlim

* TVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
As 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite

EM 9.ª SEMANA

UM FILME INCOMPARÁVEL em TODD-AO cor de Lux

com BARBRA STREISAND

HELLO, DOLLY

* SÃO LUZ

(M. 12 anos) Tel. 327172
As 15.15, 18.15 e 21.30

Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional

3.ª SEMANA

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

No salão de festas — Exposição de automóveis — antigas miniatura

* ALVALADE

(M. 12 anos) Tel. 763080
As 15.45 e 21.45

Os pioneiros do automobilismo numa comédia sensacional

3.ª SEMANA

Technicolor — Cinemascope

OS GLORIOSOS CALHAMBEQUES

com Tony Curtis, Susan Hampshire e Bourvil

* RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30

Uma história bem contada e bem interpretada na sua violência e aventuras e a que não faltam apontamentos de bom humor.

VELHA RAPOSA

com John Wayne e Kim Darby

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 770095
As 15.30, 18.30 e 21.45

4.ª MES

13.ª SEMANA

DIVÓRCIO A ITALIANA

A espantosa comédia de PIETRO GERMI

com Marcello Mastroianni e UMA MARAVILHA

* OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

LAURA ALVES — As 21 e 45: «A Força» (17 anos).

VARIEDADES — As 20 e 45 e às 23: «Paga a palavra» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — As 21: «Maciste, o homem mais forte do Mundo» (12 anos).

ARCO IRIS — As 21: «Rio Herói do Texas» (12 anos).

ROYAL — «Um perigo em cada curva» (17 anos).

ORIENTE — Amadilha, para um foragido» (12 anos).

JARDIM — As 21: «Repulsa» (17 anos).

PARIS — As 21: «Caramento» (17 anos).

CINEARTE — As 21: «Os bravos não morrem» (12 anos).

IDEAL — As 21: «O velho e o criança» (12 anos).

MOSCAVIDE — As 21: «O Diabo era outro» (12 anos).

PROMOTORA — As 21 h: «Perry Grant» (17 anos).

Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «O Leão de Inverno» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Ninho de espíões» (12 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «O vilão de Arizona» (12 anos).

FARMACIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno H

AJUDA — Lopes Ribeiro, Rua do Cruzeiro, 117 (633288) * Boa Hora, Rua dos Quarteis, 25-27 (637777).

ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (712070) * Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (70465) * Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712833) * Paris, R. Renaldo Ferreira, 5-A-B (ao Pote d'Água) (710131).

ALCANTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020).

ANJOS — Colonial, R. Faria do Tejo, 40 (841221) * São José, R. dos Anjos, 4 (50730).

ALTO DO PINA — Nobel, R. Actor Volei, 53 (842152).

AREIRO — Vera Cruz, P. Afrânio Peixoto, 2-B (724941) * Onilda, Avenida João XXI, 3-A (726848).

ARROIOS — Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215 (45079).

CAMPO DE OURIQUE — Porfírio, R. Franc. Metrass, 59 (663349).

* Ivone, Lda, R. Silva Carvalho, 23-A-C (650760).

CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (683394).

CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35, (780181).

CONDE DE REDONDO — Salutar, R. C. Redondo, 9-A (53341).

ESTRELA e LAPA — Países & Parente, R. de Santo António da Estrela, 96-98 (665196) * S. A. E. Silva, Filhos, Rua de S. João da Mata, 74 (661010).

GRAÇA — Arnali, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940).

LUMIAR — Alameda, A. dos Linhas de Torres, 201-B (790942).

* S. Tomé, Est. do Desvio, lote 12-C (790704).

MARVILA — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (38612).

AVENIDAS NOVAS — Miranda, C. Pequeno, 36-B-C (770776).

* Sagres, Av. Luís Bivar, 69-71 (472131) * Cardeira, Av. Duque de Avila, 32-C (43495) * Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) * Universal, Rua Actor Taborda, 5-7 (144158).

BAIRRO DA ENCARNACÃO — Zife, Praça das Casas Novas, Lote 66 (310172).

BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romano, Rua B-7, a Rua Marques de Olhão, (383800).

BAIXA — Centro Farmacêutico, R. das Pontas de St. Antão, 88 (321213) * Unifra, R. da Vitória, 21 (323793).

BELEM — Ocidental, R. D. Jerônimo Osório, 38 (610256).

BENFICA — Benfca, Est. de Benfca, 678-E (702582) * Sousa, Est. Benfca, 429-431 (780027).

CAMPO GRANDE — Neotopia, Campo Grande, 188 (774684).

MOURARIA — Tavares, R. do Pálio, 194 (863350).

OS ANOS 40 NA R. T. P. EM NOITE DE CINEMA

Noite de Cinema vai iniciar um novo ciclo de filmes na próxima terça-feira dia 17. Depois de uma série dedicada ao humor, que terminou, no Carnaval, com duas comédias inglesas, a R. T. P. apresentará um grupo de filmes subordinados ao tema «Os anos 40».

Na história do cinema, esses são os anos da guerra, os

anos de ensaio, de preparação de novos movimentos. Na América, «O mundo a seus pés» obrigara a uma nova concepção de fazer filmes, muito embora se continuasse a praticar o filme de espectáculo, essencialmente romântico e popular; na Europa, os países saídos da guerra traziam uma lufada de ar fresco, de fitas jovens, diferentes, realistas na sua metalinguagem.

O primeiro filme a exibir será «Sílvia e o Fantasma», uma fantasia de Claude Autant-Lara, que precede a revelação de «Le Diabolo au Corps», seguir-se-á «A Condessa de Nova Orleães», comédia de René Clair rodada em Hollywood e, nessa medida, uma obra diferente, algo hesitante, pretexto para Marlène Dietrich: depois, duas películas americanas, ambas sobre o tema da guerra. A primeira, «Todos Morreram Calçados», é uma das obras mais típicas de Raoul Walsh, com Errol Flynn, evocação lendária do massacre de Custer; a segunda, «A Grande Batalha», devida a William Wellmann, é uma das mais sóbrias e humanas produções de Hollywood sobre o conflito mundial.

Todos estes filmes foram assinados por grandes cineastas, em momentos mais ou menos inspirativos, mas sempre significativos, das suas carreiras — por isso, e pelo que revelam dos anos 40, serão com certeza apreciados por todos os que gostam de bom cinema.

* OUTROS ESPECTÁCULOS

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Zorbo, o Grego» (17 anos).

Outra banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21 e 15: «Nada de rosas para o O. S. S. 117» (17 anos).

CORO GULBENKIAN

Desde hoje até 20 do corrente, estará aberta a inscrição para a admissão de novos elementos nos naipes de meios-sopranos e contraltos do Coro Gulbenkian.

As candidatas deverão dirigir-se à sede da Fundação Gulbenkian (Av. de Berna), das 9 às 13 e das 15 às 18 horas, a fim de preencherem um boletim e entregarem duas fotografias tipo bilhete de identidade. O limite máximo de idade para a inscrição é de 40 anos.

As provas de concurso realizar-se-ão em dia, hora e local a anunciar oportunamente.

* Outra Banda

ALCOCHETE — Gamito, 15 (Tel. 234100).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. do Belo Rosa, 8 (Telefone 224250).

ALMADA — Nuno Alvares — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 39 (Tel. 270304).

BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).

BARREIRO — Pimenta — R. Cons. Joaquim António de Aguiar, 259 (Tel. 2273012).

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — L. 5 de Outubro, 62 (Tel. 270121).

MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).

MONTIJO — Moderna — R. Buião Pato, 60 (Tel. 230156).

SISIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229471).

SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocado (Tel. 22484); Novo — A. General Gomes Freire (Tel. 22052).

SEIXAL — Soromenho — R. Paiva Coelho, 33 (Tel. 2218560).

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353

* Companhias Reunidas, 537011

* Gazcilda, 538821 * Gazcilda, idem e ferriados, 382069.

BOMBEIROS — Sapadores, 322222

Voluntários, 538524

POLÍCIA e G. N. R. — serviços de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456

* Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G.N.R. (arco rural), 36865

SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342

* Enxameagem permanente, 766161 * Enxameagem de emergência, 43738

* Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131

* Hospício e soros, 771168

* 71169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524

* Centro de Inalações (informativo), 767777, 761176 e 763450.

TRANSPORTES — Aeroporto, 720111

* Caminhos de ferro, I. C. P., 869029

* Caminhos de ferro, Estoril, 861121

* Estação fluvial (T. Pato), 325345

* Estação marítima de Alcântara, 663193

* Estação Marítima de Rocha, 672445

* Estação fluvial (Beldm), 638511.

BOM APETITE

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
ARROZ DE FRANGO
QUARTA-FEIRA
RANCHO À MODA DE VISEU
Av. Praia de Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Telef. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para
banquetes
Lanches de Cosemense

NO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL, PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
antónio
AMANHÃ
FEIJOADA À MODA DE VISEU
QUARTA-FEIRA
ARROZ DE CABIDEIA
R. Tomás Ribeiro, 63

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES
DANÇANTES
AOS SÁBADOS
E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE
DISTINTAMENTE
FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)
PREMIADO PELO SNI

479

OH! APANHARAM UM BOM GOLPE!
SEMPRE PENSEI, QUE CAROL
NÃO IRÁ EXPOR AS CRIANÇAS
A QUALQUER RISCO!

SEI DE QUE
LADO ESTÁ,
TIM! VOCÊ JOGA
SEMPRE PELO SE-
GURO! CONTO CONSIGO, DOU-
TOR. TEMOS DE ARRANJAR MA-
NEIRA DE CONTINUAR, COM OU
SEM O CONSENTIMENTO DA CAROL!

LA MENTO, ROBERT.
MAS FAREI O QUE CAROL
QUER. DEVO IMENSO À FA-
MÍLIA DELA, COMO SABE E,
ALÉM DISSO, QUERO ACA-
BAR OS MEUS DIAS AQUI...

VAI ENTÃO ABANDONAR-ME, GOMEZ?
FAZEM-ME NOJO, VOCÊS TODOS! ANOS
DE TRABALHO PERDIDOS, PORQUE
QUEREM ESTAR SEGUROS NESTA
ILHOTA CHAMADA GABRIELA!

© DISTRIBUÍDO POR AGÊNCIA DIAS DA SILVA — LERDO

Control From Features 4 DIST. BY THE NEW YORK TIMES CO. — 1950

PRIVATE

LA 10

**PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — SALA-E
LISBOA — TELEF. 32 78 03 - 32 67 18 - 32 85 67**

«MÃO» VAZIA

A constante mais evidente desta eliminatória da «Taça» foi a exiguidade dos resultados que se registaram. Para tanto, concorreu o facto de a maioria das equipas mais fracas jogarem em casa.

A resistência das turmas do Tirsense (a obrigar o F. C. Porto a um empate), Salgueiros e Famalicão, batidas pela diferença menor, e da Sanjoanense, ante adversários de escol, encontra nesse pormenor a explicação mais cabal.

No entanto, parece-nos que o aplauso menos condicionado deve ser endereçado ao «Nazarenos», visitante da Académica. Pertencente à III Divisão, a representação da Nazaré não se inferiorizou em Coimbra.

Também o Montijo tem motivos para estar satisfeito com o desfecho do seu desafio em Braga. 1-0 é resultado animador, tanto mais que, tal como acontece com os nazarenos, abre boas perspectivas para a ronda que se segue.

Surpreendente, pela expressão atingida, a vitória do Boavista sobre o Varzim. Os «axadrezados» assinaram uma segunda parte invulgarmente feliz.

O Sintrense tratou de arranjar provisões para a ida a Lamago e os três golos que levraá consigo devem proporcionar-lhe uma viagem tranqüila.

Os triunfos obtidos pelo Barreirense e pelo Tomar, à custa do Leixões e da C. U. F., respectivamente, inscrevem-se na rubrica «normalidade».

Assim terá igualmente de denominar-se o êxito do Vitória de Setúbal sobre o Benfica. Ficaram patentes a valia dos sadinos e a recuperação dos «encarnados».

Esta «mão» da «Taça» é, afinal, quase mão vazia...

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO



A «TAÇA» É «BOTA-FORA»

Eusébio é um dos que não se conformam com a posição de subalternidade do Benfica. Em tardes cinzentas, quando tudo está a correr mal, dos seus pés nascem com frequência «explosões de fúria», que lembram os melhores tempos do grande jogador. Na gravura ele é quase uma imagem de frustração. Depois de uma arrancada fulgurante, apertado por diversos jogadores, perdeu uma bota. Continua com o pé descalço a sua caminhada para a baliza até ser derrubado por um dos perseguidores. E tal como o moçambicano não

conseguiu fazer vingar os seus esforços, também a equipa benfiquista não pôde evitar a derrota, apesar da «remodelação» que, não deixando de apresentar algo de positivo, não chegou para deter a «maré viva» do Vitória. O Benfica mostrou já o caminho de uma renovação de princípios, de sistemas e, principalmente, um regresso à ideia de um futebol rápido e fulgurante. Futebol como aquele que o Vitória mostrou ontem...

(AUGUSTO VILELA, página central)



DESPEDIDA EM PRAGA

A equipa feminina de voleibol do Benfica despede-se hoje, em Praga, da Taça dos Campeões de 1969-70. Pode dizer-se que «se despede» pois não há dúvidas sobre a sua eliminação, dado que já em Lisboa perderam pela maior diferença (3-0) com as checas do Tatran. No entanto, a passagem das jovens portuguesas pela competição fica bem assinada, com a vitória sobre as campeãs austríacas e uma afirmação de possibilidades que se poderão desenvolver num mais frequente contacto com o voleibol de «nível internacional».

A HORA NOVA DO BASQUETEBOL

Subitamente, o basquetebol animou-se para uma valorização que pode ser o ponto de partida para a grande caminhada que há tanto se espera. Enquanto acordam iniciativas para o fomento nas camadas juvenis (esse admirável «mini-basquetebol», em que os espanhóis nos dão um grande exemplo de trabalho bem orientado) os «seniores» também vivem uma temporada diferente, devido à presença dos jogadores-treinadores norte-americanos, que, com os seus amplos conhecimentos do jogo, estão a elevar de forma notória a capacidade das equipas em que estão incluídos. Neste último aspecto, o principal beneficiário tem sido o Benfica, que comanda o

campeonato. Em cada jogo, uma vitória.

(página 2)



Uma fase do jogo Benfice-Barreirense, que terminou com mais uma vitória dos «encarnados»



CICLISMO «ROBBIALAC»

— OITO DIAS COLORIDOS EM OFIR

Alguma coisa mais que uma boa prova de ciclismo — é o que o dinâmico Damasceno Covão vai fazer do 9.º «Grande Prémio Robbialac», que desta vez estará «centralizada» em Ofir, a bela estância nortenha de Turismo.

(página 8)

Basquetebol — Campeonato Nacional (fase metropolitana)

QUEM É CAPAZ DE GANHAR AO BENFICA?

O basquetebol teve um fim-de-semana particularmente alicante.

A partida Benfica-Sporting, efectuada no sábado,

VELA

SELECÇÃO PARA O «IBÉRICO»

Disputaram-se ontem mais duas regatas de vela, uma delas englobada na selecção para o «Campeonato Ibérico» (na classe 420) e outra de «Snipes», verificando-se as seguintes classificações: «420» — 1.º, Francisco Lufinha-Castro-Azevedo e Silva; 2.º, Vande Paune-Benard Chantef. «Snipes»: — 1.º, Silveira (C. N. L.); 2.º, Jaime Sacadura Filho (B. N.); 3.º, Helder Soares Dúlio Severo (B. N.).

constituiu o furo dessa jornada do «Nacional», e confirmou o excelente momento dos «encarnados», que continuam no primeiro lugar, agora mais afastados dos seus adversários.

Ontem, com os encontros disputados no Porto, Coimbra, F. da Foz e Lisboa, completou-se a 10.ª ronda do campeonato.

De salientar as marcas registadas pelo F. C. Porto e Vasco da Gama, que ultrapassaram os 100 pontos e as duas derrotas sofridas pelo B. P. M., tirando-lhe todas as pretensões ao lugar cimeiro.

Os resultados verificados foram os seguintes:

Porto, 118-Belenenses, 55; V. Gama, 112-Marinense, 30; Académica, 89-Académico, 43; Ginásio, 56-B. P. M., 47; Sporting, 93-Cuf, 47; Benfica, 87-Barreirense, 57.

No pavilhão da Ajuda, em Lisboa, perante fraca assistência, o Sporting ven-

ceu facilmente a Cuf. Esperava-se mais dos «fabris», mas, perante a facilidade com que os «leões» dominavam, jamais se encontravam, outros pelo contrário, actuando numa total desorientação. De lamentar a atitude precipitada do seu responsável, que, descontrolado, deu ordem aos seus jogadores para abandonarem o rectângulo, quando os «leões» venciam já por 18-4, assistindo-se então a cenas pouco edificantes. De assinalar a atitude dos «leões», que diligenciaram junto da equipa de arbitragem para o prosseguimento do jogo, repondo as coisas no seu lugar.

Quanto ao Benfica, quem o vencerá? O Barreirense, muito animoso, ofereceu boa réplica, aliás consentida em parte, pois quando Griffin entendeu necessário, o «sistema Pressing» apareceu eficaz e, numa velocidade diabólica, os «encar-

nados» utilizaram a sua excelente meia distância.

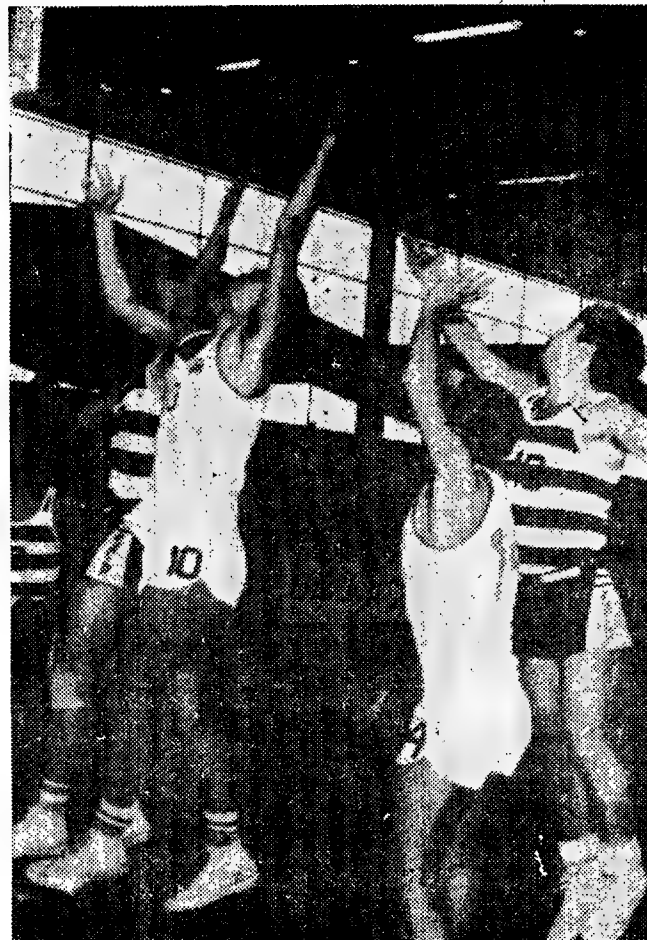
Alinharam e marcaram: BENFICA — Simões (25), J. Carlos (13), J. Campos (11), Griffin (31), Esteves (8), J. Alberto (5), Armindo e Abel.

BARREIRENSE — Carreira (13), Vicente (16), Carvalho (12), A. Ferreira (6), Laurencio (6), Fernandes (2), Ferreira, Silva (2) e Santos.

SPORTING — Ernesto (2), Sobreiro (22), Encarnação (12), Sousa (10), Monteiro (30), J. Maria (7), J. Augusto (10) e Leonardo.

CUF — Marreiro (6), Joel (3), Nelson (4), Armindo (16), Gaciras (6), Mendes (6), Cerqueira (4), Oliveira (2), Tozé e Adriano.

Classificação: Benfica, 20; Sporting, 18; Académica, 17; Cuf, Figueirense e Porto, 16; B. P. M. e Vasco da Gama, 15; Belenenses, 13; Académico e Barreirense, 12; Marinense, 10.

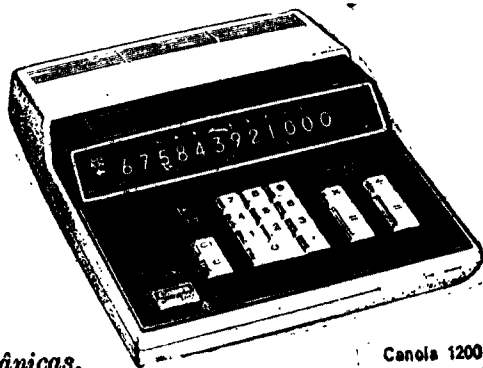


O Sporting venceu ontem o Desportivo da Cuf — jogo de que esta imagem nos mostra animado lance

Conte com Canon

Porquê?

O cérebro electrónico de secretária Canon Canola 1200; calcula em centésimos de segundo. Silenciosamente. Com segurança. Graças aos minúsculos ICs (circuitos integrados). Sim. Doze dígitos. E um visor de resultados ópticamente perfeito. Teria que ser connosco. Precisão em óptica e electrónica é o nosso ofício. Que mais poderá desejar? Uma demonstração? Solicite-a e acreditará. E conte com o nome Canon.



Canola 1200

...e ao preço de electromecânicas.

COMUNDO

Dept. Equip. de Escritório — Telef. 53 70 91 — LISBOA

SONIPOL

Dept. Equip. de Escritório — Telef. 2 05 53 — PORTO

ZUME — Telef. 2 44 56 — COIMBRA

Canon

Râguebi — Campeonato Nacional

A EQUIPA DA ACADÉMICA SOFREU A PRIMEIRA DERROTA

• Já estão em actividade

os «iniciados»: râguebistas de 10 anos!

O jogo Técnico-Académica de Coimbra teve o condão de isolar ainda mais o Benfica no topo da classificação. Agora são os «encarnados» a única equipa sem derrotas. A Académica, que tinha só um empate, tem, agora, uma derrota também. Na verdade, o «quinze» de Coimbra deu excelente réplica, que aliás o resultado não deixa transparecer.

Bacta e Toni distinguiram-se numa equipa muito combativa e cuja estruturação melhora a olhos vistos, tal como a assimilação de

jogadas e capacidade de movimentação. Só a sua velocidade de reagrupamento nos pareceu pormenor algo descuidado. Disse-se aproveitaram os «engenheiros» que, dispondo de maior velocidade de reagrupamento, impuseram a lei dos avançados.

Outro pormenor que nos feriu a atenção foi o tempo excessivo que os râguebistas da Académica conservaram a bola nas mãos. Em vez de passarem logo após a primeira passada tentaram sempre fintar. É claro que os rápidos e decididos avançados do Técnico logo os derrubavam.

O C. D. U. L. venceu com facilidade Económicas, demonstrando clara superioridade em todas as fases do jogo.

II DIVISÃO

Há que realçar a primeira vitória do CNOCA, estimado sempre agradável para os que começam. O Belenenses venceu claramente Medicina isolou-se no primeiro posti, beneficiando da derrota que Agronomia sofreu frente aos «médicos».

TORNEIO DE RESERVAS

O Benfica continua «leader» invicto da prova, pois dispõe do mais forte «quinze» nesta categoria.

JUNIORES

A Belenenses venceu o Benfica por 11-0, candida-

tando-se mais fortemente ao triunfo na categoria.

O C. D. U. L., porém, não perde terreno e dentre os dois sairá, supomos, o futuro campeão.

JUVENIS

Belenenses, Benfica e Direito, as formações mais fortes, voltaram a vencer, dando um interesse elevado à prova reservada aos jovens dos 14 aos 16 anos.

INICIADOS

Este torneio para jovens râguebistas dos 10 aos 12 anos está a decorrer com muito entusiasmo dos jovens praticantes. Sabendo-se que o râguebi é um «vírus» que nada mata, podemos augurar a modalidade de bom futuro, dada a quantidade de jovens praticantes.

Dirito venceu Coimbra por 24-6, Escola E. Navarro por 3-0 e a Belenenses por 3-18 e a segunda equipa dos «azuis» empatou (3-3) com a do Liceu Carmões.

E com que alegria e entusiasmo eles corriam com a bola e se placavam na relva fofa do Estádio Nacional!

P. A.

GRUPO SPORTIVO «OS LOUREIROS»

A secção de beneficência do Grupo Sportivo «Os Loureiros» organizou mais uma reunião de convívio, durante a qual se tratou da necessária angariação de fundos destinados a vestir cerca de uma dezena de crianças moradoras no Bairro Alto.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

Provas da A. F. L.

O VILA-FRANQUENSE PERDEU TERRENO

Após difícil maratona e de certas equipas alimen-
tarem ilusões nem sempre
a condizerem com as rea-
lidades, terminou, ontem,
o Campeonato de Juniores
da I Divisão da A. F. L.,
competição em que Benfica
e Sporting marcaram
(aliás, uma vez mais) ni-
tida posição de relevo, ao
ganharem as respectivas
séries por margem subs-
tancial de pontos. Em pla-
no secundário mas assegu-
rando a presença no «Na-
cional», estiveram as equi-
pas do Odivelas, Loures,
Torriense, Atlético, Be-
lenenses e Estoril, enquanto
o Alverca e Cascais se
prepararam para decidirem
entre si qual a equipa que
completa os nove apura-
dos.

Como facto saliente des-
ta jornada de encerramen-
to, cifrou-se a primeira e

e D. Olivais (18-70), 32;
Vitória (21-60), 31.
SÉRIE B — Sporting
(107-5), 65 pontos; Atlético
(83-16), 61; Belenenses
(60-19), 57; Estoril (38-33),
46; Casalense (32-40), 44;
Casa Pia (26-37), 43; E.
Amadora (35-37), 41; 1.
Dezembro (21-56), 39; Sin-
trensense (36-51), 36; U. Al-
gós (14-37), 35; Cascais (20-
66), 33; Oeiras (11-86), 27.

«Distrital» da 1.^a,
2.^a e 3.^a Divisões

Com os jogos corres-
pondentes à décima ter-
ceira e nona jornadas,
prosseguiram os «Distri-
tais» da 1.^a, 2.^a e 3.^a Divi-
sões, respectivamente, re-
gistando-se os seguintes
resultados:

1.^a DIVISÃO — Palmen-
se-F. Benfica, 4-0; Vité-
ria-Loures, 0-0; Bucel-

Porto Salvo-Armadorense,
5-0; Abóboda-Legião, 1-0;
Tres-Talalde, 2-6; Linda-
-a-Pestora - Carcaveiros,
1-0. SÉRIE B — Louisa-P.
Frielas, 1-1; Camarate-
-Operário, 2-2; Cameças-
-Corregado, 0-2; Famhões-
-Castanheira, 2-0; Azam-
-buja-Estefânia, 1-1. SÉRIE C
— Monte Agrado-Cadaval,
1-3; Ponterrôense-Freiria,
2-2; Runa- Lourinhansen-
se, 3-0; Atadua-Matru, 3-2;
Sobralense - Negraisenses,
1-3. SÉRIE D — Queluz-
Vila Verde, 0-0; Montela-
varenses-Belas, 3-0; 1.^o de
Dezembro - Colarenses, 1-0;
Mucifalense - Mem-Martins,
1-0; Cacém-P. Pinheiro,
0-0.

«PELÉ»
E A FACULDADE

SANTOS, 16 — (A
N. 1) — O futebolista
«Pelé» não poderá cur-
sar a Faculdade de
Educação Física de
Santos se não apresen-
tar os documentos de
conclusão do segundo
ciclo ginasial (licial)
até o termo do período
de matrícula — afir-
mou o inspector fede-
ral, prof. Camilo Soa-
res Figueiredo, que
veio a Santos inspec-
cionar os cursos das
faculdades locais.

«Pelé» prestou exame
de admissão e ficou
aprovado. Mas a sua
matrícula depende do
diploma, que ele espera
apresentar depois dos
jogos do Campeonato
Mundial.

2.^a Divisão — Zona Norte

O ALGARVE NO TOP 3

Ao vencer, ontem, o Torriense (1-0) o Farense subiu ao
2.^o lugar da classificação da Zona Sul do «Nacional»
de Futebol da II Divisão, com o mesmo número de pon-
tos que o Atlético, mas superioridade na que refere a
golos. Entretanto, o Portimonense é o «leão». Boas
perspectivas para o futebol algarvio, com saudades —
e ele próprio uma saudade — da primeira divisão...

Depois deste jogo, a classificação ficou assim ordenada:

PORTIMONENSE	18	8	8	2	24-14	24
Farense	18	9	5	4	38-17	23
Atlético	18	9	5	4	26-14	23
Torriense	18	11	—	7	44-19	22
Sesimbra	18	8	5	5	29-22	21
Montijo	18	9	2	7	20-20	20
Oriental	18	7	5	6	20-17	19
Peniche	18	8	1	9	26-23	17
Luís	18	6	5	7	18-27	17
Sintrensense	18	6	4	8	23-24	16
Seixal	18	4	8	6	14-25	16
Santarém	18	6	3	9	21-39	15
Tramagal	18	4	5	9	15-28	13
Lusitano	18	2	2	14	13-42	6



No jogo de juvenis Belenenses-Sporting (que os «azuis»
ganham), um «irão» conduz a bola

única vitória do Oeiras,
que venceu o Cascais por
2-1.

Nas restantes partidas
os jogos de maior interesse
situaram-se precisamente
nos campos das Seixas
(onde o Loures logrou ven-
cer o Malveira por 3-2), da
Amoreira (no qual o Estoril
derrotou o Casa Pia por
2-1) e em Torres Vedras
(onde o Oriental perdeu
por 1-0).

As classificações finais
ficaram assim ordenadas:

SÉRIE A — Benfica
(98-7), 64 pontos; Odivelas
(47-18), 55; Loures (37-31),
51; Torriense (28-9) e Al-
verca (33-29), 49; Oriental
(33-22), 44; Sacavenense
(28-30), 42; A. Malveira
(19-35), 39; Alhandra (21-
33), 38; Bucelenses (18-17)

ses-D. Olivais, 1-0; Santa
Iria-Alverca, 2-0; Olivais-
Vialonga, 3-0; E. Amado-
ra-Ericeirense, 1-0; J.
Cruzêiro - Vila-franquense,
0-0.

Classificação: Vila-fran-
quense, 32; Olivais, 30;
Santa Iria, 29; Loures,
28; Vialonga, Vitória e
Bucelenses, 27; E. Ama-
dora, 26; Ericeirense, 25;
Alverca, D. Olivais e J.
Cruzêiro, 23; F. Benfica
e Palmense, 22.

2.^a DIVISÃO — Santa
Iria-Venda Pinheiro, 0-6;
Linda-a-Velha - Livramen-
to, 0-2; Charneca-Liber-
dade, 5-0; Zambujalense-
Tojal, 3-0; Arroios-Cara-
mão, 2-1; Cascais-Lourel,
1-0; Malveira-U. Povoan-
se, 0-1.

3.^a DIVISÃO — Série A
— Boa-Hora-Oeiras, 0-2;

FUTEBOL NO ESTRANGEIRO

ESPANHA

Resultados dos jogos do
campeonato espanhol:

Corunha-Atlético de Bil-
bau, 1-1; Granada-Valén-
cia, 0-1; Elche-Sabadell,
1-1; Barcelona-Sevilha, 1-0;
Saragoça-Atlético de Ma-
drid, 1-0; Real Madrid-
Real Sociedad, 3-0; Ma-
jorca-Celta, 0-0; Pontevedra-
Las Palmas, 0-0.

CLASSIFICAÇÃO:

Atlético de Bilbao, 31
pontos; Atlético de Ma-
drid, 30; Real Madrid, 29;
Saragoça, 26; Real Socie-
dade, Sevilha e Valência,
25; Barcelona, 24; Gra-
nda e Sabadell, 21; Celta,
20; Las Palmas, 19; Coru-
nha, 18; Elche, 17; Ma-
jorca, 14 e Pontevedra, 7.

ITALIA

Resultados dos jogos do
campeonato italiano:

Milão-Roma, 1-0; Nápo-
les-Sampdoria, 0-2; Flo-
rentina-Lazio, 2-0; Juv-
ventus-Vicenza, 4-0; Palermo-
Turim, 1-0; Inter-Cagliari
1-0; Bari-Bologna, 0-2 e
Verona-Brescia, 0-0.

CLASSIFICAÇÃO:

Cagliari, 31 pontos; Ju-
ventus, 30; Fiorentina,
28; Milan e Inter, 27; Na-
poli, 24; Roma, 21; Vicen-
za e Torino, 20; Bologna
e Verona, 19; Lazio, 17;
Bari, 15; Palermo, 14;
Sampdoria e Brescia, 11.

TRANQUILAMENTI

No «velho» Campo «Eng.º Vidal Pinheiro» houve confraternização entre o futebol da primeira e segunda divisões. Rever o Sporting foi uma honra que a popular colectividade portuense não enjeitou para se engalantar com um futebol que a todos surpreendeu, inclusive o próprio adversário.

Tudo parecia rosas para os sportinguistas. Na verdade, o «complexo de inferioridade» natural do Salgueiros e suas inibições consequentes seriam um «ás» nas mãos de hábil jogador.

Aos 16 minutos surgiu o primeiro gol que seria — mas quem o julgaria? — o único do encontro e tudo parecia perdido para o simpático clube «encarnado»: desejos, ambições, talvez um sonho de um grande cometimento...

Sem se mostrar agressivo no ataque

dos atletas locais. Esforços e bateram um resultado que dias no clube portuense não se deu nos seus «diabo tecelões». O «a» marca «encarnado» Santana teve o gol mate saiu a «estua» esperança de ser o empate justo. O Sporting primeira parte um agradável — ainda atacante —, afirmou. O seu melhor sector, a calma, «autocampo apenas Gon» tituido, teve boa. Máximo foi o melhor vir sendo habitual.

No Salgueiros,



O segundo gol do Vitória marcado por Vítor Baptista sem quaisquer possibilidades de defesa para José Henrique

VITÓRIA DE SETÚBAL, 3 - BENFICA, 2

UM VITÓRIA MAIS FORTE QUE A REVOLUÇÃO BENFIQUISTA

Definitivamente, parece-nos ponto indiscutível que o Vitória de Setúbal atingiu de facto a maturidade como equipa e deve ser mesmo, actualmente, um dos conjuntos que melhor equilíbrio conseguiu entre o tecnicismo dos seus jogadores e a pujança física exigida pelo futebol moderno. Daí que, antes de ana-



Vítor Baptista, autor de dois golos, antecipa-se a Eusébio num dos muitos lances em que a sua rapidez de execução foi determinante

lisarmos as condições em que o Benfica uma vez mais baqueou, não podemos esquecer a circunstância de os «encarnados» terem encontrado pela frente uma equipa que, durante os primeiros 45 minutos da partida, atingiu um nível de jogo quase surpreendente. Da sua espantosa pujança física partiu depois para um futebol em que a força e o tecnicismo se harmonizaram perfeitamente.

Alguma coisa, porém, mudou no Benfica. Os que esperavam assistir ao vibrar de um golpe misericórdioso e fatal ao velho campeão enganaram-se. E enganaram-se porque os benfiquistas deram também provas, durante grande parte do encontro, de um entusiasmo novo e de uma vibração que andava esquecida. Falhou mas em consequência de outros motivos que já vêm de longe. Vejamos, no entanto, como as coisas se passaram.

O Benfica surgiu no terreno cheio de vontade, com os cinco sentidos no ataque, esfuçando de entusiasmo, opondo ao Vitória uma força talvez para além daquilo que se esperava. E isto não deixou de contrariar os planos da turma setubalense que não esperaria ver-se tão apertada. Mas a força de uma equipa é justamente para estas ocasiões. O Vitória expandiu então todos os seus recursos. Aplicou-se a fundo e, com base numa condição física excepcional, os seus jogadores, rapidíssimos sobre o estéril, implacáveis nos lances de antecipação que sistematicamente ganhavam, apoderaram-se do comando do jogo e nada mais permitiram ao Benfica além de uma réplica constante, um esforço enorme para não se deixarem enrastrar na torrente poderosa do jogo desbobinado pelos setubalenses. Algumas coisas correram francamente mal aos «encarnados». O resto foi a capacidade demolidora de uma equipa — o Vitória — na plenitude da sua forma.

O Benfica lutou muito, aplicou-se, procurou jogar rápido, mas a falta de rotina nesse tipo de jogo em que é preciso fazer apelo ao coração e aos nervos deve ter provocado uma certa distorsão à equipa no aspecto táctico. Os passes saíam mal e eram mal

recebidos. O «ficar desmarcado» mas sob a vigilância de um adversário cheio de mobilidade, nunca foi substituído pelo «surgir desmarcado», duas situações bem diferentes em futebol. Qualquer equipa sucumbiria aos 45 minutos iniciais do Vitória de Setúbal e os dois golos são o resultado quase certo de uma flagrante superioridade. Este ritmo, porém, não poderia ser mantido indefinidamente. Mais tarde ou mais cedo, a máquina de futebol de José Maria Pedroto haveria de dar sinais de cansaço. Assim aconteceu na segunda parte. O Vitória não conseguiu manter o mesmo ritmo e o Benfica gradualmente foi subindo, até se igualar com o antagonista. Mas não passou daí. Não soube aproveitar a quebra do adversário para mudar o rumo dos acontecimentos. E a verdade é que, em determinada altura, o encontro apresentava duas hipóteses: ou o Vitória conseguia novo «forcing», o que seria quase impossível dado o grande desgaste físico do primeiro tempo, ou o Benfica tinha possibilidades de tomar o comando da partida. Isto quase aconteceu durante alguns minutos. Depois, os lisboetas perderam-se novamente. E perderam-se porque não tiveram atacantes. Por muito complexas táticas de futebol que se inventem, por muito que pese o convencionalismo de certas escolas, parece já suficientemente provada a impossibilidade de fazer golos sem avançados que «funcionem» na zona de remate. Os do Benfica nem lá estiveram...

Ao longo de alguns anos, acumulando erros sobre erros, rotinizando-se a coberto de uma superioridade que o tempo foi diluindo, os homens do Benfica perderam o impacto e a arte de marcar golos, ainda que não tivessem perdido qualidades intrínsecas. Os que não acabaram perdidos a sua carreira, têm agora que fazer um esforço de recuperação. Aburguesada, a equipa do Benfica só na actual remodelação de



A «renovação» benfiquista trouxe ao primeiro plano estes dois jogadores habitualmente «reservas»: Fernandes e Matine

estruturas pode encontrar remédio para os seus males.

De qualquer forma, mesmo vencida, como dissemos no início desta crónica, já aconteceu alguma coisa de positivo no Benfica. Há oito dias atrás foi pior. E se os números de ontem não satisfazem, parece, no entanto, vislumbrar-se a necessidade e a procura de uma nova concepção no futebol benfiquista.

AUGUSTO VILELA



Chico contra Edgar

— que os locais estavam bem reforçados neste sector, com um e, por vezes, dois «intrusos» da linha média —, o Sporting foi passeando a bola no seu meio-campo, furtando-a ao adversário e fazendo-o correr. Esteve, por isso, Damas em dia de «folga». Foi, no entanto, admirável de brio, de dignidade profissional, a acção

Edgar, Santino, o «prestado» pelo Bel

O árbitro esteve são de José Carlos de costas, acompa decorria no outro

MANI



Sim: O B uma o

Os teir espe do nític remu mar. exac

A nisti vam gem litou lhor ces

Os -se -o -e

UM EX-PORTISTA NA RODÉSIA

SALISBÚRIA, 16 — (L.) — A equipa portuguesa de futebol dos Lusitanos, que participará esta época no campeonato da segunda divisão rodésiana, emborou a três bolas com o Calles da primeira divisão deste país. A grande figura do encontro foi Jaime, o extre-

mo-esquerdo dos Lusitanos que tem apenas 16 anos de idade e atuou nos juvenis do Futebol Clube do Porto. No seu elegante estilo de jogo, recebeu os melhores aplausos da numerosa assistência que acorreu ao campo da Associação Portuguesa de Salisbúria.

5, 10 - SPORTING, 1

TE...

locais. Não se pouparam a terem-se galhardamente por que pudesse ter ressonância portuense. O Sporting que, em seus domínios, não fosse o «O domínio do jogo tinha carnada». E, aos 70 minutos, o golo nos pés, mas o resultado, Esvaia-se a última ser obtido, pelo menos, um O Sporting, que tivera na te uma exibição bastante ainda que sem acutilância trouxe imenso na segunda. O sector foi a defesa — re- auto-suficiente. No meio- as Gonçalves, que seria subs- boa actuação. No ataque, o melhor. Aliás, o que parece bitual.

eiros, destacaram-se Melo,



do, o estreante Simão («em- Belenenses») e Reis. steve bem. Não viu a agres- Carlos a Varela, pois estava acompanhando a jogada que outro meio-campo.

MANUEL LUIS MENDES

Simão, o angolano que O Belenenses cedeu (por uma época) tenta evitar o remate de Marinho,



Tommy Docherty, o treinador do Porto, não parece muito tranquilo

TIRSENSE, 2 - F. C. PORTO, 2

AÍ ESTÃO OS «FLECHAS NEGRAS»...

«Flechas negras» — assim chamam os adeptos do Tirsense que seu grupo de futebol, «leader» destacado da Zona Norte da II Divisão e à beira do regresso à divisão principal. Pois, os «flechas negras» tiveram ontem uma actuação bem significativa sobre o seu valor e ânimo: depois de estarem a perder por 0-2 com a forte equipa do F. C. Porto, chegaram ao empate e só não foram mais longe porque a fortuna preferiu o azul-branco...

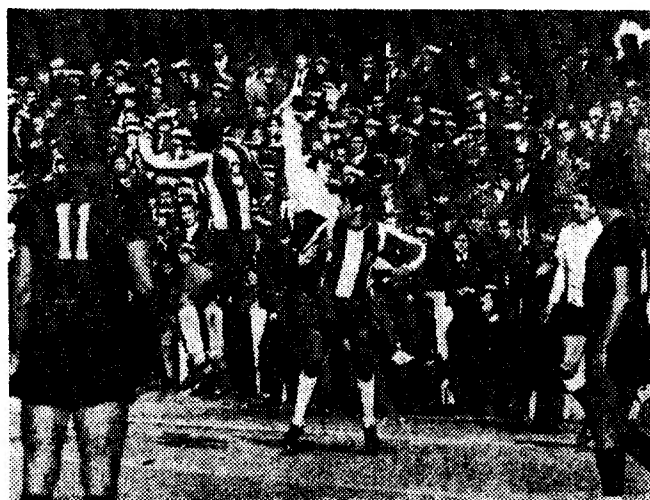
Logo de início se verificou ligeira supremacia Tirsense que foi neutralizada pela defesa portista.

Mercê desse domínio verificou-se aos 5 minutos a primeira «perda» dos locais quando Amândio em óptima posição atirou ao lado da baliza de Vaz.

O Porto mercê da melhor técnica dos seus atletas foi assentando o seu jogo e a defesa local viu-se em apuros para sustar as suas investidas. No entanto, o Tirsense sempre que se apoderava da bola fazia-o com perigo e numa jogada entre Silva e António Luís foi este rasbeirado dentro da grande área sem que o árbitro assinalasse a respectiva falta.

A partir de então verificou-se uma ascensão por parte do Porto e, quando aos 31 e 34 minutos, respectivamente, o portista Ronaldo coloca o marcador em 0-2 pensou-se que a «goleada» estava iminente.

Todavia, a equipa de Santo Tirso, sem se perturbar com o resultado desfavorável, lançou-se deliberadamente ao ataque e aos 37 minutos perdeu excelente oportunidade de reduzir a diferença por morosidade no remate de Silva. Com mais ânimo e garra por parte dos «flechas negras» começou-se a jogar taco-a-taco com os dois grupos a penetrarem com mais assiduidade dentro das respectivas áreas.



O guarda-redes do Tirsense em dificuldades...

U. TOMAR, 1-C. U. F., 0

FRAGILIDADE NO REMATE

Os compartimentos dianteiros das duas equipas, em especial na primeira parte do encontro, fraquejaram, nitidamente, no capítulo do remate. Por isso, o nulo no marcador reflectia com exactidão esse negativismo.

A meio do campo, os unionistas de Tomar desfrutavam sempre de certa vantagem e tal predomínio facilitou-lhes também uma melhor organização nos lances ofensivos.

Os custistas empenharam-se com energia na defesa — o seu mais valioso sector — e procuraram ensinar

contra-ataques, alguns dos quais lhes saíram mais ou menos bem. Na execução do remate é que a inspiração falhou de maneira calamitosa.

No segundo tempo, os tomarense exerceram maior pressão territorial e Kiki marcou o único golo da partida — um golo que aliás define um vencedor justo. Porque, na verdade, os unionistas se mostraram no declinar do prélio, mais empreendedores nos movimentos atacantes e mais decididos nos disparos de balizas.

C. T.

Numa dessas investidas logrou o Tirsense beneficiar, aos 44 minutos, de um castigo máximo por desobediência a Silva que o árbitro, desta vez, não hesitou em assinalar. O mesmo Silva chamado a marcar permitiu que Vaz defendesse sem grande dificuldade embora em «falta».

Para o segundo tempo esperava-se mais do F. C. Porto, devido à sua capacidade atlética e ao desgaste dos homens de Santo Tirso.

Afinal assistiu-se ao reviver dos «flechas negras» com a bola em cima da baliza do Porto e aos 15 minutos Jói teve o golo nos pés mas, mais uma vez, a sorte negou-lhes esse prémio, sendo Valdemar o substituto do seu guarda-redes, defendendo sobre a linha de golo.

Mercê do domínio do Tirsense, apareceu finalmente aos 17 minutos o golo tão

desejado e que veio premiar o esforço desse domínio. Esse prémio nasceu de um canto apontado por Carvalho que Silva finalizou com um pontapé colocado, mais em jeito do que em força.

O Porto reagiu e apareceu ao ataque, mas a defesa do Tirsense, muito atenta, anulou todas as suas tentativas.

Finalmente, aos 36 minutos, chegou o golo do empate por intermédio de António Luís.

A arbitragem de João Calado pecou somente em perdoar ao Porto a penetração cometida sobre António Luís.

FERNANDO MARTINS

ACADÉMICA, 1 - NAZARENOS, 0

PARA ONDE FOI O FUTEBOL ESCOLAR?

A «Taça de Portugal» levou a Coimbra a equipa dos «Nazarenos» que estão a disputar o Nacional da III Divisão. Esperava-se, por isso, certas facilidades por parte da Académica, dadas as naturais diferenças técnicas ou tácticas existentes entre as duas turmas. Mas tal não aconteceu. Porquê?

Sem querermos de modo algum menosprezar o valor dos rapazes da Nazaré, devemos-nos a supor que com o campo em condições normais (o relvado do Calhábé estava transformado num charco, escorregadio e perigoso) o resultado poderia ser outro.

Na verdade, com um terreno assim, (sem um mínimo de condições) teria que fatalmente afectar a equipa mais tecnicista (a da Académica) trazendo, por outro lado, benefícios para os nazarenos que para além de adoptarem outro tipo de futebol, mais em força do que em jeito, vieram a Coimbra para perder pelo menor número de golos possível, postando-se à frente da sua baliza, e defendendo-a de qualquer maneira.

Mas isto só por si não chega para justificar tão magro resultado, pois um jogo que parecia fácil, (até porque o golo apareceu aos 15 minutos) acabou por confirmar o mau momento da Académica.

Assim, não compreendemos que os «estudantes», durante grande parte dos 90 minutos, insistissem em tentativas de jogo mudo e rendilhado, que logo se malograva nas poças de água semeadas pelo rectângulo, quando na verdade o que se impunha era outro tipo de futebol. E quando a equipa de Coimbra verificou a ineficácia e a impraticabilidade da sua maneira de jogar, e decidiu adoptar processos mais de harmonia com o estado do terreno, encontrou pela frente uma defesa enérgica, decidida e compenetrada.

Outra má exibição da Académica, que nos leva a perguntar: para onde teria ido o futebol escolar? A equipa de «Os Nazarenos» comandada pelo veterano Cavém, conseguiu os seus intentos, jogando sempre à defesa, raramente se afoitando à frente e regressou a casa com a derrota mínima, o que deve por isso deixar satisfeitos os seus jogadores e esperanças na qualificação.

A arbitragem de Marcos Lobato (Setúbal) não teve problemas e situou-se em bom nível.

MANUEL UMBELINO

BARREIRENSE, 1 - LEIXÕES, 0

DOIS ATAQUES MUITO «POUPADOS»

O Barreirense, que tem revelado excelente «forma», não convenceu com o resultado tangencial de um-zero frente a Leixões e, surpreendeu os que lhe aguardavam triunfo mais «folgado». Realmente, seria de esperar que os barreirenses conseguissem vantagem mais confortável, a garantir (ou quase) tranquilidade para o encontro da segunda eliminatória da Taça, a disputar, em Março, em Matosinhos. Mas, verdade seja, o triunfo por 1-0, está certo; a equipa não merecia mais...

Os dois grupos desenvolveram um jogo aberto, franco, qualquer deles a acutilar a zona do meio campo, delineando ofensivas que tornava o espectáculo agradável. Se o Barreirense iniciou tal padrão de jogo, também foi a mesma equipa que quebrou o ritmo, enquanto que os leixões mantiveram o mesmo colorido na urdidura dos lances, particularmente no último trecho da contenda.

Revelava-se no entanto, o maior poder de infiltração da turma barreirense, com Farias sempre na brecha, e da sua autoria saiu o único tento do encontro. Porém, o rendimento do conjunto do Barreirense desaparecia à medida que o tempo decorria, dando a impressão que os visitados pouparam o golo alcançado, em vez de aproveitar as qualidades de remate dos seus componentes. E, para reforçar a opinião, lembremos dois golos ingloriamente desperdiçados por Farias, aos cinquenta minutos e, por Serafim, nos últimos segundos do jogo.

O Leixões, por seu lado — repetimos —

superiorizou-se na segunda parte na manufatura dos lances, faltando-lhe, todavia, a concretização das jogadas de ataque. Tudo estava bem feito até à aproximação da área de remate; depois... depois a bola morria aos pés dos defensores barreirenses, acusando a equipa de Matosinhos indecisão e timidez à entrada da «zona da verdade».

O Barreirense e o Leixões apresentaram o mesmo sistema de jogo, desenvolvendo fases de boa urdidura técnica, salientando-se nesse particular Bené e Mira que se preocuparam a variar o rumo das jogadas, mas nem sempre acompanhadas pelos jogadores atacantes, que tornavam improficuos os esforços daqueles companheiros. Havia, de facto, o propósito na construção das manobras ofensivas, embora pouco acutilantes, passando, variavelmente, a bola entre os dois compartimentos defensivos. Uma ou outra rara fugida dos barreirenses criava inquietude na turma visitante, que lá ia resolvendo, embora precipitadamente, os problemas.

Dentro das características reveladas pelas duas equipas merecem realce o trabalho de João Carlos, a vivacidade de Serafim, o comportamento de Farias (só no primeiro tempo) e a atenção de Bento, pela banda do Barreirense.

Quanto à equipa do Leixões, distinguiram-se, além de Bené, Raul Oliveira, Gentil e Esteves.

A arbitragem de Ilídio Cacho foi correcta.

MARIO FRANCO



Farias, o brasileiro do Barreirense foi desta vez dominado pela defesa do Leixões

SANJOANENSE, 0 - V. GUIMARÃES, 2

EUROPEUS DE JUDO

BORDEUS, 16. — (F. P.) — Os campeonatos da Europa de Judo, para «esperanças» e juniores, disputar-se-ão nesta cidade de 12 a 14 de Março próximo. Os campeonatos serão disputados por 17 países.

O cinquentenário do Sporting de Braga

Nas comemorações das Bodas de Ouro do Sporting Clube de Braga, o Grande Prémio de Atletismo, marcado para o próximo dia 22 de Março, tem lugar à parte.

Pretende o popular clube bracarense reunir nesse certa- mente, destinado à categoria de populares, representantes de todos os clubes do Norte do País, desde o mais modesto até ao mais consagrado.

Os concorrentes serão distribuídos pelas seguintes categorias: juvenis (16 anos), juniores (17 a 19 anos), seniores (mais de 19 anos) e veteranos (mais de 30 anos), que terão de percorrer, respectivamente, as distâncias de 2000, 4000, 5000 e 3000 metros.

São considerados «populares» os atletas que nunca praticaram oficialmente a modalidade ou que tenham deixado de o fazer há, pelo menos, três anos completos.

MEIO CAMINHO ANDADO

A manobra feita com o Sanjoanense acabou na primeira metade, pontuando futebol «cozido» e ligeiro como os seus visitantes, fez pensar em que a partida seria equilibrada.

De facto assim aconteceu. Duas ou três perdas que cada conjunto azeiteou antes do apito para o intervalo, fizeram com que este chegasse sem que qualquer dos contendores se felicitasse pela obtenção do desejado gol.

Velocidade nas jogadas e disparos a miúdo não faltaram, mas nenhuma linha dianteira, nesse período, teve talento para desfazer os guarda-redes, bastantes vezes chamados a intervenções de apuro.

Já para além do descanso o grupo da casa teve de multiplicar os seus esforços para suportar a maior pressão do antagonista, agora a manobra com mais liberdade devido à natural quebra do grupo da casa que, sem deixar de apor- quantar o último reluto dos visitantes, se viu remediado a defesa mais cerrada.

As entradas de Bêlo e de Bernard, da Velha de- cam a equipa minhota maior frescura e acutlan- cia e a sua insistência sobre as balizas de Fidalgo, não podia deixar de dar os ap- tecidos frutos.

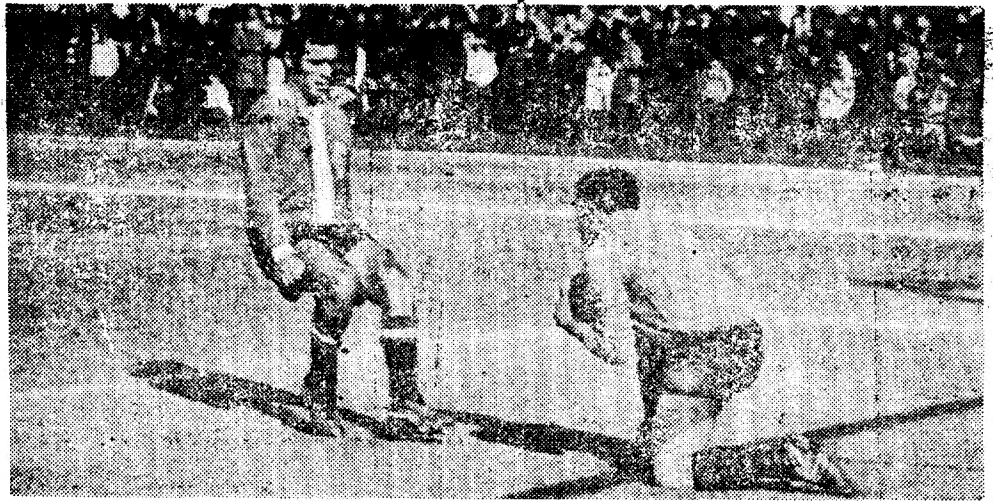
A soma final de golos acusada pelo marcador re- flecte perfeitamente o tra- balho do grupo que mais mereceu a vitória mas fala também da oposição que lhe deu o grupo de S. João da Madeira.

Assimilate-se o excelente en- contro realizado pelos vi- marenenses, onde a classe de todos os seus elementos foi bem evidente.

Nos locais, todos fizeram o que lhes foi possível, mas as substituições de Freitas (lesionado) e de Vasco, res- pectivamente por Faria e por Louro, não deram maior poder à equipa.

Bom trabalho de Joaquim Campos.

NOÉ TEIXEIRA



Carmo Pais chegou tarde

FAMALICÃO, 1 - BELENENSES, 2

VIDA NEGRA PARA OS «AZUIS»

A parte as dificuldades iniciais de adaptação a um terreno pelado, os «azuis» lograram vencer em Famalicão, ainda que pela diferença mínima. Mas, para sermos suficientemente claros, deve- mos acrescentar ainda que não foi só o estado do terreno que prejudicou o plano de manobra dos «azuis», pois, ora verda- de, o «onze de Famalicão, aliás nada impressionável, jogou verdadeiramente bem, por vezes, até, de

igual para igual, não só em produção de jogo como em domínio territorial.

Com efeito, os famali- censes fizeram gala em apresentar um futebol que, embora não fosse de fino recorte, nem por isso deixou de agradar. Serra- no não esteve inactivo e sentiu mesmo dificuldade em manter as suas redes intactas, pois os contra- ataques dos locais, giza- dos com a bola colada ao solo, eram na maioria dos casos bastante perigosos.

Evidentemente predom- inou quase sempre o futebol mais «esquecido» do Belenenses. No enan- to a equipa de Famalicão, pela maneira como se bateu, merece, sem dúvi- da, um aceno de simpatia.

Na segunda parte, foi por de mais evidente a incapacidade física dos famalicenses para eguen- tarem o ritmo inicial e, foi com a maior natura- lidade que o Belenenses tomou o comando do jogo. Porém, o inconformismo dos locais esteve bem pa- tente quando Luís Pereira, na sequência de um canto, atirou ao poste, oportunidade que daria ao Famalicão a igualdade. Mas, uma vez mais, veio à flor do jogo a maturi- dade do futebol «azul», concretizado com um gol de Sapori a dar ao Be- lenenses relativa tranqui- lidade. Os locais, persis- tiam, contudo, em «antes quebrar do que tor- cere», toada que viria a

ser coroada de êxito, a seis minutos do final, com um tento de Miranda, que atirou à baliza sem pos- sibilidades para Serrano.

P. C.

TIRO UMA VITÓRIA DE ARMANDO MARQUES

Nos campos de tiro do Clube Português de Tiro a Chumbo, situados no Monte das Perdizes, em Monsanto, realizaram-se ontem três provas nas seguintes modalidades: fosso olímpico, «skeet» e voo.

Fosso Olímpico — 1.ª categoria: 1.º, Armando Marques, 28/30; 2.º, Palhavã Pinto, 27/30; 3.º, Carlos Cruz, 26/30. 2.ª categoria: 1.º, Duarte Fer- reira, 26/30; 2.º, Mário Flores, 25/30; 3.º, Antero Lopes, 23/30. 3.ª cate- goria: 1.º, Antero Lopes, 23/30; 2.º, Rodrigues Pin- to, 22/30; 3.º, Eugénio Teixeira, 29/40.

«Skeet» — 1.º, eng. José de Matos, 21/25; 2.º, Ar- mando Marques, 20/25.

Voo — 1.º, António Ca- vaco, 15/15; 2.º, Palhavã Pinto, 14/15; 3.º, Carva- lho Monteiro, 9/10.

RALLYE DE MONTE CARLO



equipava os dois primeiros classificados

sempre presente nas grandes competições

KONI

o temperamento de um triunfador

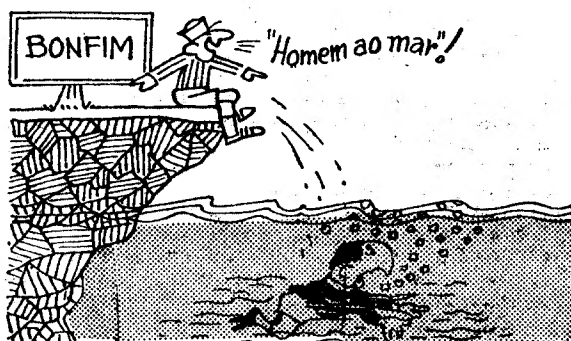
Distribuidores:
SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 23 · ABC · LISBOA
TEL. 73 11 31/2

SINTRENSE 3 - LAMEGO, 0

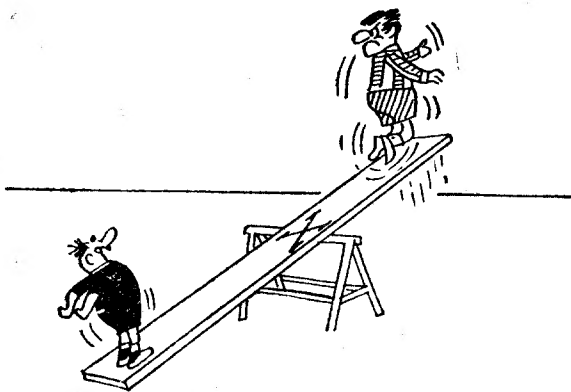
Bonecronica



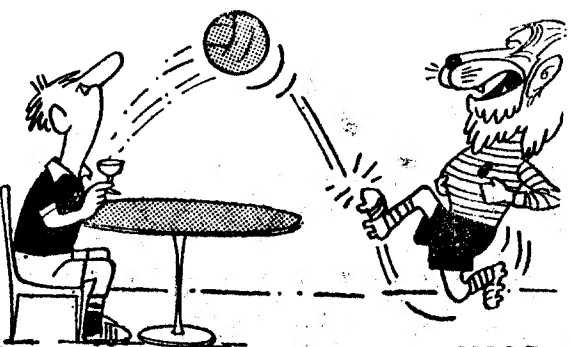
— Se partires, boa viagem quatro mil e... «10»!...



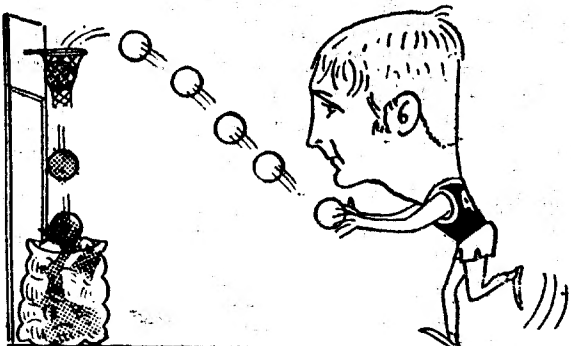
O Benfica, mais uma vez, se «afundou»...



O Porto: — Este é o «brincalhão» da «Taça»!...
O Tirsense: — Pois sim. Lembra-te do Sporting?!



— Toma lá este «pingo», o resto «bebes» em Alvalade!



Um americano no Benfica dá «show»!

FALOU A FORÇA

Como se previa, a visita do Lamego a Sintrense foi cumprida de forma a não surpreender, visto que o Sintrense saiu-se airoso da contenda pela concludente marca de 3-0, de veras significativa.

Contudo não se esperava tanto de uma turma que milita na última divisão nacional. Pondo em prática um futebol colectivo, cheio de primores técnicos, e ainda servida por alguns elementos de boa técnica, conseguiu durante longo tempo, enquanto as forças a não atraçaram, confundir a defensiva contrária, pertencendo-lhe até os melhores momentos para marcar primeiro.

O Sintrense, como lhe compete, adoptou, logo de início, andamento lesto, instalando-se no campo adversário, mas cedo percebeu que se batia com equipa compenetrada e mentalizada para réplica condigna.

O adiantamento dos homens da defesa da casa dava ensejo para que os visitantes organizassem rápidos contra-ataques, e os sintrenses tiveram de mudar de tática, para maior vigilância aos dianteiros lamegoenses, especialmente a Joca e Fernando, os mais perigosos.

Um pouco contra a corrente do jogo, o Sintrense adiantou-se no marcador, em lance que Custódio cortou com o braço, e ao qual o juiz da partida não teve dúvidas em assinalar grande penalidade.

A parte complementar foi de intenso domínio do Sintrense, merecê de melhor preparo físico, mas mesmo assim, os tentos que obteve, no breve espaço de dois minutos, só foram possíveis devido a erros da defensiva do Lamego, que Sérgio e Madeira não desaproveitaram, tendo ainda a madeira da baliza de Idalino sustido um forte remate de Sérgio.

Após estes desaires, os visitantes, em precárias condições físicas para se oporem à maior capacidade do Sintrense, refugiaram-se na defesa, a fim de evitarem maior «goleada» numa tentativa, que nos parece improvável, de recuperação no jogo da segunda mão.

Vitória certa do Sintrense sobre um Lamego que se portou galhardamente.

Gomes, Silva, Marques, Madeira e Sérgio sobressaíram dentre os vencedores. No Lamego, Rebelo, Custódio, Joca e Fernando foram os mais regulares.

Porém Luís fez arbitragem excelente. Os cortes de jogo, sem atender à lei da vantagem, foram admissíveis, pois tinham por objectivo acalmar os ânimos.

MARIO REIS



Custódio (o antigo belenense, agora em Lamego) «alivia» a sua área, antecipando-se ao guardião Idalino.

BRAGA, 1 - MONTIJO, 0

À BEIRA DO «ESCÂNDALO»

Foi simplesmente decepcionante a demonstração de futebol fornecida neste jogo de Taça entre o Braga e o Montijo. Necessariamente que as culpas terão de ser imputadas, em primeiro lugar, ao grupo da casa que esteve longe de produzir futebol compatível com a sua condição de «primodivisionários». Estará realmente «doente» o futebol bracaraense? Há já um mês que não viamos a equipa actuar e ficou-nos a sensação de que perdeu qualidades. Não se vislumbraram jogadas de acerto, alegria de jogar não existiu e conjunto apresentou-se desligado, carecido de ânimo, enfim, uma autêntica decepção. Será que foi acidental esta menos certa ex-

bição? Que o grupo dispõe de outras potencialidades é inegável. Que já demonstrou noutros jogos muito melhor capacidade, também é verdade, mas, que terá que render incomensuravelmente mais também não há a mínima dúvida. O Montijo, limitou a sua actuação ao mínimo não se aventurando a procura de reter proveito da falta de inspiração do antagonista. Mesmo assim, e embora sem grande convicção criou o grupo visitante situações de gol imminente, desperdiçando-os de forma inglória, perdendo assim oportunidade de vir a produzir um resultado sensação. Sensação que só poderia vir a surpreender quem não assistiu ao desenrolar dos

acontecimentos. Enfim, o jogo esteve como a tarde, frio e pardacento.

O Braga, venceu pela diferença mínima o que deixa antever dificuldades para o jogo de retribuição, comprometendo, por isso, a sua continuidade na prova.

Individualmente, só o guarda-redes Armando merece citação, pois em dois lances conseguiu, com arrojo e presença de espírito, virtude que esteve alheia da equipa, evitar o pior.

No grupo visitante, Moisés, José António, Rangel e Vieira Dias, destacaram-se.

Arbitragem do aveirense Porfírio da Silva, a merecer boa nota.

ANGELO MOREIRA



Defesa de José Luís, o guardião do Varzim

BOAVISTA, 3 - VARZIM, 0

PRÉMIO INSUFICIENTE

Surpreendente, na verdade, o facto de a equipa varzimista, sensação do campeonato, ter sido expressivamente batida por um Boavista a viver momentos difíceis provocados pelo espectro da baixa de divisão e que apenas contava como possível vantagem a presente «chicoteada psicológica» processada no seu comando técnico, vantagem, aliás, de concretização imprevisível ou, pelo menos, aleatória. Ou porque essa circunstância se fizesse realmente sentir ou porque a isso obrigasse o futebol passivo do Varzim, a verdade é que o Boavista, tomando desde o primeiro mi-

mento a iniciativa do jogo, partiu decisivamente para a vitória e não mais o seu adversário o pôde acompanhar. Usou o entusiasmo, a força e o querer dos seus jogadores. Mas não apenas: a técnica informou sempre a sua manobra colectiva, sempre vistosa, sempre diferente, e toda ela impregnada de um louvável espírito colectivo. Enquanto isso, o Varzim remetia-se às tarefas de cobertura da zona frontal à sua baliza e, renunciando a discussão directa do comando do desfecho, resumia a sua manobra ofensiva a um contra-ataque inconsistente sem ritmo nem força nítida-

mente ao aparecer... quando aparecesse. Processo que só foi modificado quando a equipa já perdia por 2-0, surgiu então carecido de profundidade na sua manobra global. Era tarde porém. O Boavista fechava-se mais, defendendo bem e atacando sempre que era caso disso, procurando garantir a vantagem que até então conquistara e que era na verdade, o mínimo que merecia. O terceiro gol, obtido já no declinar da partida, veio dar mais expressão ao marcador, que podia ter atingido números bem mais desequilibrados. Arbitragem regular.

JORGE PENA

A CHAVE DO TOTOBOLA

Sanjoan-Guimarães	2
Salgueiros-Sporting	2
Famalicão-Belenenses	2
Tirsense-Porto	X
Setúbal-Benfica	1
U. Tomar-C. U. F.	1
Boavista-Varzim	1
Barcelense-Leixões	1
Corunha-A. Bilbau	X
Elche-Sabadell	X
Saragoça-A. Madrid	1
Maiorca-Celta	X
Pontevedra-Las Palm	X

O BEIRA-MAR GANHOU (2-1) EM CANTANHEDE

Em jogo particular de fronteira no Estádio Municipal de Cantanhede as equipas do Marialvas e do Beira-Mar, de Aveiro. Sob a direcção de Manuel Idas, de Coimbra, as equipas alinharam:

MARIALVAS — Lucas; Cristo, Rui Vagos, José Luís e Bento (José Augusto), Mário Silva (Musa) e Paulo Martins; Rui Cardoso (Vitor), Rasteiro, José Carlos e Diamantino (Neves).

BEIRA-MAR — Diamantino (Paulo); Eduardo, Bernardino (Viriato), Soares e Celestino; Cândido (Abdul) e Colorado; Jerónimo (Lázaro), Amaral, Nêlino (Creo) e Almeida.

Ao intervalo 1-2, golos de Amaral e Nêlino, pelos aveirenses e de José Carlos pelos locais.

Na segunda parte o resultado não sofreu alteração. — L. A.

Festa em OFIR

O PRÊMIO «ROBBIALAC» GANHA NOVAS CÔRES

A questão é juntarem-se, num mesmo homem ou numa mesma organização, a possibilidade de fazer com a capacidade para fazer bem. Quando as duas qualidades se acasalam — nasce o êxito. E assistimos agora ao nascimento de um êxito, que seguramente o será a nona edição do Grande Prémio «Robbialac», a primeira prova portuguesa de iniciativa particular que foi distinguida com a inclusão no calendário internacional de ciclismo.

Simplesmente, na prova que vai disputar-se, o ciclismo será quase... um pretexto. Melhor: um «número» da animada festa que ao longo de oito dias animará a bela estância de Ofir. Concebida em moldes inéditos entre nós (como se verifica no projecto do itinerário que ontem subemos), procura dotar-se a competição de condições que a valorizem como espectáculo desportivo, sendo de esperar a presença de corredores estrangeiros.

O ciclismo será a «primeira figura» da festa — mas vários outros motivos de agrado ela apresentará, pois os organizadores

souberam «descobrir» que o desporto das bicicletas pode pedalar com muitos sentidos: desde a propaganda comercial (que em todo o mundo o abraçou), até às grandes iniciativas para o descobrimento do turismo. Porque as boas corridas são sempre um grande atractivo — que se robustece quando o espectáculo não se limita a uma fugaz passagem dos corredores. Durante oito dias, em Junho próximo, Ofir oferecerá aos seus visitantes nada menos de quatro finais de etapas. Mas, no âmbito da própria organização do Grande Prémio «Robbialac», a corrida será acompanhada pelas mais variadas diversões. Tudo isto junto é que resulta na festa que o espírito vivo de Damasceno Covão idealizou.

A primeira amostra da dimensão que se pretende dar ao acontecimento, tivemos-la agora, na reunião realizada no hotel de Ofir, para que os organizadores comunicassem os seus projectos. Pode dizer-se que foi uma reunião «em grande estilo». E assim será, certamente, no próximo mês de Junho, quando esses projectos se concretizarem.

O JAPÃO VAI TER-FUTEBOL PROFISSIONAL

Após a derrota da sua selecção no subgrupo 15 do torneio de classificação para o «Mundial» do México, os japoneses estão a pensar, muito a sério, em introduzirem o profissionalismo no futebol.

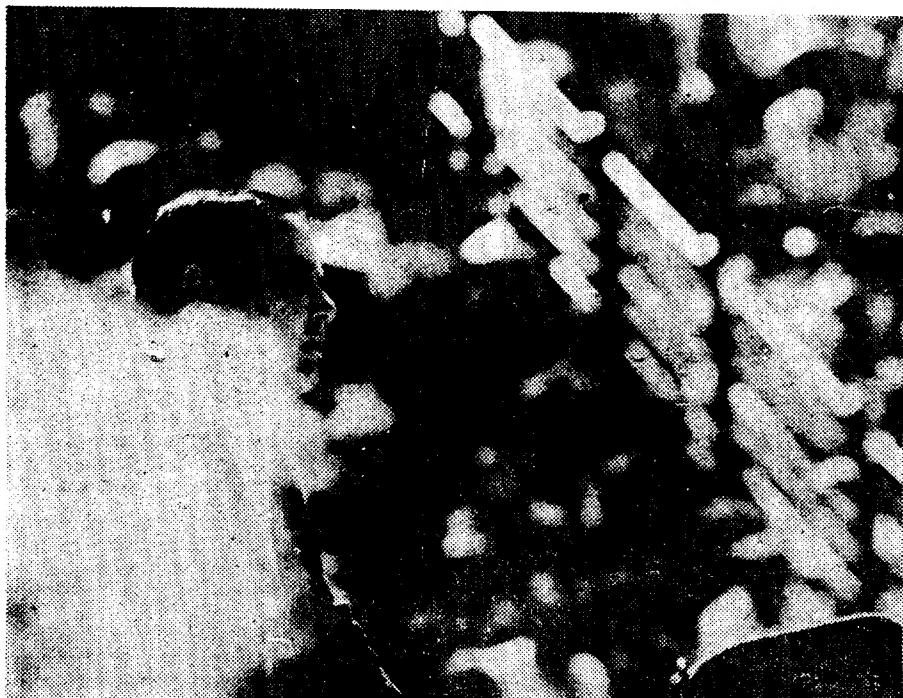
Um grande número de importantes empresas industriais mostrou interesse em patrocinar equipas de futebol não só como propaganda da em-

presa, mas também para fomentar a expansão e desenvolvimento do futebol japonês.

Não se duvida de que os japoneses, com a preparação ginástica que têm, em breve atingirão bom nível, tal como tem acontecido em outros desportos. E esta imagem é bem significativa sobre o entusiasmo e o vigor com que se joga a bola lá pelo Oriente...



O CREPÚSCULO DE «DEUS» OTTO



O acontecimento da semana que findou foi o afastamento de Otto Glória, do cargo de treinador das equipas de futebol do Benfica. E se esse passo amargo é vulgar na vida esportiva dos treinadores, no caso de Otto Glória tem o simbolismo de um crepúsculo. Agora, o homem que orientou as mais fortes e ambiciosas equipas portuguesas (Benfica, Sporting, Belenenses e Porto) dificilmente voltará a erguer-se para a posição que, por seus méritos profissionais, ocupou no futebol português.

Otto chegou a Portugal e logo conquistou prestígio... e campeonatos. Pela primeira vez, as mais avançadas táticas e as técnicas mais evoluídas do futebol falaram português. O que se seguiu foi uma reviravolta completa na orgânica do futebol benfiquista. Reviravolta que seria a semente de um progresso que levou, primeiro o Benfica e depois o próprio futebol nacional, para horizontes nunca sonhados.

Depois, de clube em clube, sempre com

obra positiva, Otto regressou ao Benfica.

Com a selecção nacional viveu os momentos mais altos do futebol nacional.

Há oito dias, no âmbito de uma reforma determinada pelos dirigentes benfiquistas Otto Glória foi afastado. Problemas de saúde, que há muito tempo já o vinham preocupando, talvez a própria saturação mostrada por uma longa e desgastante carreira, terão sido os motivos principais do crepúsculo de Otto, cujo prestígio, como técnico, continua intacto.

Este afastamento do Benfica poderá não marcar o fim da sua carreira como homem do futebol mas é improvável que voltemos a vê-lo, envergando o fato de treinador. Entre o Brasil e a Europa — a hipótese de um lugar de secretário técnico num clube de projecção mundial. É provável que assim aconteça — é mesmo um projecto que vivia na mente de Otto há bastante tempo.

Mas em Portugal — e no plano que sempre ocupou — chegou a hora do seu crepúsculo.

Dilema para Baltasar: amador... ou Metrópole

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — Um dos grandes do futebol moçambicano está indeciso em trocar o amadorismo pelo profissionalismo. Ernesto Baltasar, do Petroviário, com 1,69 m de altura e 68 kg, é, sem contestação, um homem de «explosões súbi-

tas» e «acrobacias endiabradas» — que, na generalidade, provocam verdadeira «consternação» nos sistemas defensivos de qualquer equipa. Assim se refere Angelo Oliveira, de «A Tribuna», ao falar do actual «equipe» do futebol moçambicano.

VOCÊ SABE O QUE É A «FÓRMULA FORD»?

— LEIA NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA O motor